



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Riane Avelino Dias

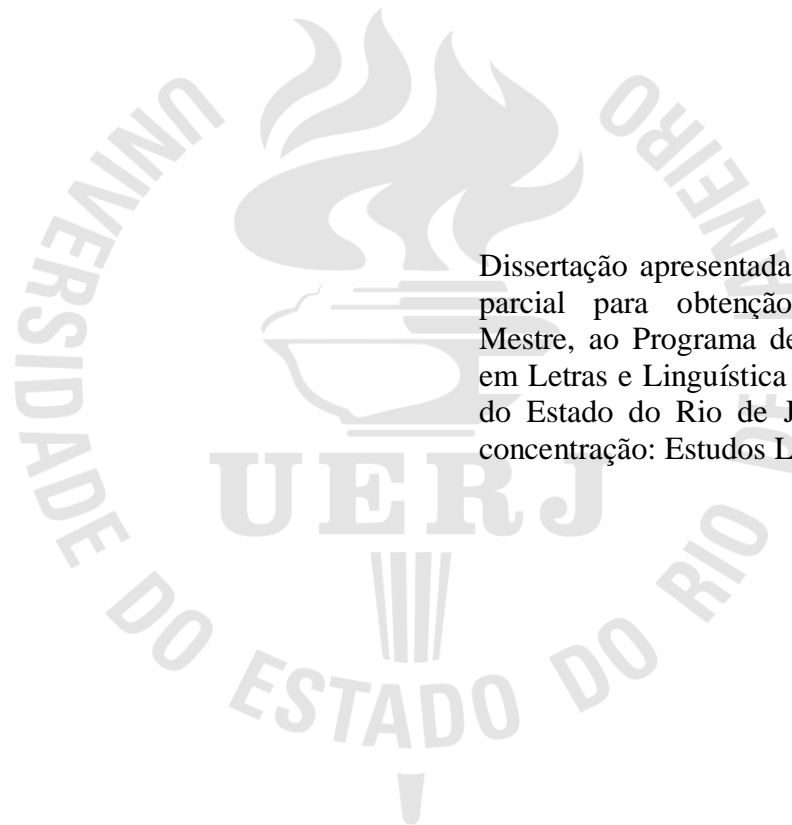
**Pedro Rabelo e o naturalismo**

São Gonçalo

2018

Riane Avelino Dias

**Pedro Rabelo e o naturalismo**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Pinto Mendes

São Gonçalo

2018



Riane Avelino Dias

**Pedro Rabelo e o naturalismo**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários.

Aprovada em 23 de outubro de 2018.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Leonardo Pinto Mendes (Orientador)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cristina Cardoso Ribas  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Pedro Paulo Garcia Ferreria Catharina  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2018

## AGRADECIMENTOS

A esta universidade (UERJ/FFP), seu corpo docente, direção e administração, que mesmo em momentos tão delicados para o sistema público de ensino superior, fincou bases sólidas em prol do ensino de qualidade pela qual é internacionalmente reconhecida.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pela concessão da bolsa de estudo que me auxiliou financeiramente na execução desse trabalho.

A Academia Brasileira de Letras, Biblioteca Nacional e Fundação Casa de Rui Barbosa pelo excelente atendimento e pela disponibilização de seus acervos, sem os quais não seria possível concluir esta pesquisa.

Principalmente, e especialmente, a Leonardo Pinto Mendes, orientador desta pesquisa, cujo apoio foi imprescindível para sua conclusão. Agradeço por todos os conselhos, incentivos e correções.

A minha família, em especial a Gabriella Almenteiro Ventura, por todo o suporte e carinho.

A paciência daqueles que acreditaram na realização de mais esta etapa acadêmica, em especial a Aline Moreira de Almeida, amiga querida que esta aventura acadêmica me proporcionou. Obrigada pelo ombro amigo nas horas difíceis.

E, por fim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação e que me guiaram até este momento, o meu muito obrigada.

Não é mister ocultar órgãos que engendraram tantas criaturas belas. Seria antes mister ocultar nossas mãos, que nos dissipam o dinheiro, fazem juramentos falsos, emprestam a juros usurários, torturam a alma, ferem e matam.

*Pietro Aretino*

## RESUMO

DIAS, Riane Avelino. *Pedro Rabelo e o naturalismo*. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

Esta dissertação propõe a releitura da história e a reconstituição do contexto social do escritor Pedro Carlos da Silva Rabelo (1868–1905) e sua atuação como autor e jornalista nos primórdios da Primeira República, investigada através de fontes primárias na Hemeroteca Digital Brasileira/FBN. O tema é constituído a partir de notas biográficas, do contexto social e literário em que estava inserido o seu trabalho e das opiniões da crítica em jornais e revistas, que atuavam como divulgadores de trabalhos literários, e dos ideais políticos defendidos pelos jovens escritores do final do século XIX, incluindo Pedro Rabelo. Este trabalho propõe apresentar parte da produção jornalística de Pedro Rabelo e sua contribuição para a propagação de conhecimento científico para o leitor da *Gazeta de Notícias*, em 1891 e 1892, através da coluna “Notas Científicas” da qual foi o principal colaborador. Assim como a análise do volume de contos *A alma alheia* (1895) como obra “naturalista”, a partir da concepção de naturalismo do crítico inglês David Baguley, que amplifica o conceito e o divide em dois tipos: o trágico e o cômico ou de desilusão. Também será apresentado o conceito de “Leitura Alegre”, utilizado pela imprensa da época para se referir a obras de teor licencioso muito comercializadas no período de maior produção do autor, e identificar correlações com *Casos Alegres: Histórias para sorumbáticos* (1905), livro assinado com seu pseudônimo Pierrot. Esta pesquisa tem como proposta contar a história de Pedro Rabelo e produzir um conhecimento novo sobre a literatura do fim do século XIX.

Palavras-chave: Naturalismo. Pedro Rabelo. Literatura brasileira.

## ABSTRACT

DIAS, Riane Avelino. *Pedro Rabelo and the naturalism*. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

This dissertation proposes the rereading of the history and the reconstitution of the social context of the writer Pedro Carlos da Silva Rabelo (1868-1905) and his work as an author and journalist in the beginnings of the First Republic, investigated through primary sources in the Brazilian Digital Library / FBN. The theme is constituted by his biography, the social and literary context in which his work was inserted and the opinions of the critics in newspapers and magazines, who acted as disseminators of literary works and of the political ideals defended by the young writers of the end of the 19th century, including Pedro Rabelo. This paper proposes to present part of the journalistic production of Pedro Rabelo and his contribution to the propagation of scientific knowledge to the reader of the *Gazeta de Notícias*, in 1891 and 1892, through the column "Scientific Notes", of which he was the main collaborator. As well as the analysis of the volume of short stories *A alma alheia* (1895) as a "naturalist" work, from the concept of naturalism of English critic David Baguley, which amplifies the concept and divides it into two types: tragic and comic or disillusioned. It will also be presented the concept of "Leitura Alegre" used by the press of the time to refer to works of licentious content heavily marketed in the period of greatest production of the author, and identifies correlations in *Casos alegres: Histórias para sorumbáticos* (1905), book signed with his pseudonym Pierrot. This research aims to tell the Pedro Rabelo's story and produce a new knowledge about the literature of late nineteenth-century Brazil.

Keywords: Naturalism. Pedro Rabelo. Brazilian literature.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|             |  |    |
|-------------|--|----|
| Figura 1 –  | Pedro Rabelo em rara fotografia, c.1900, sentado à direita em companhia de Plácido Junior e Martins Passos ..... | 22 |
| Figura 2 –  | A alma alheia (2012) – Editora Zero Papel – Ebook .....  | 25 |
| Figura 3 –  | A alma alheia (2017) – Editora Forgotten Books – Impresso .....  | 25 |
| Figura 4 –  | Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 13 de out. 1895. p.1 .....   | 47 |
| Figura 5 –  | Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 15 de out. 1895. p.1 .....   | 48 |
| Figura 6 –  | Almanak Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, s.d 1897. p.275 .....  | 49 |
| Figura 7 –  | A Estação, Rio de Janeiro, 31 de out. 1895. p.14 .....   | 50 |
| Figura 8 –  | Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 03 de nov. 1895. p.5 .....   | 51 |
| Figura 9 –  | O Rio Nú, Rio de Janeiro, 24 ago. 1907, p.4 .....  | 67 |
| Figura 10 – | Nota sobre o aparecimento de Filhotadas. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 4 dez. 1897, p.1 .....              | 68 |
| Figura 11 – | O Rio Nú, Rio de Janeiro, 1 set. 1900, p.6 .....   | 69 |
| Figura 12 – | O Rio Nú, Rio de Janeiro, 27 dez. 1905, p.7 .....  | 69 |
| Figura 13 – | O Fluminense, Rio de Janeiro, 1 abr. 1903, p.2 .....   | 70 |
| Figura 14 – | A Cigarra Nº 13 Capa por Julião Machado .....  | 72 |
| Figura 15 – | A Bruxa Nº 8 Capa por Julião Machado .....   | 72 |
| Figura 16 – | Casos Alegres 1ª edição fotografado no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Capa por Julião Machado .....     | 73 |
| Figura 17 – | Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 28 de mar. 1891. p.1 .....   | 92 |
| Figura 18 – | Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 01 de jun. 1891. p.1 (continua) .....  | 93 |
| Figura 19 – | Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 01 de jun. 1891. p.1 (conclusão) ....  | 94 |
| Figura 20 – | Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 01 de set. 1891. p.2 .....   | 95 |
| Figura 21 – | Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 19 de set. 1891. p.2 (continua) .....  | 96 |

|             |  |     |
|-------------|--|-----|
| Figura 22 – | Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 19 de set. 1891. p.2 (conclusão) .....   | 97  |
| Figura 23 – | “Grupo antigo, em que se vêem o Dr. Paranhos Pederneiras, Arthur Azevedo, Alvares de Azevedo, Sr Olavo Bilac, Pedro Rabello, Placido Junior, Coelho Netto, Leoncio Correia e Henrique Hollanda, sendo estes tres ultimos os unicos sobreviventes. Fomos encontrar o precioso original no gabinete de trabalho do nosso confrade Abelardo Pardal.” Disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/FBN: Jornal <i>O Malho</i> ano 1919. p. 34 ..... | 98  |
| Figura 24 – | “Proeminentes intelectuais brasileiros encenam uma jocosa réplica do quadro A lição de anatomia do mestre holandês Rembrandt: Olavo Bilac, Leôncio Correia, Henrique Holanda, Pedro Rabelo, o doutor Pederneiras, Álvaro de Azevedo Sobrinho e Plácido Júnior.” Disponível no site da Academia Brasileira de Letras na galeria Fundação .....  | 99  |
| Figura 25   | A alma alheia (1895).....  | 100 |

## SUMÁRIO

|     |   |     |
|-----|---|-----|
|     | <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 10  |
| 1   | <b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E ELEMENTOS BIOGRÁFICOS</b> .....            | 17  |
| 1.1 | <b>Manuais e obras de referência</b> .....                            | 17  |
| 1.2 | <b>O que podemos acrescentar a partir da nossa pesquisa</b> .....     | 20  |
| 2   | <b>OS PSEUDÔNIMOS E A COLUNA “NOTAS CIENTÍFICAS”</b> .....            | 26  |
| 2.1 | <b>Os pseudônimos</b> .....   | 26  |
| 2.2 | <b>A coluna “Notas científicas”</b> .....                             | 29  |
| 3   | <b>A ALMA ALHEIA E O NATURALISMO DA DESILUSÃO</b> .....               | 45  |
| 4   | <b>CASOS ALEGRES E A “LEITURA ALEGRE”</b> .....                       | 66  |
|     | <b>CONCLUSÕES</b> .....   | 86  |
|     | <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 88  |
|     | <b>ANEXO A - Crônicas Científicas Seleccionadas (1891-1892)</b> ..... | 92  |
|     | <b>ANEXO B - Registros Fotográficos de Pedro Rabelo</b> .....         | 98  |
|     | <b>ANEXO C - <i>A alma alheia</i> (1895)</b> .....                    | 100 |

## INTRODUÇÃO

O conceito que originou este trabalho foi concebido em 2014 durante um experimento na disciplina “Literatura e Diversidade Cultural” da pós-graduação *lato sensu* em Estudos Literários da UERJ/FFP, em São Gonçalo. Nela, o professor responsável Leonardo Mendes (orientador desta pesquisa) nos propôs escolher e desenvolver ao longo do semestre uma investigação sobre os principais conceitos do naturalismo de David Baguley em autores esquecidos pela historiografia, previamente selecionados pelo professor.

A princípio eles foram nomeados como “pequenos naturalistas” e, de preferência, deveríamos utilizar fontes primárias, como a Hemeroteca Digital Brasileira/FBN ou outros acervos disponíveis sobre os autores. Estas ferramentas serviriam para identificar se as obras desses autores realmente poderiam ser chamadas de naturalistas e se foram lidas como naturalistas pelos críticos e leitores no primeiro momento de circulação. Dentre os autores, encontrava-se o nome de Pedro Rabelo (1868-1905).

A pesquisa me guiou primeiramente até a fala de Alberto Venâncio Filho que, em conferência proferida na Academia Brasileira de Letras, durante a sessão de abertura do Ciclo Origens da Academia, em 2004, e disponível no site da ABL, afirmou que:

A análise dos quarenta imortais revelaria que à época eram figuras de destaque na vida literária e que, depois de 1897, continuaram trajetória de êxitos. Passados cento e sete anos, o elenco desses nomes aponta esquecimento de muitos. Quem se recorda hoje de Luís Murat, Filinto de Almeida, Teixeira de Melo, Urbano Duarte, cujo centenário da morte em 2002 ocorreu em branca nuvem, Garcia Redondo, Pedro Rabelo, Luís Guimarães Júnior? (VENÂNCIO FILHO, 2004)

Foi a partir deste discurso que cresceu a curiosidade de compreender quem foi esse escritor esquecido pela própria Academia que ajudou a fundar. O trabalho foi iniciado com o propósito de ser apresentado em sala de aula, mas foi finalizado à época como a monografia de conclusão de curso na pós-graduação *lato sensu* em 2014.

Por ter relação com seu projeto de pesquisa “Os pequenos naturalistas, 1880-1920” (ao qual esta pesquisa está vinculada), o professor Leonardo Mendes incentivou que um projeto de pesquisa fosse apresentado ao programa de pós-graduação em Letras e Linguística – PPLIN da UERJ/FFP durante o processo seletivo para a formação de sua primeira turma, o qual foi aprovado e contemplado com bolsa pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ em 2017.

Ao longo da pesquisa, para o contexto histórico, nos apoiamos preferencialmente na pesquisa da historiadora Maria Tereza Chaves de Mello, em *A República Consentida: cultura democrática e científica no final do Império* (2007), que analisa a realidade sociocultural dos primórdios da república como essencialmente democratizante. Neste momento o mercado livreiro procura manter seus consumidores constantemente atualizados com o que acontecia no exterior e, ao mesmo tempo, em divulgar a produção nacional da época. Simultaneamente observa-se uma atuação múltipla dos escritores que se manifestavam como romancistas, poetas, jornalistas, cronistas e como críticos de outros escritores, que em muitos casos abandonavam cursos superiores na esperança de viver e se sustentar apenas de seus escritos (MELLO, 2007).

Com Alessandra El Far, em *Páginas de Sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro* (2004), temos o pano de fundo de um mercado editorial em expansão. El Far afirma que:

O leitor carioca de finais do século XIX, sedento de alguma novidade literária, atrás de um autor específico ou até mesmo de um título pouco recomendado aos amantes das belas letras, dificilmente voltaria para casa de mãos vazias. (...) Livreiros de maior e menor calibre procuravam conquistar seus clientes, colocando nas vitrines as novidades do momento. Aos olhos do freguês estavam os autores aclamados nos jornais, as edições de luxo, os exemplares chegados havia pouco tempo de além-mar, as brochuras em oferta, os volumes ilustrados, representantes dos mais variados temas, gêneros e idiomas. (...), insinuando, com isso, a produção em massa, seu baixo custo e o investimento despedido à espera, unicamente, de agradar ao grande público (EL FAR, 2004 p. 27 e 28).

Como mostra a autora, no Rio de Janeiro, no período em que Pedro Rabelo viveu, ocorreu um forte investimento e desenvolvimento do mercado editorial, uma busca mais intensa do público por variedade literária, tanto nacional quanto internacional, que causou o crescimento do setor. Nesta efervescência cultural a mente criativa dos literatos vislumbrava terrenos férteis para suas criações e testes.

Concomitantemente há um visível desgaste da estética romântica e o avanço tecnológico e industrial efetivamente se manifestam e influenciam a vida daquela sociedade (PACHECO, 1967). A este período dá-se o nome de *Belle Époque* e nela observa-se uma crescente e diversificada variedade de manifestações artísticas e tecnológicas. Como, por exemplo, a substituição de veículos de tração animal por veículos a vapor no centro da cidade que resulta em um novo ritmo e estilo de vida e em novos tipos de interações sociais.

O uso de fotografias em revistas ilustradas, o uso de formas abstratas feitas em metal para a decoração da cidade, como o *Art Nouveau*, e a própria industrialização dos centros

urbanos influenciou no desenvolvimento de novas técnicas de ilustração, que registrassem melhor e de maneira mais rápida as mudanças da cidade, para livros e revistas. Assim como permitiu a experimentação de novos modos de escrita, como a “leitura alegre” e o naturalismo, por exemplo, que aprofundaremos neste trabalho.

No primeiro capítulo, reunimos dados biográficos sobre Pedro Rabelo. Procuramos, primeiramente, por obras que tratassem sobre a vida do autor e, posteriormente, por obras que citassem o autor ou divulgassem sua produção de alguma forma. Nosso ponto de partida foi o livro *Pedro Rabelo: cadeira 30, ocupante 1*, de Ubiratan Machado, lançado em 2009 pela ABL, a única obra que conhecemos que discursa exclusivamente sobre Pedro Rabelo. Trata-se de um livro breve, com doze páginas de biografia e outras poucas com textos selecionados de três obras do autor, mas que se tornou guia para ajudar a identificar quais seriam os primeiros passos da pesquisa. Retornamos, então, às fontes primárias.

Por meio da Hemeroteca Digital Brasileira/FBN foi possível compreender melhor quem foi Pedro Rabelo, quem foram seus amigos e como se deu sua ascensão no meio literário, mesmo sendo tão jovem. Várias nuances de sua vida pessoal e social estavam nas páginas dos jornais: seu casamento, o nascimento das filhas (inclusive a morte da terceira), em que festejos esteve e com quem, a quais enterros compareceu, em que lugares se fez presente em nome de um ou outro jornal e até a notícia de sua morte, por tuberculose, em 1905. Estava estampada nas páginas dos jornais a produção pândega, literária e científica do autor, assim como os anúncios de seus lançamentos e os pareceres de críticos e amigos.

Pudemos observar a mutável escrita do autor em suas diversificadas produções nos vários jornais em que atuou e como ele se adaptava às necessidades de cada trabalho. Conhecemos as críticas e os elogios feitos aos seus escritos e os periódicos em que suas obras foram citadas ou publicadas. A Hemeroteca tornou acessível suas colaborações com amigos, os esforços dispensados pelos literatos na idealização e fundação da Academia Brasileira de Letras – ABL (Pedro Rabelo foi participante ativo e fundador da cadeira 30), e a recepção do público a uma amostra de um novo conto, poema ou crônica. Conhecemos também seu empenho por localizar e informar seus leitores sobre formas de tratar a tuberculose, doença que matou vários de seus amigos e ele também.

No segundo capítulo, propomos a exposição de um recorte da face jornalística do autor e pensar de que forma esta produção ajuda a fundamentar a leitura naturalista que propomos fazer no volume de contos *A alma alheia*. A produção jornalística do autor se reflete em sua produção literária e vice-versa. A preocupação com a forma e a qualidade dos conteúdos

apresentados, na tenra idade do autor, eram seus diferenciais em meio ao fervilhante crescimento do mercado editorial e de rupturas políticas.

Para isso, os pseudônimos tiveram papel fundamental. Antes de serem utilizados com o objetivo de ocultar o autor e lhe garantir em algum nível a liberdade de expressão impune, como bem observado nos jornais, os pseudônimos eram publicamente transparentes. Os próprios jornais geralmente informavam quem eram os escritores por trás dos pseudônimos. A associação de Pierrot a Pedro Rabelo está em seus obituários, por exemplo.

A produção jornalística se emparelha com o naturalismo, com a preocupação de trazer ao alcance do público, letrado ou não, as convicções políticas, científicas e intelectuais de sua geração, agnóstica e republicana, desapegada dos antigos preceitos e moralismos. A maior parte de sua produção literária foi irônica, pândega ou “pornográfica”, com a qual marcou presença nos periódicos em que trabalhou. Alguns textos sem assinatura perderam a fonte autoral com o passar dos anos, tornando sua identificação um trabalho árduo ou impossível até este momento da pesquisa.

Uma produção jornalística identificada pela pesquisa foi a coluna “Notas Científicas” escrita por Pedro Rabelo no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, entre 1891 e 1892. São vinte crônicas de vulgarização científica, possibilitando o acesso do público ao conteúdo de pautas científicas, comunicações de congressos internacionais e avanços tecnológicos recentes. O escritor atribuía utilidades para estes informes que fizessem sentido para os cidadãos não cientistas e, por vezes, dava o seu parecer pessoal. Com uma temática ampla, a coluna teve grande destaque no jornal, visto que sempre se localizava nas páginas iniciais do periódico. No Brasil do fim do século, a *Gazeta de Notícias* compartilhava os valores de republicanismo e laicidade, fundados na ideia de que era essencial propagar o conhecimento científico para o maior número possível de pessoas.

Pedro Rabelo tinha interesse pela ciência, característica imprescindível para a construção do pensamento e de literatura naturalista. Para realizar esta tarefa, lia publicações científicas recentes, especialmente francesas, e publicações de eventos e encontros na área das ciências para depois as reapresentar na coluna, mantendo termos técnicos e citando o nome dos responsáveis, quando necessário. A coluna abordou temas das áreas de medicina, fotografia, eletricidade, telefonia, astronomia, botânica, biologia e paleontologia, mas a temática sobre a qual mais se interessava em informar era a tuberculose (pulmonar ou não).

Para o terceiro capítulo, estudaremos o volume de contos *A alma alheia* (1895). Baseamos as primeiras análises nos dois contos disponibilizados por Ubiratan Machado (“Casos de adultério” e “Barricada”) e, posteriormente, adquirimos uma reedição da obra pela

editora Três, da coleção “Obras imortais da nossa literatura”, nº 50, de 1974 (disponível integralmente no Anexo). O encarte da coleção atribui à obra os seguintes adjetivos: “atmosfera irônica e sentimental”, “são de muito interesse para o realismo brasileiro”, “tem intenção nativista” e “escolheu construir seus ambientes em meios rústicos”. Posteriormente, adquirimos um volume da primeira edição da obra, que nos auxiliou na localização de novas informações para a pesquisa que exigiam uma grafia específica para serem reconhecidas pelos dispositivos de busca da Hemeroteca.

Nossa proposta é trabalhar nos contos de *A alma alheia* os conceitos de “naturalismo trágico” e “naturalismo cômico” ou “desiludido”, propostos por David Baguley (1990). O naturalismo trágico segue os modelos clássicos da tragédia da narrativa épica, mas sem a redenção ou o final feliz. No naturalismo cômico ou de desilusão, temos a narrativa que ironiza, satiriza e faz paródia com as pretensões românticas e burguesas. Não se atém aos moralismos burgueses ou aos parâmetros científicos que determinam verdades, muito menos a religião. É, sobretudo, uma narrativa repetitiva, mais centrada no indivíduo que assiste o seu entorno e não consegue, ou não quer, mudá-lo. É o naturalismo que se mostra mais evidente, de forma geral, nos contos da obra *A alma alheia*, apesar de notarmos aspectos dos dois naturalismos, ou a predominância de um ou outro, em casos específicos.

No quarto capítulo abordaremos *Casos Alegres: Histórias para gente sorumbática* (1905). Inicialmente não encontramos exemplares disponíveis na ABL e nem na Biblioteca Nacional. Posteriormente, localizamos um exemplar da obra de leitura alegre de Pedro Rabelo no acervo da casa de Rui Barbosa e solicitamos autorização para fotografar a edição, nos foi concedida.

Através das fotografias desta edição original se tornou possível analisar os textos que compõem o livro e, com o aprofundamento do conceito de “leitura alegre”, correlacionar o teor humorístico e pornográfico da obra de Rabelo e a expressão artística de mesmo caráter que o inspirou à sua época.

A expressão “leitura alegre” surge como uma moda em jornais e revistas para denominar livros curtos no final do século, geralmente brochuras, que possuíssem textos eróticos, pornográficos ou sensacionalistas. Eram consideradas obras populares por seu baixo custo, tanto de produção como de comercialização, e não eram vinculadas a uma escola literária específica. O conceito de “leitura alegre” era amplo e incluía os chamados “romances para homens” e os “romances de sensação”. Sobre os últimos, El Far explica que:



Mais do que um conceito bem definido, essa expressão, de uso bastante alargado, indicava estar ali um texto repleto de situações inusitadas, escrito numa linguagem vertiginosa. Em finais do século XIX, qualquer pessoa alfabetizada que visse escrito sob o título de um livro a palavra “sensação” reconheceria de imediato o teor do enredo que estava por vir (EL FAR, 2004, p. 113-114).

Logo, tais leituras eram desaconselhadas para as senhoras, porém, não proibidas. E em consequência disso, várias expressões foram comumente relacionadas a esta escrita com o objetivo de elucidar para o leitor no momento da compra para quem ou sobre o que esta obra faz referência. Expressões como “leitura para homens”, “livro para homens”, “romance de sensação”, “leitura quente”, “leitura alegre” e etc; foram algumas das variações utilizadas pelos jornais e livreiros para fazer propaganda destas obras de maneira discreta. Com o passar do tempo, as críticas recebidas pela sua comercialização se tornaram propagadoras indiretas das obras. Ler uma nota em jornais sobre um livro que fosse considerado “alegre”, “quente” ou impróprio, deixava claro que tipo de leitura se tratava. Este fenômeno trouxe grande fama para os autores.

As obras de “leitura alegre” de Pedro Rabelo não possuem linguagem obscena ou palavras de baixo calão, mas abusam do uso de duplo sentido. O encontro sexual efetivamente ocorria entre as personagens, porém, não era descrito detalhadamente; e seu enfoque se dava nas manifestações sexuais que chocassem o leitor da época, como o sexo homossexual, o adultério e o sexo, ou a nudez, no espaço público, por exemplo.

A temática sexual é percebida através de situações cômicas ou embaraçosas que causavam mal-entendidos, como associações aos órgãos genitais quando este não era o assunto, resultando em cenários inusitados e na má interpretação do contexto em que se dá a conversa. Diante deste cenário o leitor ri, principalmente, e se excita, mas não necessariamente. Em sua época, suas obras eram consideradas pornográficas e, portanto, eram lidas e criticadas como tal, mesmo que aos olhos de leitores contemporâneos elas não transpareçam mais serem tão picantes assim.

Nosso objetivo, ao final deste trabalho, é produzir um texto que expanda o acesso à história do autor e a sua produção de vulgarização científica, relacionar os contos de *A alma alheia* com os conceitos de naturalismo de David Baguley, comprovando assim como é possível chamar Pedro Rabelo de “escritor naturalista”. Apresentar o que foi a “Leitura Alegre” e salientar a relação entre os contos de *Casos Alegres* e este novo conceito e com isso, redescobrir o autor e expandir os conhecimentos em estudos literários.

Nesta pesquisa não iremos trabalhar com a produção poética e nem com as outras obras alegres de Pedro Rabelo. O período de um curso de mestrado não comportou todas as

atividades necessárias para o levantamento e a análise adequados de todo o material coletado. Portanto, optamos por reservar estes materiais para uma produção futura.

## 1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

### 1.1 Manuais e obras de referência

Em dicionários e enciclopédias consultados, podemos observar um padrão descritivo nas biografias de Pedro Rabelo. Trazem o nome completo: Pedro Carlos da Silva Rabelo; data de nascimento: 19 de outubro de 1868; e de morte: 27 de dezembro de 1905. Dentre as obras publicadas do escritor, geralmente constam *Ópera Lírica* (1893), o livro de estreia, com versos parnasianos; *A alma alheia* (1895), um volume de contos; e *Filhotadas* (1897), uma reunião de versos obscenos assinados com o pseudônimo de Pierrot, e só. Por vezes, há a informação de que ele foi fundador da cadeira 30 da ABL. Não constam informações sobre seu posicionamento político, seus amigos, sua família, e são raras as ocasiões em que citam a existência de outras obras, como os folhetins *A cabeça que Fala* e *Coração sem Alma*, escritos em coautoria com outros literatos, assim como mais escritos obscenos reunidos em *Casos com Pimenta* (1902) e *Casos Alegres: Histórias para sorumbáticos* (1905).

As obras em que o nome de Pedro Rabelo aparece são, em sua maioria, dicionários de literatura brasileira. Por exemplo, o *Dicionário literário brasileiro*, de Raimundo de Menezes (1978), possui uma breve biografia de Rabelo, e informa que o seu pseudônimo era Pierrot. O *Dicionário Biográfico Ilustrado de Personalidades da História do Brasil*, de George Ermakoff (2012), traz uma brevíssima nota sobre quem foi o autor. O *Dicionário de Literatura*, Vol 2, de Jacinto do Prado Coelho (1969), em seu verbete sobre paródia, cita Pedro Rabelo como um pastichador de Machado de Assis. Na *Enciclopédia de literatura brasileira*, de Afrânio Coutinho (2001), há um verbete sobre o autor em que se informa qual é o seu pseudônimo, fala sobre a existência de suas “obras alegres” e afirma que ele, em *A alma alheia*, “procura fazer análise psicológica ao mesmo tempo em que imita estilos alheios, especialmente Coelho Neto e Machado de Assis” (COUTINHO, 2001, p. 1333).

No volume *Seleção de contos do Rio de Janeiro* (1967), Raimundo Magalhães Júnior (1907-1981) traz uma breve biografia de Pedro Rabelo e publica o conto “Caso de Adultério”. Apesar de concordar que ele teve influência de Machado de Assis em sua escrita, não concorda que Pedro Rabelo tenha “chegado ao simples pastiche” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1967. p. 149).

Massaud Moisés (1986), em *História da Literatura Brasileira volume 2*, discorre sobre o Realismo e o Simbolismo, e cita a crítica de José Veríssimo (1857-1916) a *A alma alheia*. Veríssimo afirma haver a presença de três principais influências nos contos de Rabelo: o naturalismo zolista, próximo ao de Coelho Neto; um naturalismo temperado pela imitação da escrita de Machado de Assis, novamente remetendo a esta crítica frequente da cópia de estilo; e a forma anedótica, ao contrário do teor psicológico de Machado que se caracterizariam como única originalidade em sua escrita. Portanto, “uma cópia não tão boa assim”, conclusão de Massau Moisés, de Machado de Assis (MOISÉS, 2001. p. 131).

Em *Antologia de contos realistas* (2012), de Fernando Marcílio Lopes Couto, o conto “Mana Minduca”, de *A alma alheia*, está disponível junto a uma breve biografia sobre Rabelo. Nela, Lopes Couto afirma que a interpretação de que Rabelo foi um imitador de Machado é exagerada pois, concordando com Moisés, ele “foi nitidamente influenciado por Machado no psicologismo e na ironia por vezes cruel, mas não chegou a atingir o nível do mestre” (COUTO, 2012. p. 135).

Em *Reminiscências: a alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente* (1992), Manoel Bastos Tigre (1882-1957) escreve que Pedro Rabelo compunha o “Estado Maior” dos literatos, cuja liderança provinha de Olavo Bilac. O grupo se reunia com frequência na Colombo e onde mais escolhessem, “onde tomavam café e também outras coisas mais” pois, “a bebida era pretexto para conversar-se. Outras vezes, a conversa era um pretexto para beber-se” (BASTOS TIGRE, 1992. p. 16). Outros nomes que compunham o grupo: Emílio Nunes Correia de Menezes (1866-1918), José Carlos do Patrocínio (1853-1905), Guimarães Passos (1869-1909), Raul Paranhos Pederneiras (1874-1953), Calixto Cordeiro (1877-1957), entre outros.

Na obra *A sátira do Parnaso: estudo da poesia de Olavo Bilac em periódicas de 1894 a 1904* (2007), Álvaro Santos Simões Junior discorre sobre a obra de Olavo Bilac (1864-1918), especificamente em periódicos, e cita Pedro Rabelo em vários momentos. O autor cita projetos em que estes autores trabalharam juntos, como as colunas “O Filhote”, “Casa de Doidos” e “O Engrossa”, na *Gazeta de Notícias*, confirmando a amizade entre eles, mas não se aprofunda em Pedro Rabelo.

No livro *Obras primas da Lírica Brasileira* (1957), organizado por Manuel Bandeira e Edgard Cavalheiro, temos disponível o poema “Página 102”, de *Ópera Lírica*, e uma nota sobre o autor em que distribui elogios a sua produção poética. Nesse livro, Manuel Bandeira é o responsável pela seleção dos textos que compõem a obra e Edgard Cavalheiro é responsável

pelas notas sobre os autores. Cavalheiro redigiu uma nota sobre Pedro Rabelo, exaltando a produção bibliográfica do autor e enfatizando que:

Sua colaboração para a *Gazeta de Notícias* foi constante e prolongada. Crônicas, folhetins, contos, de tudo fêz ele, e com muito brilho e elegância de forma. Poeta lírico de apreciáveis qualidades, dizem os seus críticos, acrescentando que o humorista nada ficava a dever aos melhores de sua época. Não esquecer que Bilac espalhou com profusão pequenas peças engraçadíssimas, no feitiço de crônicas sobre acontecimentos do dia. Neste gênero, a produção de Pedro Rabelo, que se encontra perdida nas folhas do tempo, é das mais importantes. (BANDEIRA, 1957, p. 171).

João de Almeida Pacheco, em sua obra *A literatura brasileira: o realismo* (1967), inclui Pedro Rabelo entre os autores naturalistas e cita as obras de Rabelo em dois momentos de seu livro, uma como referência de lírica naturalista e a outra como referência em prosa, enfatizando a preocupação psicológica. E José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867-1934) em sua obra *Quando eu era vivo: memórias 1867 a 1934* (1942) afirma que “entre os membros sem compostura da Academia é impossível não mencionar Pedro Rabelo e Emílio de Meneses” (ALBUQUERQUE, 1942, p. 224).

Glauco Mattoso, juntamente a Elson Fróes, em seu site “Sonetário Brasileiro”, trazem uma nota sobre Pedro Rabelo e alguns sonetos do autor. Nesta nota afirmam que Pedro Rabelo “como poeta satírico era considerado ‘impróprio para as moças’ [como muitos naturalistas o foram], mas como sonetista parnasiano é impróprio para moços, dada a complexidade de sua sintaxe e o torcicoloso malabarismo que quase lhe trava a frase”. O comentário revela indícios de uma escrita poética que se tornou desconhecida pela contemporaneidade. Os organizadores do site enaltecem a escrita alegre que Pedro Rabelo produziu e utilizam a mesma terminologia utilizada pelos jornais da época para classificá-la: imprópria para moças.

Por fim, em 2009 a editora da ABL lança uma série de livros sobre os fundadores da academia, dentre eles *Pedro Rabelo: cadeira 30, ocupante 1*, escrito por Ubiratan Machado. Este livro busca esclarecer melhor esta nebulosa biografia para orientar pesquisadores que pretendem sair em busca de respostas sobre essa presença tão carismática nos jornais e entre os boêmios da época, mas cujo nome foi esquecido.

## 1.2 O que podemos acrescentar a partir da nossa pesquisa

Pedro Rabelo compunha junto a amigos célebres como João Carlos de Medeiros Pardal Mallet (1864-1894), Francisco de Paula Nei (1858-1897), Olavo Bilac, Aluísio Azevedo (1857-1913), Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-19134) e Sebastião Guimarães Passos (1867-1909), a primeira geração de literatos brasileiros a viver profissionalmente da escrita (OLIVEIRA, 2008; PEREIRA, 1994). Ele tinha idade, ideais e cultura semelhantes ao grupo de jovens escritores republicanos e abolicionistas e enquanto viveu, atuou em diversos projetos em parceria com esses escritores famosos e foi companheiro ocasional das jornadas étlicas do grupo, participando de reuniões, jantares e festejos, mas não era do núcleo duro que perdurou na opinião da crítica literária.

Os escritores que ficaram famosos neste período possuíam ensino superior (por vezes incompleto), um forte espírito abolicionista, rotinas boêmias, lutavam frequentemente pelo reconhecimento artístico e formaram a primeira geração a viver de sua produção literária. Rabelo, entretanto, mesmo sendo possuidor de atributos e contatos que o qualificariam para o grupo dos canônicos, não brilhou. Provavelmente por não ter disposição para as lutas pelo reconhecimento artístico, como seus amigos, e por ter se casado jovem com Edwiges Rodrigues Silva. A necessidade de sustentar sua esposa e as duas filhas, Silvia (nascida em 1895) e Célia (nascida em 1897) somado a perda de sua terceira filha Hilda, nascida em 1898 e falecida aos vinte dias, que fê-lo intercalar suas produções escritas com um trabalho burocrático.<sup>1</sup>

A proximidade com escritores renomados garantiu a Pedro Rabelo sua inclusão no projeto de criação da ABL, e por ser um assíduo participante, foi indicado pelo próprio presidente Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), e eleito por maioria de votos, como secretário na primeira diretoria da agremiação. Fundador da cadeira 30, indicou Pardal Mallet como seu patrono e teve como sucessor Heráclito de Alencastro Pereira da Graça (1837-1914), que tomou posse por carta e não proferiu o tradicional discurso que revela dados sobre o antecessor, intensificando assim o véu que turvará Rabelo ao longo dos anos.

Alguns jornais para os quais Rabelo contribuiu foram o *Correio do Povo* (órgão do Partido Republicano), *O Paiz*, como redator, *Diário Oficial* como repórter dos debates

---

<sup>1</sup> *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1898, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/226688/17976>>. Acesso em: 25 jun. 2018. Os periódicos e revistas citados nesse trabalho foram consultados online na Hemeroteca Digital Brasileira/FBN.

parlamentares, os periódicos *Diário de Notícias* e *Diário do Commercio*, a revista *A Estação*, o vespertino *A Notícia*, em que assinava o folhetim “Garatujas” com P.R., a revista ilustrada *A Cigarra*, que dirigiu ao lado de Bilac, o substituindo quando este se retirou. O diário *A Capital*, de Niterói (atuando como jornalista) e a *Gazeta de Notícias*, entre tantas sessões humorísticas e informativas, como a coluna “Notas Científicas”, e a coluna “O Filhote”, que posteriormente se tornou um jornal avulso. No ano de sua morte, contribuiu para a revista *Anais: Semanário de Literatura, Arte, Ciência e Indústria*.

Durante a pesquisa foram necessárias algumas visitas a biblioteca da Academia Brasileira de Letras para conhecer o arquivo do fundador. Seu arquivo é um dos menores entre os fundadores e em apenas um dia é possível ver todo o conteúdo. Este arquivo é composto por 15 documentos textuais com autoria do próprio ou endereçados a ele e que estão datados entre 1890 e 1906. Há também alguns impressos e uma caixa-arquivo com alguns poucos recortes que fazem referência ao autor e que são localizáveis na própria Hemeroteca Digital.

Alguns exemplos são sua certidão de óbito, poemas e contos de próprio punho do autor, um documento contendo o esboço de um livro chamado *Alma Saudosa: da Ópera Lírica* e anotações dos valores que este livro iria custar. Ou também algumas breves correspondências endereçadas a Rabelo, em sua maioria de outros escritores, além de bilhetes e manuscritos (alguns de autoria de Rabelo e outros endereçados a ele) e algumas resenhas e biografias recolhidas de jornais e disponíveis na hemeroteca. Há ainda uma das únicas fotografias do autor em que é possível distingui-lo com nitidez (Figura 1), e alguns votos enviados durante a eleição para a escolha de um sucessor para a sua cadeira na Academia Brasileira de Letras, após sua morte.

Figura 1 - Pedro Rabelo em rara fotografia, c.1900, sentado à direita, em companhia de Plácido Junior e Martins Passos<sup>2</sup>



Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1900.

Durante a pesquisa no arquivo de Pedro Rabelo pudemos notar que a certidão de óbito do escritor possui um erro em sua redação; o responsável pelo documento data adequadamente os espaços referentes ao dia em que está sendo produzido o documento, mas no espaço destinado a descrição da causa da morte, dia e local em que ocorreu o falecimento (que se passou anteriormente ao momento da produção da certidão), o responsável insere erroneamente o ano 1906 (um ano após a morte do autor).

Sua morte teve repercussão acanhada na imprensa, principalmente se a compararmos com o anúncio de falecimento de seu patrono, alguns anos antes, Pardal Mallet, e de outros escritores da mesma geração, como Paula Nei, também por tuberculose. Ambos receberam longas colunas de encômios nos jornais mais importantes da capital, com velórios e enterros cheios de pessoas importantes, citadas nominalmente, em longas reportagens na *Gazeta de Notícias*, no *Cidade do Rio* e n' *O Paiz*, entre outros.

<sup>2</sup> Academia Brasileira de Letras, Acervo Pedro Rabelo (pasta 404-R).



Pedro Rabelo foi ele mesmo apontado como uma das presenças notáveis nos enterros. Quando chegou a vez dele, entretanto, a *Gazeta de Notícias* emitiu somente uma nota curta e fria de falecimento, lamentando que “Não há muito a colher em dados biográficos para a notícia da morte do malogrado moço. Era um dos mais belos talentos da atual geração. Infelizmente, por circunstâncias que aqui não cabe indagar, deu muito menos do que era justo esperar do poeta tão espontâneo e tão fluente prosador”.<sup>3</sup> A tuberculose o pegou na época da juventude e houve várias crises antes do desfecho final. Ainda assim os trechos expõem a confiabilidade no talento de Pedro Rabelo e a visível escassez de dados biográficos por ter se ido tão cedo.

O jornal *O Paiz*, foi uma das principais fontes de críticas a *A alma alheia* e publicou o mais longo obituário: “Nem pareça um exagero qualitativo ‘afortunado’ aplicado à fisionomia literária de Pedro Rabelo. Ninguém efetivamente o foi mais do que ele: muito jovem, criança ainda, apareceu entre os que entre nós cultivam as letras, já bafejado pelo sucesso, com o ar incontestado de um triunfador”<sup>4</sup>. O editorialista enfatizou a importância de se preservar as produções de Rabelo:

Mas sempre cultor respeitoso da forma, essas produções de seu talento espontâneo traziam o cunho literário bem marcado; de sorte que se acaso se pudesse recolher e enfaixar num volume todas essas pequenas provas de seu espírito, dispersas, esparsas, por colunas de periódicos ilustrados, de pequenos jornais de diferentes castas e diversos feitios, ter-se-ia recomposto um outro perfil, bem pouco sabido, do literato que ontem se extinguiu.<sup>5</sup>

Por ocasião de sua morte, os amigos o homenagearam com um soneto composto por Emílio de Menezes, jornalista e poeta satírico parnasiano e imortal da Academia Brasileira de Letras. O poema é testemunho da importância de Pedro Rabelo na comunidade literária da época, assim como de seu pessimismo e de seu “mórbido” senso de humor (MACHADO, 2009, p. 16):

A Pedro Rabelo

Tu, que hoje caís no misterioso abismo,  
Depois de incerta e tropeçante viagem,

<sup>3</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1905. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_04/11190](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/11190)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

<sup>4</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1905. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_03/10609](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/10609)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

<sup>5</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1905, p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_03/10609](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/10609)>. Acesso em: 25 jun 2018.

Por teu amargo e mórbido humorismo,  
Eras do nosso meio a própria imagem.

Não te valendo o musical lirismo,  
Não te valendo o apuro da linguagem,  
Foste arrastado pelo pessimismo,  
Que ataca os que perderam a coragem.

No entanto, o verso teu era um escudo  
De ouro polido e de cristal perfeito,  
Que ora chamava ao sonho, ora ao estudo.

Tu, que vítima foste deste estreito  
E torpe meio, que avassala tudo,  
Descansa em paz no derradeiro leito.

Pedro Rabelo teve o nome registrado em alguns textos posteriores à sua morte, trazendo com isso o reconhecimento sobre sua existência e sua produção, independentemente se este registro era ou não elogioso ao autor. No jornal *Gazeta de Notícias*, muitos anos depois da sua morte, podemos ler um artigo especial intitulado “A boêmia do Rio antigo”, no qual o articulista Garcia Júnior chama Pedro Rabelo de satânico e perverso (provavelmente fazendo referência ao conteúdo de suas obras “alegres”). Afirmar que ele foi “o homem cujo grande mérito até hoje foi publicar um livro de contos, cuja única preocupação era imitar o estilo de Machado de Assis”.<sup>6</sup>

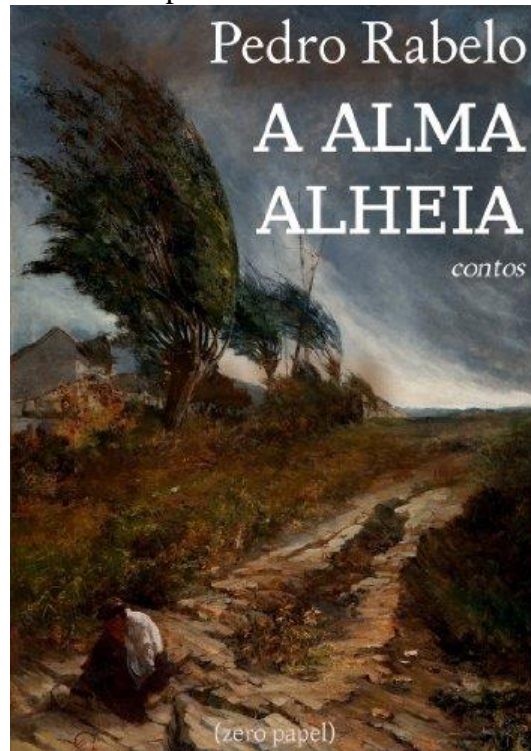
A fama de imitador de Machado de Assis é a característica mais comumente associada a Pedro Rabelo nas publicações disponíveis.

O livro *A alma alheia* de Pedro Rabelo foi republicado, em 2012, pela editora Zero Papel em formato *e-book*, com distribuição pela livraria Amazon Estados Unidos, Canadá, Brasil e Índia, todo em português e custando sete reais. A editora Forgotten Books também fez o seu relançamento, em 2017, mas em versão impressa. Uma edição em brochura custa aproximadamente onze dólares e em capa dura vinte e nove dólares aproximadamente, e está disponível apenas na Amazon Estados Unidos. Essas são as capas destas edições:

---

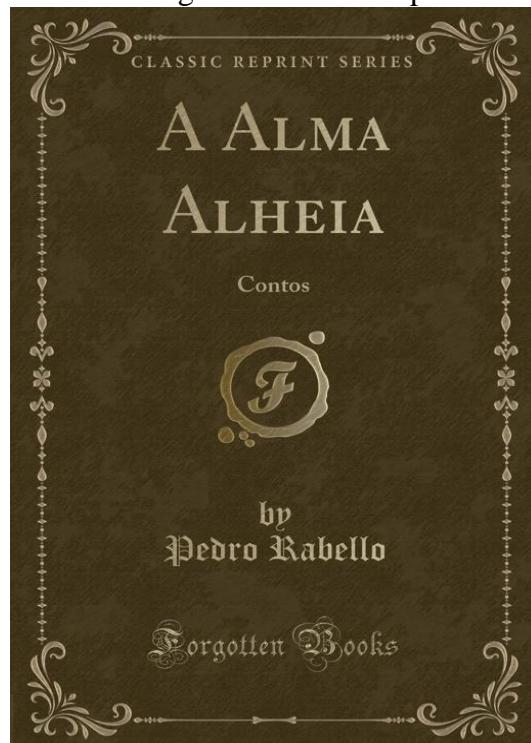
<sup>6</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1948, p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_07/39116](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_07/39116)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

Figura 2 - *A alma alheia* (2012) - Editora Zero  
Papel – Ebook



Fonte: RABELO, 2012.

Figura 3 - *A alma alheia* (2017) - Editora  
Forgotten Books - Impresso



Fonte: RABELLO, 2017.

## 2 OS PSEUDÔNIMOS E A COLUNA “NOTAS CIENTÍFICAS”

### 2.1 Os pseudônimos

Pedro Rabelo publicou os livros *Ópera lírica* e *A alma alheia* com a própria assinatura. Entretanto, utilizou pseudônimos para trabalhos nas diversas colunas jornalísticas e publicações em que atuava. Os que mais se destacam são “Xavier de Monte Pinho” (uma provável referência a Xavier de Montépin, escritor francês de literatura popular), com o qual assinou os romances-folhetins *Coração sem Alma* e *A Cabeça que Fala*, com Olavo Bilac e Guimarães Passos, na *Gazeta de Notícias*, de dezembro de 1896 a janeiro de 1897 (MACHADO, 2009. p. 8); e seu pseudônimo mais conhecido, “Pierrot”, que utilizou tanto na produção jornalística como para assinar seus três “livros alegres”: *Filhotadas: Casos d’O Filhote*, *Casos com Pimenta* e *Casos alegres: histórias para gente sorumbática*, todos ilustrados por Julião Machado e editados pela Livraria Laemmert & C, no Rio de Janeiro.

Sobre o uso de pseudônimos, Olavo Bilac, em uma crônica publicada na *Gazeta de Notícias* afirma que:

O uso do pseudônimo não quer dizer que o escritor não queira assumir a responsabilidade do que escreve: todo o mundo sabe, por exemplo, que Patrocínio é Proudhomme e que Proudhomme é Patrocínio. Mas, na produção intelectual de um jornalista, como na de um artista, há sempre a parte séria a que o escritor dá o verdadeiro nome, e a parte leve, humorística, que bem pode correr por conta de um pseudônimo transparente. Para cada estilo, cada assinatura.<sup>7</sup>

O uso de pseudônimos era comum, principalmente nos jornais, mas nem todos eram tão transparentes como afirmou Bilac. Neste contexto em que o mercado jornalístico estava se expandindo, cada edição de jornais renomados ou novos títulos lançados possuía uma infinidade de colaboradores, inclusive internacionais. Os dicionários de pseudônimos posteriormente criados registraram aqueles que se destacavam mais por serem utilizados por escritores e jornalistas célebres ou por aqueles que ficaram mais tempo em atividade. Registrar todos se mostrou uma tarefa impossível.

Alguns exemplos de pseudônimos usados pelos homens de letras do final do século e

<sup>7</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 jul 1897, p.1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/16621](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/16621)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

que se manifestaram sobre *A alma alheia* são “A. A.”, que era utilizado por Arthur Azevedo (1855-1908) em suas colunas para o jornal *O Paíz* e que possui registro em dicionários de pseudônimos; o crítico “Magriço” do jornal *O Paíz*, sobre quem não há verbetes informativos, e o pseudônimo “LÉO”, da revista *Don Quixote* (1895-1903), que recebia contribuições de diversos escritores, não sendo possível determinar ainda a quem se refere e como o “Magriço” não possui referências em dicionários especializados.

As sessões humorísticas “Casa de Doidos” e “O Engrossa”, da *Gazeta de Notícias*, eram escritas por Pedro Rabelo e Olavo Bilac. Entretanto, durante as pesquisas na Hemeroteca Digital Brasileira/FBN, notamos que havia um colaborador na mesma época que assinava seus textos como “A Casa de Doidos”, o mesmo nome da sessão. Por vezes, seus textos eram publicados na sessão “O Engrossa”, portanto, coexistiam no mesmo periódico como título da seção e como pseudônimo. Ao tentar localizá-lo em dicionários de pseudônimos, não encontramos nenhum verbete referente ao seu usuário.

Ubiratan Machado afirma apenas que “Casa de Doidos” e “O Engrossa” são seções humorísticas na *Gazeta de Notícias* em que o autor colaborou, mas não traz nenhuma informação sobre os pseudônimos. Contudo, ao se observar o conteúdo e a estilística das notas assinadas por “A Casa de Doidos” com os textos da seção “Casa de Doidos”, notamos que ambos possuem teor informativo e humorístico, assim como a produção dos dois autores. Portanto, é possível supor que Bilac e Rabelo o utilizassem para inserções curtas no periódico, deixando para a coluna “Casa de Doidos” assuntos que exigissem pronunciamentos mais extensos.

A *Gazeta de Notícias* era um dos periódicos mais importantes da vida cultural do país (SODRÉ, 1983). O jornal foi fundado por Ferreira de Araújo (1848-1900), que foi redator-chefe do periódico de 1877 até sua morte. Inicialmente era composta por 4 páginas divididas em 8 colunas cada uma, mas chegou a ter 24 páginas em uma única edição. Para acompanhar a modernização da cidade, recebeu alterações de diagramação ao longo dos anos. Era sustentada principalmente por seus anunciantes, composta em sua maioria de fabricantes e vendedores de medicamentos, variando seu conteúdo entre entretenimento, prestação de serviços, anúncios, literatura (especialmente as crônicas) e a informação propriamente dita. Para compactar tantos assuntos, optou por um estilo gráfico simples e pequeno e sem titulações. Quando utilizadas, eram genéricas, obrigando o leitor a leitura total de seu conteúdo (SIMÕES JÚNIOR, 2007, p. 117, 120 e 121).

No artigo intitulado “Como se fez a ‘Gazeta de Notícia’”, que está estampado na primeira página do jornal *A Notícia* no dia 03 de agosto de 1895, vemos a homenagem aos 20

anos de existência do jornal mais barato e acessível que o público carioca vira até então. Com preço acessível (40 réis/meia pataca) e conteúdo diversificado, a *Gazeta de Notícias* revolucionou o mercado, ao optar por não ser comercializado por assinatura e sim com venda avulsa. Logo criou um público cativo, por desbravar este território mal reconhecido e consolidá-lo para os periódicos futuros:

No dia em que o *Jornal* deixou de ser o objecto de empréstimo do armazém para os clientes privilegiados, no dia em que a *Gazeta* entrava triunfantemente em cada tilbury, invadia os cortiços e as estalagens, espalhava-se pelos *bonds* e pelas barcas e abria-se na boléa de cada carroça, n'esse dia iniciava-se n'esta capital, de hábitos tão conservadores e tão rotineiros, uma reforma cujo alcance talvez nem mesmo previsse aquelles que eram os seus directos factores, na inconsciencia sagrada de todos os factores directos de um progresso humano.<sup>8</sup>

De acordo com Simões Junior (2007, p. 163), “a *Gazeta de Notícias* sempre prezou o humor e desde o seu início cultivou seções descontraídas e bem-humoradas”. “O Engrossa” veio no dia 1 de dezembro de 1898 para ocupar o lugar de “O Filhote”, um ano e meio depois que ele se emancipou (SIMÕES JUNIOR, 2007, p. 178). A coluna ocupava a primeira página do jornal, com um tom mais irônico no título e com a promessa de ser uma paródia jornalística formatada como um jornal comum.

Fossem em telegramas, crônicas ou poemas, os autores “d’O Engrossa” proporcionavam um viés bem-humorado e ácido sobre diversos assuntos sérios, na maioria dos casos, como “a realização de altas reportagens com personalidades da política” (SIMÕES JUNIOR, 2007, p. 190). “Casa de Doidos” surgiu em 5 de maio de 1900, sem a ambição de ocupar um espaço ou de imitar uns e outros, propondo uma coluna humorística escrita por loucos, apenas (SIMÕES JUNIOR, 2007, p. 190). Por isso, pediam que seus escritos não fossem levados a sério, pois nada mais eram que palavras soltas de ensandecidos. Foi uma coluna que, principalmente, satirizava notícias publicadas pelos “jornalistas sérios”.

Além de Pedro Rabelo, Bilac, Coelho Neto e Guimarães Passos publicaram livros assinados por seus pseudônimos mais conhecidos nas páginas da coluna “O Filhote”, deixando claro que não havia segredo ao utilizá-los. Os pseudônimos utilizados foram “Bob”, por Bilac, no volume *Contos para Velhos* (1897); e “Puck”, no volume *Pimentões* (1897). Coelho Neto usava “Caliban” e publicou *Álbum de Caliban* (1897-8). Guimarães Passos assinava “Puff” em coautoria com “Puck”, em *Pimentões*, e Pedro Rabelo autografava Pierrot (*Filhotadas* - 1897). Os livros foram editados e distribuídos pela Livraria Laemmert. Estas

<sup>8</sup> A *Notícia*, Rio de Janeiro, 03 ago. 1895. p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/830380/519>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

obras foram comercializadas por anos a fio, desde o lançamento, geralmente compondo o mesmo anúncio e, principalmente, de maneira recorrente na chamada “Biblioteca do Solteirão”, destinada a obras licenciosas ou consideradas picantes.

Pedro Rabelo optou por uma assinatura carregada de significação. Em textos, crônicas e até mesmo em notícias, Pierrot aparece como um sujeito ingênuo e bobo, sendo utilizado pelos jornalistas como tema de anedotas, crônicas ou até colunas voltadas para crianças. É possível também relacionar o estilo da escrita adotado pelo autor com o senso comum sobre o símbolo denominado Pierrot (figura muito bem quista pela sociedade deste período, principalmente, no carnaval). Sua imagem é recorrentemente citada como sugestão de fantasia para os leitores da *Gazeta de Notícias*.

Pierrot podia ser encontrado nos periódicos e crônicas da época, retratado como um folião irrefreável, um lunático inconsciente da realidade ou um bêbado marginal em meio à folia do carnaval, como podemos observar em crônica de Olavo Bilac para a *Gazeta de Notícias*. Nela vemos um pierrot maltrapilho curtindo os confetes espalhados pelas ruas após as festividades. Ao encontrá-lo, Fantasio (outro pseudônimo de Bilac) se surpreende com sua má aparência e busca entender o que motivou tamanho abandono. Pierrot lhe explica que ficou preso por sete meses por ser alegre. “E, ao que parece, a alegria é sebastianista: offende e perturba a boa marcha dos negocios publicos. (...) Não sei! Mas já me disseram que, para ser bom republicano, é preciso ter uma lagrima perpetua ao canto do olho e um perpetuo gemido ao canto da bocca”<sup>9</sup>.

Ao assinar essa escrita licenciosa com o pseudônimo de Pierrot, Pedro Rabelo lhe imprimia tanto o aspecto inocente das anedotas e contextos infantis, como a energia sexual associada ao carnaval e ao divertimento.

## 2.2 A coluna “Notas Científicas”

Além de redator de vários textos jornalísticos e literários, como os assinados com pseudônimo Pierrot, Pedro Rabelo também foi colunista de vulgarização científica na coluna “Notas Científicas”, na *Gazeta de Notícias*, mas não as assinava, nem mesmo com um

---

<sup>9</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 nov 1894. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/10847](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/10847)>. Acesso em: 25 jun 2018.

pseudônimo, só sendo possível determinar a relação do escritor com a coluna através do obituário de *O Paiz*.<sup>10</sup>

Guilherme Guimarães Martins aponta, em sua dissertação de mestrado *Vulgarização e triunfo das ciências: A imprensa científica na segunda metade do século XIX* (2017), que:

Inúmeros jornais surgiram exibindo em seus editoriais as mesmas pretensões: contribuir para o progresso material e moral da sociedade brasileira a partir das práticas vulgarizadoras. A premissa de que era possível utilizar o conteúdo pragmático da ciência para solucionar pequenos entraves do cotidiano, trazendo melhorias na vida diária, escondia a superficialidade das práticas, já que não objetivava o conhecimento especializado (MARTINS, 2017. p. 14).

No Brasil do fim do século, a *Gazeta de Notícias* compartilhava valores semelhantes de republicanismo e laicidade, fundados na ideia de que era essencial propagar o conhecimento científico para o maior número possível de pessoas. Vulgarizar o conhecimento se referia a transformar relatos científicos complexos para boa parte do público em um produto mais palatável e aplicável ao cotidiano do leitor comum (não cientista) brasileiro.

O termo vulgarização científica era utilizada nos jornais do século XIX sem que houvesse nenhuma conotação pejorativa. Moema Vergara, em seu texto *Ensaio sobre o termo “vulgarização científica” no Brasil do século XIX* (2008), problematiza sobre as diversas conotações do termo, negativas e positivas:

A vulgarização científica do século XIX trazia consigo vários dos elementos enunciados pela tradução: o limite na transmissão dos conteúdos; a preocupação de estar ao alcance de todos e assim conferir um efeito universal ao conhecimento; além de carregar consigo também a centelha do novo. Se isso é verdade, então posso afirmar que a vulgarização ou divulgação é uma atividade criadora, ou seja, faz surgir algo que não existia anteriormente. No caso da vulgarização do século XIX, ela estava anunciando as inovações do mundo da ciência que, a partir daquele momento, fariam parte da cultura letrada, como eletricidade, vacina, telefone, entre outros, mesmo que o seu princípio científico permanecesse pouco conhecido (VERGARA, 2008, p. 139).

Em “Notas Científicas”, a variedade de conteúdos dialogava entre si, mesmo quando se referiam a temas completamente diferentes. Não havia uma seleção hierárquica de mais ou menos valor ou importância. Rabelo construía textos coesos, extensos e utilizava travessões para indicar a mudança de assunto. Geralmente eram publicados na primeira ou segunda páginas da *Gazeta de Notícias*. Destacamos que seu texto ocupava quase duas frações da página do jornal e este feito é comumente observado apenas em textos literários trazidos pelo

<sup>10</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1905, p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_03/10609](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/10609)>. Acesso em: 25 jun. 2018.



jornal ou propagandas. Entre 1891 e 1892, Pedro Rabelo escreveu um total de 20 crônicas de vulgarização de conhecimento técnico e científico.

Para cumprir a tarefa, o escritor lia publicações científicas recentes, especialmente francesas e publicações de eventos e encontros na área das ciências. As crônicas cobriam temas das áreas de medicina, fotografia, eletricidade, telefonia, astronomia, botânica, biologia, paleontologia e curiosidades, mas a temática que mais lhe interessava era a tuberculose, pulmonar ou não. Rabelo procurava manter os termos técnicos e reproduzir a linguagem científica. Citava nominalmente médicos, cientistas ou engenheiros que estivessem envolvidos com a temática em questão. Porém, como apontado por Vergara, vulgarizar se refere, antes de tudo, a falar para leigos, por isso, o autor buscava simplificar as explicações, as experimentações e os resultados para aqueles que porventura desconhecem suas funções e/ou métodos.

Ele comumente misturava vários assuntos a cada publicação, com exceção de uma publicação totalmente dedicada a questão da higiene das residências. Nesta coluna o leitor é informado que um médico escreveu um trabalho sobre a poeira ser um receptáculo de germes e bactérias danosos ao homem. Para evitar o contágio, era necessário fazer o saneamento das ruas, principalmente em metrópoles, tapar o rosto e molhar o chão ao varrer a casa, fazer lavagens antissépticas, prendendo os agentes danosos na lama para ser enviada para o esgoto, e evitar morar em acomodações muito pequenas, pois nelas o risco de adoecer é maior.<sup>11</sup> Cada um destes tópicos referia-se a uma notícia diferente que o autor selecionou e uniu em um texto coeso.

Em outras publicações sobre higiene, Rabelo informa sobre os perigos de certos produtos de limpeza e desinfetantes. Estudos no Instituto Farmacológico de Bonn, na Alemanha, confirmaram que muitas substâncias utilizadas para desinfecção de materiais não possuíam as propriedades que se acreditavam, sendo mais abrasivas do que desinfetantes. O escritor usa como exemplo o “biclóreto de mercúrio”, que usado sem cuidado, tornava-se tóxico. Na busca de produtos menos perigosos, foi apresentado à Academia de Medicina de Paris a “microcidina”, uma substância de extrema solubilidade, inocuidade, eficácia e ação rápida. Composta pela combinação do naftol e da soda, era vinte vezes mais ativa que o ácido bórico e não era tóxica. Devia ser usada na dose de três gramas por litro e tinha forma de um

---

<sup>11</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 jul. 1892. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/6063](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/6063)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

pó branco acinzentado.<sup>12</sup> Concluindo-se que na verdade o cloro era um excelente método para limpar os materiais e os espaços de parasitas.<sup>13</sup>

A coluna reproduz dados de vários congressos científicos, como o Congresso de Higiene em Londres, em que foi apresentada uma palestra para revelar os resultados do projeto “Prevenção da raiva”, coletado em seis anos de vacinação antirrábica na população inglesa e nos estrangeiros em solo inglês. Os dados comprovavam que a vacinação curava a raiva na maioria dos casos. Em outra fala neste congresso, foram apresentados dados que comprovavam que o uso da focinheira potencializou a diminuição dos casos da doença na Inglaterra, sugerindo com isso que o ideal seria sua obrigatoriedade por lei no país. Pedro Rabelo acreditava que o mesmo deveria ser feito no Rio de Janeiro.<sup>14</sup>

No mesmo congresso, estudiosos salientaram que as necessidades básicas para que os micróbios vivessem e prosperassem era o sossego, o calor brando e o alimento. A boca, portanto, era como uma estufa de bactérias.<sup>15</sup> Um médico apresentou uma coleção inteira sobre bactérias, enumerando especificamente aquelas que se desenvolviam na boca. Apontou que havia vários motivos que propiciavam mais ou menos bactérias na boca, como a forma como o indivíduo se alimentava, que bebidas ingeria e, principalmente, o asseio bucal.<sup>16</sup> Diante da notícia de um congresso em Senna, na Itália, sobre as propriedades microbicidas do tabaco e de que ele auxiliava na higiene dos dentes e na cura de moléstias bucais, o escritor alerta para fumantes tomarem cuidado para não exagerar no consumo, visto que existia uma doença conhecida como “cancro dos fumantes”.<sup>17</sup> Salientou, ao final, a importância de ensinar, desde a mais tenra idade, sobre a importância da higiene e da saúde bucal para evitar

---

<sup>12</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4072](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4072)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>13</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1891. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3049](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3049)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>14</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 set 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4216](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4216)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>15</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 nov 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4676](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4676)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>16</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 nov 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4676](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4676)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>17</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1892. p.1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5605](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5605)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

danos mais graves no futuro. O ideal, aconselha Pedro Rabelo, era que a higienização bucal fosse feita ao acordar, após as refeições e antes de dormir.<sup>18</sup>

A poluição das indústrias nas cidades já era uma das preocupações da coluna “Notas Científicas”. O autor relata sobre propostas para controlar os maus odores e fumaças exalados pela indústria nas cidades. Uma investigação da atmosfera das grandes cidades concluiu que ela estava repleta dos mais diversos produtos, inclusive sebo. Esta afirmativa foi comprovada reunindo a neve de Londres em um quadrado e fundindo-a, o que gerou 13 gramas de sebo.<sup>19</sup> Um projeto apresentado na coluna era canalizar todos os gases saídos das caldeiras e conduzi-los para o mesmo local, com auxílio de ventiladores. Neste local cairia uma chuva contínua, saturando os gases, que escoariam para a rede de esgoto ou para um poço. O projeto foi testado em Cambrai e Cateau, comunas francesas, com ótimos resultados e era de fácil implementação. Pedro Rabelo sugere que fosse testado nas fábricas do Rio de Janeiro.<sup>20</sup>

Na área de fotografia, uma das maiores novidades da época, houveram avanços velozes que foram acompanhados com frequência na coluna de Rabelo. Ele informa que foram criados aparelhos eletrônicos e automáticos de fotografia. O funcionamento era fácil e ocorria pelo uso de eletricidade e uma moeda. Colocava-se a moeda na máquina e enquanto ela caía, deslocava uma alavanca que deixava passar a corrente elétrica para um eletroímã que movimentava a máquina e registrava a foto.<sup>21</sup> Também foi descoberta uma forma de registrar as cores em fotografias. Ainda estava restrito ao registro do espectro de cores, como visto em uma bolha de sabão, mas era um grande avanço científico que, assim que fosse estabilizado, expandiria as possibilidades no campo da fotografia.<sup>22</sup>

Ainda no terreno da fotografia, a coluna noticia que a sobreposição de várias lentes permitia fotografar objetos a distância e registrá-los ampliados. Tal feito não era possível com as ferramentas disponíveis até aquele momento.<sup>23</sup> Apresenta também a “fototipia” ou

---

<sup>18</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 nov 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4676](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4676)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>19</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 maio 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3408](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3408)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>20</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 8 fev. 1892. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5142](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5142)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>21</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 jun. 1891. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3497](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3497)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>22</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1891. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3049](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3049)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>23</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 jan. 1892. p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/>>

“fotocolografia”, um método novo de impressão fotográfica com tintas graxas em grande quantidade. Na Europa havia fábricas automatizadas que produziam 200 folhas fotográficas por máquina e exigiam pouca mão de obra. Esta tecnologia permitia baratear a estampa de gravuras em livros de ciências, medicina e afins. Pedro Rabelo explica em detalhes o funcionamento do maquinário.<sup>24</sup>

Os avanços tecnológicos da fotografia influenciavam os avanços na área de astronomia e vice-versa. Por isso, o autor dedicou alguns informes ao tema. Deu notícia sobre a recém-instalada luneta de 18 metros no observatório de Paris, que auxiliava o astrônomo a observar os astros sem que precisasse sair do seu escritório. O equipamento era composto por uma parte fixa que demarcava o eixo do mundo e outra pendular que demarcava o equador celeste e permitia que a objetiva da haste pendular fosse substituída por uma objetiva fotográfica, registrando os trajetos celestes. Até aquele momento este equipamento era o maior e o de melhor qualidade no mundo.<sup>25</sup>

Graças as melhorias de observação dos astros, cientistas descobriram em quinze dias quatro novos pequenos planetas e atribuíram o aumento deste tipo de descoberta ao aperfeiçoamento dos equipamentos utilizados pelos estudiosos da área de astronomia. Um dos astrônomos mais reconhecidos acreditava que os grandes planetas influenciavam o movimento dos pequenos, e esta teoria instigou os pesquisadores a compreender e desenvolver conceitos para estudar as distâncias entre os corpos celestes, de que maneira eles se organizavam e se comportavam, e como se dava a formação do espaço.<sup>26</sup>

Rabelo conta que o diretor do observatório de Meudon teve a ideia de construir um observatório no cume da montanha *Mont Blanc*, na fronteira entre a França e a Itália, e recebeu respostas interessadas em custear o projeto. O diretor acreditava que a quatro mil e oitocentos metros acima do mar, os progressos em astronomia seriam potencializados por haver menos interferência dos gases atmosféricos. Entretanto, havia alguns impeditivos para o

---

103730\_03/5064>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>24</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1892. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5986](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5986)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>25</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 jun. 1891. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3497](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3497)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>26</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4676](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4676)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

sucesso desta empreitada, como a viabilidade (ou não) de acessar a rocha no cume e as condições climáticas da região, que impediam a permanência dos pesquisadores no local.<sup>27</sup>

O autor esmiúça o caminho percorrido pelos estudos de astronomia, principalmente sobre os cometas, desde a época das crenças e superstições até os estudos modernos. Anteriormente os cometas eram vistos como presságios de catástrofes e eram confundidos com as nebulosas. Porém, ao longo dos anos compreendeu-se que se tratavam de corpos celestes concretos movidos pelas forças de atrações universais de Newton. Nebulosas não eram concretas como cometas.<sup>28</sup> Esta descoberta resultou, posteriormente, em um estudo sobre o mapeamento, registro e catalogação das nebulosas observáveis a partir de Paris, que foi apresentado na Academia de Ciências. A primeira parte do trabalho afirmava que podiam ser observadas 6.300 nebulosas nos céus parisienses. E o estudioso presumia que só conseguiria terminar seu trabalho em quinze ou vinte anos.<sup>29</sup>

Muitas destas descobertas dependiam dos avanços na área de transmissão de eletricidade para funcionar. Por isso, Pedro Rabelo traz novidades sobre os progressos na área da transmissão de energia e de telefonia, que permitiam pessoas em Frankfurt ouvir óperas que ocorriam no Teatro Real de Munique, a 500 quilômetros de distância.<sup>30</sup> Em outra coluna o escritor conta sobre a apresentação do “teatrofone”, em Londres, que foi utilizado pelo lorde Salisbury, presidente do conselho de ministros da rainha Victória, para ouvir os artistas que se apresentavam em Paris naquela noite, em tempo real. A notícia empolgou Rabelo, que vislumbrava o poder da eletricidade como um meio de ligar diversos lugares e distribuir cultura irrestritamente.<sup>31</sup>

Como exemplos de aplicação da eletricidade na cultura e no lazer das pessoas, a coluna noticia a invenção do piano eletrônico e do gramofone O piano eletrônico prometia misturar o piano tradicional com o harmônio. Os sons eram captados por eletroímãs que podiam ser combinados de maneiras diversas para os mais variados objetivos acústicos, sem

---

<sup>27</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 4 set. 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4118](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4118)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>28</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1892. p.1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5479](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5479)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>29</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1891. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4625](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4625)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>30</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 set. 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4100](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4100)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>31</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1892. p.1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5479](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5479)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

perder a usabilidade tradicional. O gramofone alemão era semelhante ao fonógrafo americano. Ele captava e registrava as vibrações sonoras como na fonografia, mas não as registrava em um cilindro. Em seu lugar, o registro era feito em espiral em um disco circular de zinco. Após ser encerado e selado, o disco poderia ser reproduzido como no fonógrafo. O colunista se empolgou com a invenção, mas não acreditava que o produto vingaria, por já existir um aparelho semelhante nos Estados Unidos.<sup>32</sup>

A coluna apresenta novidades vindas diretamente da Exposição de Eletricidade, em Frankfurt, com experiências de alta importância para a evolução dos métodos de transporte da eletricidade. Estudos pretendiam solucionar questões sobre o transporte de energia e como, posteriormente, distribuí-la. Em uma cachoeira de Lauffen, na Alemanha, foi instalada uma máquina de três correntes alternadas que captava as grandes cargas geradas e, através de transformadores, reduzia as cargas para os usos correntes. Ela foi transportada por 175 quilômetros até Frankfurt, onde ativou uma cascata artificial. Outro objeto que chamou a atenção na exposição de Frankfurt foi a “termo-pilha”, um aparelho que convertia o calor em eletricidade, utilizando níquel no polo negativo, metal mais durável que os utilizados anteriormente. Esta pilha era a melhor que existia até aquele momento.<sup>33</sup>

Os avanços na eletricidade chegavam ao transporte de massa. No Congresso de Bondes, em Pittsburg, nos EUA, foram apresentados dados sobre a substituição de bondes de tração animal por bondes elétricos. Em três anos, cerca de 40% dos bondes puxados por cavalos foram transformados em bondes elétricos. Por causa disso, foi construída uma usina central para auxiliar no fornecimento de energia.<sup>34</sup> Sobre a área de construção de vias férreas elétricas, Rabelo cita o relatório apresentado pela *Rapid Transit Commission*, de New York, com notícias sobre os progressos realizados nos últimos cinco anos. Esta forma de locomoção se expandia rapidamente e contava naquele momento com 325 linhas prontas ou em construção em seis países distintos.<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1891. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4625](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4625)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>33</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1891. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4625](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4625)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>34</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 8 fev. 1892. p.2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5142](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5142)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>35</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4072](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4072)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

Outro exemplo dos novos usos da eletricidade foi a sugestão de vinicultores de Paris de eletrificar o vinho para aumentar sua validade, sem alterar o sabor, visto que a deterioração ocorria por causa da presença de micro seres organizados que o acetificavam. O vinho eletrificado foi apresentado a uma comissão que afirmou que seu conteúdo se conservava muito melhor do que nos vinhos comuns e o sabor não se alterava.<sup>36</sup>

Com o aumento constante do peso dos canhões e couraças, o uso frequente dos veículos sem tração animal (como as locomotivas elétricas citadas anteriormente) e o aumento da velocidade em que eram usados fazia com que a Europa decidisse substituir os trilhos de metais leves por versões mais pesadas.<sup>37</sup> O mundo científico apresentava duas novas ligas que podiam interessar para uso industrial. A combinação de cobre com antimônio, depois de polida, se assemelhava muito ao ouro, mas mais duro. Ela não oxidava com facilidade e podia ser utilizada para carregar vapores ácidos ou amoniacais. A outra composição era feita da mistura de alumínio com um pouco de titânio e diziam que era tão duro quanto o aço.<sup>38</sup> Usando esse material, a engenharia americana pretendia construir uma ponte sobre o *North River* conectando New York e New Jersey, com aproximadamente 15 quilômetros de extensão e 50 metros de altura.<sup>39</sup>

As fusões de metais para se tornarem mais ou menos compatíveis com a condução elétrica tomavam atenção de pesquisadores de diversas áreas. Um cientista famoso fez uma comunicação na Sociedade de Física sobre um novo processo de solda de metais com vidro ou porcelana, garantindo assim um tubo que aguentava altíssimas temperaturas.<sup>40</sup> Na Academia de Ciências descobriu-se um composto novo, denominado “níquel carbonilo”, uma combinação de ferro com óxido de carbono. Esta descoberta representava um avanço importante na área de química pura e de metalurgia.<sup>41</sup> A coluna informa que haviam sido

---

<sup>36</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 mar. 1891. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3055](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3055)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>37</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1891. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3049](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3049)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>38</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 jan. 1892. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5064](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5064)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>39</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3972](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3972)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>40</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1891. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3049](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3049)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>41</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 set. 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4100](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4100)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

encontradas minas de cobalto em Nova Caledônia, e esta era uma descoberta importante pois, este mineral era raro e muito precioso por seu uso na indústria das cores.<sup>42</sup>

A coluna “Notas Científicas” trazia apontamentos sobre botânica. Embora não abrisse mão do fundamento científico, a coluna chamava a atenção para o aspecto maravilhoso do mundo da ciência, como a notícia da chegada a São Francisco (EUA) de uma árvore gigantesca vinda da Califórnia, uma sequoia de 36 mil quilos e medindo 312 pés de altura. Seu destino final era a Exposição Universal de Chicago, onde seria exibida num hall para cem pessoas, iluminado com lâmpadas incandescentes.<sup>43</sup> Traz notícias sobre plantas fosforescentes e as variedades descobertas pelo mundo, como os cogumelos americanos, que brilhavam tanto que se poderia ler letras miúdas, mas que se apagam após a morte. Também havia cogumelos luminosos gigantescos na Austrália. Na Índia, um viajante afirmou ter visto uma planta luminosa que não se apagava após a morte, mas transbordava um líquido luminoso por cima da planta seca.<sup>44</sup>

Sobre biologia, Pedro Rabelo noticia a extinção iminente dos “Kambas”, um primata entre o chimpanzé e o gorila. Eles viviam nas profundezas das florestas equatoriais da África, tinham a altura da fêmea do gorila e a cabeça era similar a humana. Ao ver um exemplar de Kamba no seu habitat natural, um desavisado poderia confundi-lo com um homem dormindo na copa das árvores.<sup>45</sup> Sobre a Paleontologia, noticia que foram localizados no oceano da Patagônia maxilares símios, os fósseis mais antigos até então registrados. A similaridade da dentição dos fósseis com o dos humanos trazia o questionamento sobre a origem de macacos e humanos e sugeria que ela era mais antiga do que se supunha.<sup>46</sup>

A coluna traz uma descrição do “peixe arqueiro” e seus hábitos alimentares. Este peixe era extremamente curioso e se alimentava de crustáceos e insetos que pousassem na superfície da água ou em áreas próximas. Ao avistar a presa, o peixe põe a cabeça para fora da água e

---

<sup>42</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 maio 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3408](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3408)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>43</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 4 set. 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4118](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4118)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>44</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1892. p.1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5605](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5605)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>45</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 abr. 1892. p.1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5519](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5519)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>46</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 abr. 1892. p.1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5519](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5519)>. Acesso em: 10 jul. 2018.



cospe um jato de água, que pode subir até 50 metros de altura, derrubando seu alvo na água.<sup>47</sup> Um naturalista foi enviado para a China para investigar a existência de um inseto da mesma família das abelhas que produz cera, mas sem a produção de mel. O inseto foi localizado e nomeado como *Coccus Pe-La*. Era um costume do local recolher os galhos em que ele habitava e transplantá-lo para um local próprio onde era feita retirada da cera, o seu processamento e a sua comercialização. A cera podia ser usada para revestir velas de sebo, para dar maior consistência para gorduras vegetais e animais, para aumentar o brilho do papel, no polimento de objetos e nos panos de seda e de algodão.<sup>48</sup>

Pedro Rabelo dá notícia sobre os primeiros passos na criação das rações (animais e humanas) usadas na indústria até hoje. Na Alemanha um médico havia desenvolvido um meio de transformar a celulose da madeira em açúcar para fazer biscoitos nutritivos e comestíveis para os animais. O objetivo era especialmente a alimentação e a engorda do gado, na indústria alimentícia, mas também pensava na possibilidade de fazer biscoitos para humanos, como uma alternativa acessível, principalmente, para os mais pobres.<sup>49</sup>

Símbolo da civilização industrial e da metalurgia do ferro, a recém-inaugurada Torre Eiffel, em Paris, atraía muita atenção. Pedro Rabelo diz que algumas notícias sobre a torre eram exageradas, como a afirmação de que ela oscilava entre dois ou três metros quando havia ventos fortes. Um comandante parisiense instalou na torre um aparelho que determinava a sua medida vertical, portanto ao oscilar por força dos ventos, este aparelho poderia determinar o valor delas, além de fazer a medição da expansão da estrutura quando exposta ao sol, característica conhecida dos metais. Concluiu-se com o experimento que a oscilação da torre não passava de dois centímetros, desmentindo a notícia exagerada que circulava pelos jornais, causando apreensão na população.<sup>50</sup>

Em meio a informações sobre os avanços na indústria e os progressos tecnológicos que impactavam e modificavam a velocidade e o estilo de vida das populações, principalmente nas metrópoles, Pedro Rabelo também traz notícias sobre curiosidades e mistérios científicos, o que ajudava a atrair leitores para a coluna. No intuito de dar

---

<sup>47</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3972](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3972)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>48</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 nov. 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4516](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4516)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>49</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 8 fev. 1892. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5142](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5142)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>50</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 maio 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3370](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3370)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

fundamento científico ao fato arrepiante de que os cabelos crescem no *post mortem*, o escritor relata casos de exumação de cadáveres, como o de um general que morreu na batalha de Austerlitz (1805), que foi colocado num tonel de rum e levado para a França. Seu corpo foi esquecido e quando casualmente o localizaram, tempos depois, ainda conservado, seus bigodes chegavam até a cintura.<sup>51</sup> A fronteira entre cientificismo e monstruosidade também aparece no caso das gêmeas siamesas Rosa e Josefa Blazek, de 13 anos e ligadas pela bacia, em exibição na *Gaité* de Paris, que Pedro Rabelo chama de “monstro pigópago”.<sup>52</sup>

A medicina era um dos mais citados e relevantes assuntos da coluna “Notas Científica”. Em quase todas as publicações, encontra-se ao menos uma nota sobre medicina. Um tema que o atraía eram as cirurgias cerebrais sobre as quais compartilhava dados de congressos de cirurgia ocorridos na Europa. No Congresso Internacional de Berlim, um médico propôs tratar os problemas mentais dos mais variados gêneros de loucura removendo partes do crânio. E para isso comunicou o caso de uma paciente que, ao longo de três anos, foi submetida a quatro cirurgias para a retirada de faixas do seu crânio. Ao final, parou de ter alucinações e de ter comportamento agressivo, tornando-se calma, amável e branda no trato.<sup>53</sup> No congresso francês, um médico relatou que um homem saudável em um dia de embriaguez bateu com a cabeça em pedras e por causa disto em duas semanas estava completamente afônico. O médico concluiu que havia no crânio um coágulo achatado e decidiu removê-lo. A operação foi um sucesso e ao cabo de dez dias o paciente já conseguia falar novamente e após vinte dias ele já estava de volta ao trabalho.<sup>54</sup>

Além da cirurgia cerebral, a coluna trazia notícias sobre os avanços em outras áreas, como a ovariectomia (remoção dos ovários por causa de um tumor); a ablação do rim (retirada do rim ou de parte dele por causa de um tumor), a enterotomia (cirurgia no intestino), a trepanação (abertura no osso do crânio), a pneumotomia (dissecação do pulmão), a histerectomia (remoção total ou parcial do útero), entre outras -tomias e -ectomias. A cirurgia que chama mais a atenção de Rabelo é a craniectomia, que consistia em extirpar uma parte da

---

<sup>51</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4072](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4072)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>52</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 set. 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4100](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4100)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>53</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 maio 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3370](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3370)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>54</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 mai 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3370](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3370)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

caixa craneana. Eram realizadas, principalmente, nas crianças nascidas “idiotas” que constam nas atas das academias médicas. Segundo as pesquisas, a melhora motora e intelectual era notável depois do tratamento.<sup>55</sup>

O autor informa sobre um novo tratamento médico: a injeção subcutânea de matéria nervosa para o tratamento das mazelas da falta de força nervosa ou fadiga mental. O tratamento era feito com massa cerebral de carneiro macerada em água glicerinada, que depois de 24 horas de repouso, era filtrada e injetada no doente. O médico afirmava ter tido bons resultados até o momento.<sup>56</sup> Uma alternativa proposta por cientistas nos Estados Unidos consistia em, ao invés da injeção de massa cerebral de carneiro, indicar que o paciente fizesse “biciclo” (ciclismo), posto que este esporte exigia atenção constante e destreza, além de exercitar os músculos. Os resultados foram positivos e mostraram como o esporte era capaz de estimular o cérebro fatigado ou deprimido, tanto de homens como de mulheres. Para o colunista, o experimento ajudava a resgatar a prática de esporte da injusta má fama de ser banal e responsável por causar varizes, hérnias e deformações físicas.<sup>57</sup>

Sendo ele mesmo afetado pela tuberculose, Pedro Rabelo se mantinha atualizado sobre os avanços e descobertas divulgados em atas de congressos internacionais e da Academia de Medicina de Paris, em busca de algo que aliviasse os sintomas ou até mesmo curasse o mal. Todos conheciam alguém afetado pela doença que o assombrava e que lhe levava tantos amigos. Para tratar o tecido tuberculoso, um médico alemão propôs uma injeção de cantaridato de potássio. Ele se baseava em estudos anteriores que comprovavam as características bactericidas do soro do sangue e idealizou um método que potencializasse essa propriedade e direcionasse o tratamento para o interior do tecido contaminado. O médico afirmava ter submetido um grupo ao tratamento e ter obtido bons resultados.<sup>58</sup> Outro experimento, baseado na mesma premissa, sugeria uma vacina de linfa de novilha retirada do

---

<sup>55</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1892. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5605](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5605)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>56</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1892. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5479](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5479)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>57</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 abr. 1892. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5519](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5519)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>58</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 mar. 1891. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3055](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3055)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

cérebro do animal. Os cientistas responsáveis também afirmavam ter bons resultados em seus testes.<sup>59</sup>

Sobre o tratamento do tecido tuberculoso, médicos apresentaram numa comunicação na Academia de Medicina de Paris uma injeção de cloreto de zinco. Uma discussão se iniciou por que um dos ouvintes reclamou para si a prioridade do método, por estar desde 1879 tentando modificar o tecido tuberculoso com injeções de sulfato de zinco, que em sua opinião, era melhor que o cloreto por não causar escaras. Outro médico, aplaudindo a comunicação, afirmou ter excelente resultados com o uso de compressão elástica na articulação doente, portanto, não vê a necessidade de fazer inoculação nos pacientes. Entretanto, o comunicador explicou que seu objetivo não era modificar e nem matar o tecido adoecido e sim potencializar as forças do tecido saudável e forte no entorno do tecido tuberculoso para comprimi-lo.<sup>60</sup> Para Pedro Rabelo, era um dos poucos tratamentos que pareciam ter algum efeito real.

Outro tratamento de tuberculose destacado pelo colunista foi proposto na Academia de Medicina de Paris, a partir de uma câmara de atmosferas artificiais. Nesse experimento, o tratamento do doente era feito em uma câmara metálica especial com ar comprimido injetado até chegar a meia atmosfera. Este ar estava previamente em contato com creosoto, um tipo de remédio para tosse, e eucaliptol. O doente permanecia nesta câmara por duas ou três horas, todos os dias, durante seis ou oito meses, de modo a potencializar a penetração dos medicamentos no corpo doente.<sup>61</sup> Neste experimento, os pacientes não se curavam, mas tinham melhoras significativas. Segundo o colunista, era um dos poucos tratamentos disponíveis para a tuberculose pulmonar humana.

A questão do tratamento da tuberculose, em humanos e animais, era tão importante e mundialmente problemática, que se instituiu um Congresso Internacional da Tuberculose para criar um ambiente em que os estudiosos da área pudessem se reunir e expor as pesquisas que estavam sendo desenvolvidas especificamente para curar ou amenizar a doença. Diversas questões importantes sobre a doença foram desmistificadas.

Por exemplo, comumente os pesquisadores utilizavam culturas de tuberculose

---

<sup>59</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 jun. 1891. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3497](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3497)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>60</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 set. 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4100](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4100)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>61</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 mai 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3408](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3408)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

adquirida em galinhas ou outras aves, mas neste congresso um grupo de pesquisadores apresentou argumentos que justificam a afirmativa de que a tuberculose aviária não era semelhante à do homem. A experiência se baseou na exposição de alguns roedores a tuberculose aviária e outros a tuberculose humana e seu monitoramento até a morte dos animais. A maior diferença notada foi a autópsia dos animais, àqueles expostos a tuberculose de aves não manifestaram nódulos ou qualquer outra característica que indicassem que o animal morreu de tuberculose. No grupo exposto a tuberculose humana, havia nódulos e pústulas nas autópsias. Além disso, as culturas de cada tipo da doença eram diferentes entre si. Cientistas que acreditavam nessa hipótese estavam refazendo suas experiências para alcançar a tão esperada cura para a tuberculose.<sup>62</sup>

Outra questão solucionada pelo evento foi a desmistificação da crença de que filhos de tuberculosos herdavam a doença. O que ocorria na verdade era que o bebê adoecia por conviver com pais doentes, portanto, a recomendação era que se afastasse rapidamente o bebê da mãe com tuberculose, para que ele também não adoecesse.<sup>63</sup> Em uma comunicação feita à Academia de Medicina de Paris, cientistas recomendavam ferver muito bem o leite de vaca antes do consumo pois, a vaca (e o seu leite) podem transmitir tuberculose. Mesmo uma vaca visivelmente robusta e saudável podia estar internamente contaminada pelo bacilo. O ideal, aponta Pedro Rabelo, seria que o gado brasileiro fosse examinado para comprovar que não havia perigo, mas isto não era feito, portanto, a solução era ferver o leite.<sup>64</sup>

A coluna anuncia um novo emprego da tuberculina de Koch no diagnóstico de tuberculose em bovinos. A proposta era injetar tuberculina nos animais e observar. Aqueles que apresentassem qualquer reação, como febre, deviam ser isolados do rebanho e examinados minuciosamente por um veterinário. Em testes feitos em um pasto em Paris, vacas sem sinal de tuberculose reagiram à vacina, foram sacrificadas e autopsiadas. Durante o exame foi comprovado que estes animais estavam realmente doentes. Por não causar reações em bovinos saudáveis e nem interferir no leite produzido por eles, a coluna recomenda que

---

<sup>62</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 set 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4216](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4216)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>63</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 set 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4216](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4216)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>64</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 mar 1891. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3055](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3055)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

proprietários brasileiros de fazendas de bovinos deveriam ficar atentos e seguir o exemplo dos parisienses.<sup>65</sup>

Além do tratamento, a coluna também se preocupa em informar seus leitores sobre formas de contágio e alertar os governantes para um saneamento adequado da cidade, a fim de inibir a epidemia. Um dos exemplos de contágio que Rabelo publicou foi retirado da revista *Imprensa Médica de Viena*. Nela um cientista afirma que era de suma importância lavar muito bem as frutas antes de ingeri-las. O pó das ruas que se acumulava sobre as frutas trazia vários contaminantes, entre eles o da tuberculose, visto que os doentes andavam pela cidade e cuspiam em todo lugar, espalhando a doença. Ele comprovou esta hipótese em seu laboratório, injetando a água que usou para lavar as frutas em três porquinhos da índia. Um morreu em 2 dias de peritonite e os outros dois após 45 e 59 dias, respectivamente, de tuberculose.<sup>66</sup> Em outra publicação, a coluna alerta para que as companhias ferroviárias prezem pelo máximo de asseio e que desinfetem as cabines, pois as pesquisas apontavam que havia bacilos de tuberculose sendo espalhados por cabines de companhias ferroviárias. Isso se devia à grande circulação de doentes sendo transportados de uma região para a outra e deixando rastros da doença.<sup>67</sup>

A tuberculose era altamente contagiosa, dolorosa, considerada incurável e o escritor de 23 anos sofria na própria pele os malefícios causados por ela, e isso pode justificar o espaço destacado que ocupa nas 20 colunas que escreveu para as “Notas Científicas”. Os assuntos conversavam entre si e interferiam no progresso de tantos outros que eram puxados ou freados, de acordo com as necessidades das pesquisas em desenvolvimento. Era notável a variedade de assuntos abordados na coluna e o talento de Pedro Rabelo para torná-los úteis e interessantes ao leitor da *Gazeta de Notícias*, assim como seu interesse e crença no pensamento científico e no progresso tecnológico.

---

<sup>65</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 jan 1892. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/5064](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/5064)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>66</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 mai 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/3408](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/3408)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>67</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 4 set 1891. p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/4118](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/4118)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

### 3 A ALMA ALHEIA E O NATURALISMO DA DESILUSÃO

Em jornais da época houve grande comoção, tanto para divulgar quanto para criticar o volume de contos *A alma alheia*. O próprio autor afirma na abertura da obra a existência de uma disparidade de estilo e a explica como sendo fruto de sua própria concepção de arte:

Há aqui uma disparidade de estylo, uma dessemelhança de processos que se por um lado redundam em beneficio para o volume, com o tirar-lhe a monotonia que pudéra ter, por outro lhe prejudicam uma certa unidade de fórma que porventura, fôra para desejar. Qualidade ou defeito, explicam-se não pela diversidade de épocas em que foram escriptos os contos, mas pela diversidade de assumptos que, em cada um delles, pretendia emoldurar o auctor. (...) Subordina-se tal procedimento a uma legitima ou illegitima comprehensão de Arte que tem o auctor - comprehensão que elle humildemente pede se lhe permita guardar para si, erronea, embora, no entender de uns que a contestem, ou acertada, no parecer de outros que sobre o assumpto, alardeiem identica opinião. Por que lhe faltem requisitos de que haveria mister, elle não se propõe doutrinar a ninguem. Escreve como escreve, porque entende que por esse modo é que se deve escrever (RABELLO, 1895, p. 7-8).

Apesar de não termos acesso a outras informações sobre a sua concepção de arte, podemos antever uma obra singular e multifacetada, como o próprio autor. Nesta abertura, Rabelo propõe uma arte diferente sem impor uma vontade única ou um estilo único. Opta por fugir da “unidade da obra” como a categoria mais acertada. Assim como em seu trabalho jornalístico, Rabelo propõe a variedade como a sua estilística.

O autor menciona mais adiante, na abertura da obra, que a sua convivência com outros escritores conhecidos se tornou um ponto problemático para determinar o seu próprio mérito literário e por isso pede pela inexorabilidade da crítica: “a severidade do julgamento literário delimita bem o terreno em que aptidões deste ou daquele mais legitimamente se devam exercer” (RABELLO, 1895, p. 15). O escritor queria assimilar a própria crítica como mais uma das possibilidades da sua arte. Dizia isto a partir de um lugar de fala confortável, como membro do grupo de escritores que fundaria a Academia Brasileira de Letras em 1897.

Como vimos, a marca mais importante atribuída a Pedro Rabelo pela crítica literária da época foi definir seu estilo como imitativo das formas e dizeres de Machado de Assis. Para uns, isso era visto como um elogio, enquanto para outros era uma forma de rebaixamento, chamando o escritor de pastichador. O próprio autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) manifestou sua opinião sobre a alegada semelhança entre a obra de Pedro Rabelo e sua escrita, em uma de suas crônicas n’*A Semana*, da *Gazeta de Notícias*:

Tambem há religiões litterarias, e o Sr. Pedro Rabello, no prologo da *Alma Alheia*, allude a algumas e condemna-as, chamando-lhes igrejinhas. O Sr. Pedro Rabello, porem, não é código, é escriptor, e se acrescentar que é escriptor de futuro, não será modesto, mas dirá a verdade. Digo-lh'a eu, que li as oito narrativas de que se compõe a *Alma Alheia*, com prazer e cheio de esperanças. A Barricada e o Cão são os mais conhecidos, e, para mim, os melhores da colleção. A Curiosa é mais que curiosa: é uma predestinada. Mana Mínduca... Mas, para que hei de citar um por um todos os contos? Basta dizer que o Sr. Pedro Rabello busca uma idéa, uma situação, alguma cousa que dizer, para transferil-a ao papel. Tem-se notado que seu estylo é antes imitativo, e cita-se um auctor, cuja maneira o joven contista procura assimilar. Póde ser exacto em relação a alguns contos; elle proprio acha que há diversidade no estylo d'esta (disparidade é o seu termo), e explica-a pela natureza das composições. (...) A explicação do Sr. Pedro Rabello não explica o seu caso, nem é preciso. No verdor dos annos é natural não acertar logo com a feição propria e definitiva, bem como seguir a um e a outro, conforme as sympathias intellectuaes e a impressão recente. A feição ha de vir, a propria, unica e definitiva, porque o Sr. Pedro Rabello é d'aquelles moços em quem se póde confiar.<sup>68</sup>

Machado procura atenuar a acusação de imitação, faz elogios ao autor e cita alguns dos seus contos favoritos. O “velho bruxo”, possivelmente, buscava atenuar o furor da crítica ao assinalar o verdor dos anos como uma causa para se seguir simpatias intellectuais, e que tal fato era perdoável, até mesmo esperado, por Pedro Rabelo ainda ser moço. Machado afirma que Rabelo ainda precisava amadurecer mais, fosse em anos ou em experiência na composição literária, para firmar a mão em uma impressão própria. O escritor veterano depositava confiança nos bons feitos do autor.

O responsável por boa parte da propaganda, e da crítica, ao livro de contos de Pedro Rabelo foi Artur Azevedo (1855-1908). Ele foi um dramaturgo, poeta, contista e jornalista brasileiro e, também foi, o irmão mais velho de Aluísio Azevedo (1857–1913). Artur foi o primeiro a atribuir à escrita de Rabelo uma similaridade com a escrita de Machado, mas pretendia isso num sentido elogioso. Alguns meses antes de ser lançado o livro *A alma alheia*, em 25 de abril de 1895, Arthur Azevedo publicou no jornal uma nota elogiando o futuro lançamento do Pedro Rabelo:

Encontrei ontem o poeta de *Ópera Lírica*, Pedro Rabelo, que me deu a grata notícia de que dentro destes quinze dias mais próximos, sairá dos prellos do Mont' Alverne o seu primeiro livro de prensa, a *A Alma Alheia*, um feixe de contos bem observados e cuidadosamente escritos. Os meus leitores devem saber que Pedro Rabelo é o autor de *A Barricada* (...). Esse e outros bons trabalhos do moço artista figurarão na *A Alma Alheia*, que vai ser um livro digno de aceitação e de aplauso.<sup>69</sup>

<sup>68</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 out 1895. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/12959](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/12959)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

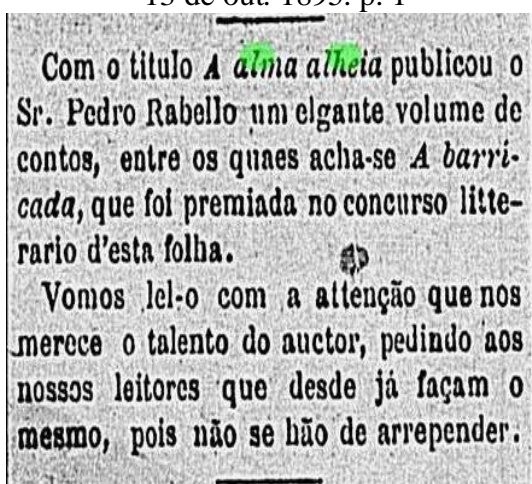
<sup>69</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1895. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_02/12512](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/12512)>. Acesso em: 25 jun 2018.



A Casa Mont'Alverne era uma tipografia e papelaria da rua do Ouvidor que fazia a impressão de guias eleitorais, catálogos de exposições, bilhetes de loteria, folhinhas e, ocasionalmente, publicava ficção e poesia. Após o lançamento, o livro podia ser comprado nas principais livrarias da capital por 3 mil-réis, como indicado pela Figura 4, e foi amplamente anunciado nos jornais. A Livraria Laemmert já demonstrava interesse na produção do jovem escritor pois, despachou cópias de *A alma alheia* para suas filiais no Recife e em São Paulo.<sup>70</sup> No Maranhão e em Porto Alegre, a Livraria Universal anunciava que tinha em estoque edições do livro.<sup>71</sup>

As primeiras notícias próximas ao lançamento da obra são do jornal *Gazeta de Notícias*. Ele publica notas (Figura 4 e 5) sobre o lançamento de *A alma alheia*, sem expor detalhes sobre a obra e seu conteúdo, mas lembrando ao leitor a inclusão de um conto premiado em um concurso do jornal, “A Barricada”:

Figura 4 - *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de out. 1895. p. 1

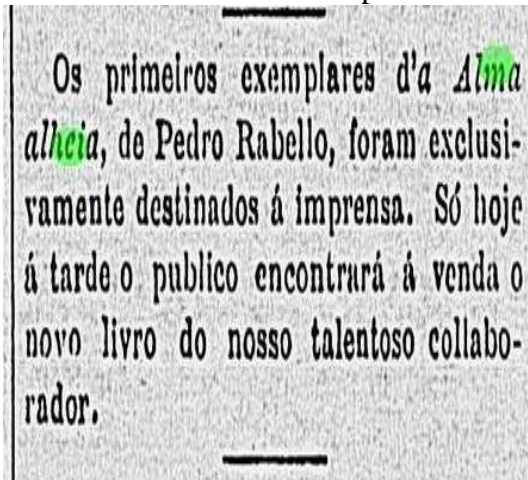


Fonte: GAZETA DE NOTÍCIAS, 1895.

<sup>70</sup> *Almanak da Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1896, p. 277; *Jornal de Recife*, Recife, 19 dez. 1896, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/829579/5069>>; <<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/37639>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

<sup>71</sup> *Diário do Maranhão*, São Luís do Maranhão, 7 nov. 1895, p. 3; *Federação*, Porto Alegre, 6 jul. 1910, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720011/28063>>; <<http://memoria.bn.br/DocReader/388653/22934>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

Figura 5 - Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro,  
15 de out. 1895. p. 1



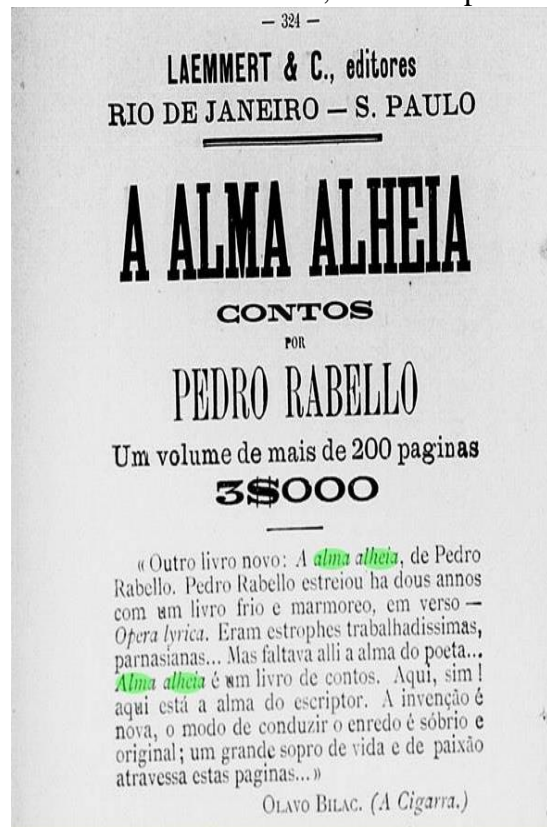
Fonte: GAZETA DE NOTÍCIAS, 1895. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

A simplicidade dos anúncios pode ser compreendida como um indício de que o leitor das páginas da *Gazeta* dispensa maiores apresentações, por já ter contato com a escrita e com o nome de Rabelo nas páginas do jornal. Com o passar do tempo, vemos mais palavras e agitação sobre este lançamento.

Olavo Bilac publica sua opinião na revista *A Cigarra*. Seus comentários foram replicados em anúncios da obra no *Almanaque da Gazeta de Notícias* (Figura 6). Nela afirma que Rabelo está superando a “marmórea e sem alma” *Ópera Lírica*, sua obra de estreia, na qual não se via a alma do autor. Em *A alma alheia* Bilac reconhecia outro autor: “Aqui sim! Aqui está a alma do escriptor. A invenção é nova; o modo de conduzir o enredo é sóbrio e original; um grande sopro de vida e de paixão atravessa estas paginas”.<sup>72</sup>

<sup>72</sup> *A Cigarra*, Rio de Janeiro, n. 25, 24 out. 1895, p. 3; *Almanak da Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1896, p. 275. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/749591/198>>. Acesso em: 25 jun 2018.

Figura 6 - Almanak Gazeta de Notícias,  
Rio de Janeiro, s.d 1897. p. 275



Fonte: GAZETA DE NOTÍCIAS, 1897. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

Outros comentários aparecem na revista *A Estação* (Figura 7), que não poupa elogios à obra. A revista contextualiza quem é Pedro Rabello e retoma comentários feitos sobre ele por outros críticos. A nota cita vários títulos dos contos que compõem o livro, contextualizando para o leitor quais foram publicados e onde localizá-los.

Valentim Magalhães (1859-1903), na coluna “Semana Literária” citou *A alma alheia* como um dos destaques editoriais de 1895, lado a lado com *Várias Histórias* (1896), de Machado de Assis, *Miragem* (1895), de Coelho Neto, *Livro de Uma Sogra* (1895), de Aluísio Azevedo, entre outros.<sup>73</sup> Com lista semelhante e indício da importância do livro, temos a *Gazeta da Tarde* com seus destaques de sucesso do ano de 1895, e nela encontramos *A alma alheia* entre as indicadas.<sup>74</sup>

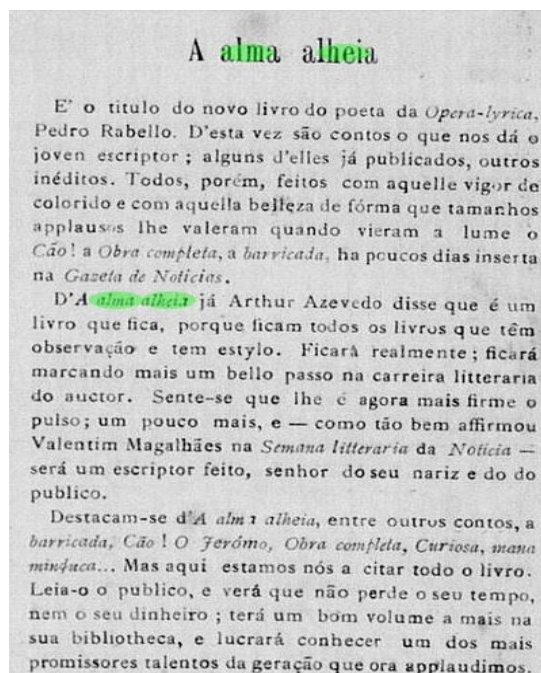
<sup>73</sup> *A Notícia*, Rio de Janeiro, 6 jan. 1896, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/830380/1055>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

<sup>74</sup> *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1895, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/226688/14807>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

Para os editorialistas de *O Paiz*, no obituário do autor, foi principalmente essa obra que deu a Pedro Rabelo “esporas de cavaleiro” e o habilitou a compor o grupo de fundadores da Academia Brasileira de Letras.<sup>75</sup> Na coluna “Crônica dos Livros”, do jornal *Cidade do Rio*, o pseudônimo A. de F. destaca a obra de Pedro Rabelo dentre as quatro que selecionou para sua análise. Nessa lista está incluída também a obra já citada de Machado de Assis. *A alma alheia* foi a escolhida como destaque por condizer com o temperamento artístico do autor da coluna. Ele afirma ter sido apanhado em um instante e se deliciado com a obra, sugerindo que ao invés de *A alma alheia* deveria chamar-se “Alma Humana”, por abrangê-la tão bem.

A palavra “alma” no título do volume poderia sugerir um interesse pelo que se passava na consciência dos personagens, ou pela “psicologia”, que era uma das novas ciências do século XIX, confirmando o interesse do autor pelas novidades científicas e tecnológicas, como na coluna “Notas Científicas”. O adjetivo “alheia” pode significar uma recusa, distanciamento ou indiferença *fin-de-siècle*, como um olhar clínico que não é afetado pelo sentimentalismo alheio, mas também pode apontar para o que é do outro, o estranho e a alteridade, corroborando o conceito de variedade na obra como um antídoto contra a monotonia, defendido pelo autor na abertura (MENDES, 2017, p. 299).

Figura 7 - A Estação, Rio de Janeiro, 31 de out. 1895. p. 14



Fonte: A ESTAÇÃO, 1895. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<sup>75</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1905, p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_03/10609](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/10609)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

Figura 8 - Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro,  
03 de nov. 1895. p. 5

| <b>LAEMMERT &amp; C.</b>  |         |
|---|---------|
| <b>Editores</b>   |         |
| <b>RIO DE JANEIRO — S. PAULO</b>  |         |
| <b>ULTIMAS PUBLICAÇÕES</b>  |         |
| <b>Nachado de Assis: Pa-<br/>rias Historias, 1 vol. nitida-<br/>mente impresso.</b>   | 4\$000  |
| <b>Valência Magalhães:<br/>Vinte Contos, 2ª edição cor-<br/>rigida, 1 vol.</b>  | 3\$000  |
| <b>Marcos Valente: Philoso-<br/>phia de algibeira, (para phi-<br/>losophos de bond) 1 vol. in-32.</b>   | 1\$500  |
| <b>José Verissimo: Estudos<br/>Brasileiros, 2ª série 1889—1893,<br/>1 vol. in-8.</b>  | 5\$000  |
| <b>Rodrigo Octavio: Sonhos<br/>funestos, drama de assumpto<br/>colonial em 3 actos e 4 quadros</b>  | 3\$000  |
| <b>Figueiredo Pimentel:<br/>Um canalha 1 romance origi-<br/>nal brasileiro, 1 vol. com linda<br/>capa colorida.</b>   | 3\$000  |
| <b>Bené Ernesto Junior:<br/>Fronhas, primeiros versos, 1893<br/>— 1894 1 vol. ricamente im-<br/>presso.</b>   | 2\$000  |
| <b>Casimiro de Azevedo:<br/>Obras completas. Novissima<br/>edição, precedida de uma noti-<br/>cia sobre o auctor, por M. Saíd<br/>Ali, 1 vol. brochado 28, enca-<br/>dernado.</b> | 3\$000  |
| <b>Casimiro de Azevedo:<br/>Obras completas. Novissima<br/>edição, precedida de uma noti-<br/>cia sobre o auctor, por M. Saíd<br/>Ali, 1 vol. brochado 28, enca-<br/>dernado.</b> | 3\$000  |
| <b>Franco A. Cardoso: Con-<br/>cepção Monistica do Universo,<br/>introducção ao cosmo do direito<br/>e da moral, 1 vol. in-8° bro-<br/>chado 28, encadernado.</b>                 | 10\$000 |
| <b>Pedro Rabello: A alma<br/>atheia, contos, 1 vol. in-16°,<br/>nitidamente impresso.</b>   | 3\$000  |
| <b>Franco A. Cardoso: Scandina-<br/>via, Apontamentos de via-<br/>gens na Suecia e Noruega, 1 vol.<br/>in-8°, com gravuras.</b>   | 6\$000  |
| <b>Guilherme Braga: O bispo,<br/>Nova heresia em verso.</b>   | 1\$000  |

Fonte: GAZETA DE NOTÍCIAS, 1895. Disponível  
em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

Na Figura 8 é possível observar o nome de Pedro Rabelo figurando na lista de uma importante livraria nacional, a Laemmert, que juntamente com a Garnier, se apresentava como a mais respeitável e bem-sucedida da época:

No mesmo quarteirão da rua do Ouvidor, estavam as duas livrarias de maior prestígio, ao longo de quase toda a segunda metade do século XIX, a Garnier e a Laemmert. Quem por elas passasse veria fileiras, do chão ao alto, de exemplares cuidadosamente encadernados, assinados por autores de renomado valor estilístico e, dependendo do horário, entusiasmadas confrarias literárias que reuniam nomes presentes diariamente nas colunas dos jornais (EL FAR, 2004. p. 28).

À sua época, a Rua do Ouvidor foi o berço das grandes livrarias e dos comércios mais respeitáveis. Era para onde as senhoras iam para conseguir adquirir as edições mais luxuosas das obras que estivessem procurando (EL FAR, 2004. p. 28). Nela estavam a Laemmert, (Rua

do Ouvidor, 66), a Garnier (Rua do Ouvidor, 71)<sup>76</sup> e a Casa Mont'Alverne (Rua do Ouvidor, 82), editor de *A alma alheia*.<sup>77</sup>

No período em que o escritor viveu, a imprensa e a literatura assumiram um grande destaque como os meios capazes de construir e disseminar a opinião pública, e se tornaram um dos principais meios de visibilizar os autores e jornalistas e os ideais abolicionistas e republicanos crescentes no período. Esses valores reforçaram as bases em que se apoiava a escrita naturalista e realista em ascensão. E, com exceção da Garnier, ambas editaram e distribuíram nacionalmente as produções de Rabelo.

Os jornais, revistas, livros, panfletos e opúsculos são apontados como alguns dos principais métodos de divulgação para o público letrado, “mas as conversas de rua e nas confeitarias, os clubes, as conferências, os rumores, a leitura dos jornais em voz alta, as ilustrações [o Carnaval] faziam chegar os debates ao homem comum e aos ágrafos” (MELLO, 2007, p. 13), comprovando a visibilidade e a propagação de ideologias que os jornais, as revistas e os livros traziam para os autores da época.

Após o elogio de Arthur Azevedo, meses antes da publicação, outros críticos utilizaram a mesma nomenclatura para inverter e menosprezar a escrita de Rabelo. Quando o livro saiu, leu-se:

Pedro Rabelo é um discípulo de Machado de Assis, mas um discípulo extraordinariamente parecido com o mestre. Durante a sugestiva e deliciosa leitura d'*Alma Alheia*, a todo instante me parecia ter em mãos um livro do autor das *Memórias Póstumas de Braz Cubas*, e por vezes a ilusão era completa. Creio que não posso fazer maior elogio ao ilustre moço... Pedro Rabelo é ainda muito novo. Está assentando a mão para o grande romance com que algum dia nos surpreenderá e em cujas páginas os nossos netos examinaram os costumes da sociedade fluminense nos paroxismos do século das luzes.<sup>78</sup>

No dia 26 de outubro de 1895, na revista de sátira política *Don Quixote* (COUTINHO, 2001. p. 610), do cartunista Ângelo Agostini (1843-1910), lia-se um comentário sobre o conto “Caso de adultério”, de Pedro Rabelo, que aparece em *A alma alheia*, novamente chamando a

<sup>76</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 set. 1903. p. 6. (Anúncio de lançamento e venda do Almanaque Garnier de 1904 na livraria Garnier.) Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_04/6385](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/6385)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

<sup>77</sup> *O Commercio*, Rio de Janeiro, 19 out. 1898. p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/808822/19>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

<sup>78</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 15 out. 1895. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_02/13942](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/13942)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

atenção para as semelhanças de seu texto com o estilo de Machado de Assis. Porém, sem deixar claro se sua intenção era elogiar ou ironizar Rabelo:

Achavam-se três brasileiros fora da pátria quando um deles, tendo recebido o *Gazeta de Notícias*, entrou a ler em voz alta para os outros, esse belo conto, que faz parte da coleção da *Alma Alheia*... E os três, aliás entendidos em jornalismo e literatura indígenas, antes de haverem visto a assinatura sentenciaram logo ‘Machado de Assis!’ Erraram, é certo. Mas a imitação era tão perfeita, a frase tão semelhante, o torneio e a elegância do dizer tão mesmos, que o equívoco era natural.<sup>79</sup>

Novamente no jornal *O Paíz*, de 28 de outubro de 1895, mas desta vez sob palavras do crítico Magriço, lê-se claramente o desagrado do crítico com o aspecto imitativo da obra, que chega a acusar Rabelo de “machadizar” seu estilo:

Pedro Rabelo ofereceu-me um exemplar da sua *Alma Alheia*. Tenho em muito apreço o talento do meu colega e amigo. Confesso, porém, que a sua maneira de poeta e prosador não diz com meu modo de sentir. Sou francamente seu adversário na compreensão da Arte. A melhor parte de seu livro, na minha opinião, a mais elegante de estilo, a mais sonora e fina é a abertura ou assinatura numa grei que vê tudo roxo. (...) Pedro Rabelo tem a visível preocupação, todos o notam, de *machadisar* as suas produções, bebendo o estilo do mestre.<sup>80</sup>

Raimundo Magalhães Júnior (1967) repete a história de que após o lançamento de *Alma Alheia*, Rabelo foi acoimado de imitador pelos adversários. Eles afirmavam que Rabelo não escrevia contos e sim, pastichava-os “em composições ‘a la maniere’ do autor das ‘Várias Histórias’”. Magalhães Júnior concorda que “realmente é nítida e irrecusável essa influência, muito embora não tenha Pedro Rabelo chegado ao simples pastiche” (JÚNIOR, 1967, p. 149), enaltecendo a escrita de Rabelo como uma produção de valor maior que a mera imitação.

Machado de Assis, em seu texto crítico “A Nova Geração”, observou uma tendência à imitação de Vitor Hugo e Baudelaire nos jovens escritores da época, a que declarou como demasiado cru, satânico e perigoso. Pois os imitadores poderiam tanto se utilizar desta imitação para alcançar seus próprios estilos, quanto reproduzi-los incessantemente e exagerá-los, como costuma acontecer com discípulos intransigentes. Entretanto, não há evidências de que a obra de Rabelo se enquadrasse neste caso, visto que o próprio Machado de Assis procurou amenizar a crítica quando ela se tornou insistente em taxar a escrita do autor de *Alma Alheia* de “machadizada”.

<sup>79</sup> *Dom Quixote*, Rio de Janeiro, nº 38, 26 out 1895. p. 5 e 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/714178/279>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

<sup>80</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 out 1895. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_02/14048](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/14048)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

Maria Tereza Chaves de Mello, em *A república consentida*, apresenta uma análise completa sobre o período histórico pós-império e nela a historiadora destaca o Naturalismo:

Clamores foram levantados contra o subjetivismo excessivo, as idealizações descoladas da realidade, a pieguice lacrimosa, o indianismo. Proclamou-se, em oposição, a superioridade do retrato fiel da sociedade – prevalentemente, a urbana –, dos costumes, das situações, das vivências humanas, descritas com verdade e imparcialidade (MELLO, 2007 p. 106).

Valores semelhantes podem ser observados tanto na escrita jornalística quanto na literária de Pedro Rabelo e seus amigos escritores. Como jornalista e cronista, Rabelo constantemente escrevia sobre os dias de sua comunidade, portanto, a descrição do microcosmo do interior da casa carioca ou das ruas e comércios da metrópole aparecem em alguns dos contos de *A alma alheia*.

Para José Veríssimo, o naturalismo no Brasil era um levante contra o romantismo, uma manifestação idêntica ao protótipo do naturalismo francês e modelando-se ao estilo de Émile Zola (1840-1902), quase exclusivamente:

Não seria, porém, justo contestar-lhe [o naturalismo] o bom serviço prestado, tanto aqui como lá, às letras. Ele trouxe à nossa ficção mais justo sentimento da realidade, arte mais perfeita da sua figuração, maior interesse humano, inteligência mais clara dos fenômenos sociais e da alma individual, expressão mais apurada, em suma uma representação menos defeituosa da nossa vida, que pretendia definir (VERISSIMO, 1929, p. 158).

Foi, portanto, uma manifestação ideológica necessária para se desfazer do modelo sonhador dos românticos, despertando um espírito mais realista e objetivo, mais compatível com o período de luta por direitos em que se encontrava a sociedade brasileira. Uma escrita compatível com o ideal de liberdade e república, com a possibilidade de se viver do trabalho com as letras, o que cada vez mais estava próxima da realidade dos jovens escritores (MELLO, 2007).

Ao observarmos os contos de *A alma alheia*, podemos notar como as características naturalistas se manifestam e que há alguns resquícios líricos do Romantismo mesclados na obra de Rabelo. Como escreve João Pacheco:

(...) a ação de algumas das histórias se passa em meios rústicos, a dar às composições nativistas, que já começavam, nas tendências literárias da época, a bifurcar-se dos propósitos estritamente estéticos. São inegáveis as qualidades de Pedro Rabelo delas há mostras nos seus contos. Falecendo, contudo, ainda jovem, não teve tempo para adestrá-las devidamente (PACHECO, 1967 p. 157).



O crítico acrescenta:

Tinha também preocupação psicológica Pedro Rabelo que deu à estampa *Alma Alheia* (1895) as suas narrações se desenvolvem numa atmosfera entre irônica e sentimental, a que se ajunta, de vez em quando, uma nota trágica. (...) Em sua obra, como já se observou, é flagrante o influxo de Machado de Assis, de que foi cronologicamente o primeiro discípulo (PACHECO, 1967 p. 156-157).

Alguns críticos do século XIX identificaram marcas naturalistas (como o “homem fisiológico”) nos contos de Pedro Rabelo. O crítico do *Jornal do Commercio* descreve *A alma alheia* como “histórias que punham em ação paixões fisiológicas que enlutavam o homem, degradando-o em vícios ou condenando-o à falta de sanidade”.<sup>81</sup> José Verissimo achava evidente “a influência do naturalismo zolista” nos contos de Pedro Rabelo. O crítico identificava nas narrativas “as brutalidades escusadas, as fáceis ousadias do naturalismo, quando este já vai em plena decadência, senão em completo desaparecimento” (VERISSIMO, 1895. p. 253). Ser chamado de naturalista no século XIX, especialmente por Verissimo e Machado de Assis, não era um elogio.

Em *Naturalist fiction: the entropic vision* (1990), David Baguley observa o naturalismo de forma mais ampla, dividindo-o em dois tipos: o trágico e o cômico ou de desilusão.

A ficção naturalista se imbrica com o trágico, muito embora, é claro, não ocasione um renascimento da tragédia. (...) Os escritores naturalistas exploravam as potencialidades trágicas de uma nova era científica, que revela leis inexoráveis que ameaçavam a essência da condição humana (BAGULEY, 1990, p. 100).

Ambos os naturalismos são reflexões sobre as ironias da vida na civilização industrial e “os dois tipos podem combinar nas obras de um mesmo autor ou até no mesmo texto. É mais uma diferença de ênfase do que uma divisão absoluta” (BAGULEY, 1990. p. 120 e 121). Por isso, é possível observar ambas as vertentes em *A alma alheia*.

O naturalismo trágico compartilha algumas características da tragédia clássica, como o questionamento sobre o destino humano ou a queda trágica da personagem, mas sem ligar-se ao mito ou ao destino inevitável e sim se ligando às consequências de seu meio, hereditariedade, etc.

O naturalismo trágico diferencia-se do cômico ou de desilusão por:

---

<sup>81</sup> *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 30 out 1895. p. 1 Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_08/19098](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/19098)>. Acesso em: 10 jul 2018.

No primeiro (...), o enredo predomina – as fortunas de um protagonista, de um participante ativo nas lutas de vida, são a característica mais importante de histórias que dão errado (se é que alguma chance teriam de dar certo). No segundo tipo, o protagonista é mais um espectador da vida que se retira de qualquer compromisso ativo (e potencialmente “trágico”) em direção a uma postura de recusa, de resignação e cinismo (BAGULEY, 1990, p. 120).

O naturalismo cômico ou de desilusão se apresenta como uma quebra do enredo linear tradicional, podendo dividir-se em três tipos diferentes: o *enredo circular*, que devolve as personagens para a mesma situação inúmeras vezes, mostrando como tal ação é fútil; o *para-enredo*, que se baseia na frustração da personagem de planejar inúmeras ações ou viagens e não conseguir concretizá-las; e o *enredo recorrente*, que mostra a repetição de certo fato ou ato das personagens que não necessariamente tem uma finalidade, sendo apenas algo que as personagens não conseguem deixar de fazer (BAGULEY, 1990).

Distingue-se na crítica ao volume *A alma alheia*, o conto “Caso de adultério”, que possui um destaque diferenciado e se apresenta como o foco de comparações e críticas da obra. O cronista Léo afirma que:

Mas também é incontestável que Machado de Assis terá um continuador e sucessor no moço *conteur*, cujo estilo já é sólido e firme, que estuda e progride, desenvolve-se gradualmente, tendo sempre em vista a lição do mestre cuja obra ele estuda e reproduz com admirável precisão artístico-literária. O ‘Caso de Adultério’ é exemplo frisante e demonstrativo deste acerto.<sup>82</sup>

E João Pacheco, com uma análise conto a conto afirma que:

As suas narrações se desenvolvem numa atmosfera entre irônica e sentimental, a que se ajunta, de vez em quando, uma nota trágica. Se em ‘Cão’ tem acentos dramáticos a revolta de Rufino, numa história que possui um desenvolvimento bem graduado, abrandando-se em ironia o tom com que o contista descreve ‘Mana Mínduca’ à espera do namorado, que encontra doze anos depois, não o reconhece nem é reconhecida. Patente a influência de Machado de Assis em ‘Caso de Adultério’. Bem descritos os tipos de ‘Jerome’. Em ‘Obra Completa’, o conto de maior fôlego do volume, o clima é tenso, desenrolando-se a trama por uma forma um tanto elíptica que, se ora a obscurece, ora lhe dá uma dimensão poética. (PACHECO, 1967, p. 156).

A leitura de Pacheco destaca na obra de Pedro Rabelo traços como a tragicidade e a desilusão, que, como vimos com Baguley (1990), são marcas (nem sempre reconhecidas) da ficção naturalista.

As duas nuances, trágicas e cômicas, do naturalismo de Baguley se manifestam em *A alma alheia*, demonstrando como sua escrita dialogava com o ideal naturalista da época.

<sup>82</sup> *Dom Quixote*, Rio de Janeiro, 26 out. 1895. p. 5 e 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/714178/279>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

Baguley explica que: “A ideia de um romance no qual não se passa nada, que chega a lugar nenhum e que isola a parcela da verdade mais banal, mais estéril, mais perturbadora. (...) Esses textos que subscreveram à ortodoxia da banalidade foram mal apreciados e mal compreendidos” (BAGULEY, 1990. p. 124). Por isso, foram inicialmente mal recebidos pela crítica.

A maior parte dos contos de *A alma alheia* já haviam sido publicados na imprensa e tiveram boa receptividade. As exceções era “Caso de adultério”, “Curiosa” e “Genial ator!”, que eram inéditos. O conto “Cão” concorreu no primeiro concurso literário da *Gazeta de Notícias*.<sup>83</sup> Não ganhou, mas esse fato trouxe alguma visibilidade ao autor. Conta a narrativa da história de Rufino, homem simples e do campo que convive com a mãe moribunda em casa. Um dia, logo cedo, chamam o médico para vê-la e ele procura dar toda assistência que lhe é possível em condições tão precárias como aquelas. Em um dado momento, ao ver que a mãe de Rufino estava piorando, o médico lhe diz que só Deus poderia salvá-la e no mesmo instante o camponês começa a rezar. Porém, seu esforço foi em vão, pois sua mãe falece pouco tempo depois. Em um acesso de fúria, Rufino destrói as imagens religiosas da casa e arranca a imagem de Cristo crucificado da parede.

Ao se observar a imagem sacra impassível diante do sofrimento da personagem, ela torna-se alvo da reação enraivecida de Rufino diante da morte da mãe. Em seguida a imagem é arrastada pelo protagonista para fora da casa, perdendo-se em uma caminhada sem destino, dominado pela raiva, enquanto pragueja contra a imagem sacra, chamando-o de Cão, uma clara referência a um dos modos populares de se nomear o diabo.

Em “Cão!”, o cenário é uma zona rural seca e triste, um quadro do sertão como *locus horribilis*, que aparece no romance naturalista de Rodolfo Teófilo (1863-1932) (FRANÇA & SENA, 2015). O conto foi publicado originalmente na *Gazeta de Notícias*. É uma narrativa sobre as dificuldades e perigos que enfrentam aqueles que vivem isolados ou em áreas remotas, fora do meio urbano. A agonia e morte da tia Mariana são narrados com precisão e distanciamento clínicos. E esta trágica perda da mãe faz com que Rufino perca-se de si mesmo e ignore a sacralidade das imagens e da religião, apontando para o agnosticismo da geração naturalista.

---

<sup>83</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro. 21 mar 1894. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/9615](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/9615)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

“Mana Minduca” já estampara as páginas de *A Semana*, em 1893, com boa aceitação.<sup>84</sup> Conta a história de uma mulher que passou doze anos trancada em casa esperando pelo namorado que viajou para São Paulo para se formar como bacharel de direito. Certo dia recebe uma carta de seu amado avisando que voltava. Mana Minduca durante todo o dia se perde em lembranças de como conheceu o amado e em planos para o futuro casamento. Ao perceber que estava quase na hora do encontro, decide abrir todas as janelas da casa e ir se arrumar. Fica à janela esperando até que vê um homem estranho andando por ali com cara de quem está procurando algo. Ele pergunta se aquela é a casa de do Sr. Vianna de Barros e ela responde que sim, então ele pergunta se ali vive uma filha solteira dele a que ela responder ser ela mesma, mas sem entender por que aquele homem fazia tantas perguntas. Ele a encara, pede desculpas e vai embora com pressa, deixando Mana Minduca debruçada na janela à espera de seu amado.

Esta narrativa é um bom exemplo do naturalismo de desilusão, do enredo circular sugerido por Baguley. Ao se observar que a personagem não transpõe este local de reclusão e imobilidade, em que nada de útil ou produtivo é feito, Mana Minduca apenas existe em sua casa e chora pela falta do namorado, sem nenhuma motivação ou anseio de mudança, mas doze anos de lágrimas envelhecem mais do que sair e viver. Fica evidente que a protagonista não percebeu que aquele era o homem que ela estava esperando. Também se faz nítido que a percepção da passagem de tempo se mostra mais arrastado que nos outros contos, enfatizando o caráter vazio dessa narrativa sobre o nada.

Não é que nada aconteça nesses romances; é que não acontece o que se esperava fosse acontecer. (...) O irônico relógio naturalista, sempre presente, continua batendo, pois tudo o que essencialmente acontece nesse mundo naturalista “cômico”, no qual o hábito sempre prevalece, é a passagem do tempo. (...) A mesmice e o tédio da experiência humana são uma característica marcante da visão naturalista de mundo (BAGULEY, 1990, p. 138).

Em 1894, “A Barricada” venceu por voto do júri um concurso de contos promovido pela *Gazeta de Notícias*.<sup>85</sup> Era, por isso, popular entre os leitores. Ele se inicia com Mana Adelaide sem conseguir dormir havia três dias por estar preocupada com a saúde cada dia mais frágil de seu irmão, o Dr. Malveiros. Junto dela está D. Lúcia, sua vizinha, que com a voz conselheira e amiga, insiste que Dr. Malveiros possui uma fortuna escondida e a

<sup>84</sup> *A Semana*, Rio de Janeiro. 9 dez 1893. p. 4 e 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/383422/1481>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>85</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro. 18 set 1894. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/10499](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/10499)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

aconselha a procurar bem onde o irmão poderia tê-la escondido. Dr. Malveiros tinha fama na cidade de ganhar muito e gastar pouco, portanto este dinheiro só poderia estar escondido. Mana Adelaide defende o irmão e afirma que ele não lhe ocultaria se tivesse dinheiro e que não se mente à beira da morte. Durante a conversa Dr. Malveiros gemia e murmurava no quarto. A irmã, preocupada, decide ver o que está acontecendo. D. Lúcia vai junto, não por piedade ao doente, mas para conferir com os próprios olhos se ele não tinha mesmo nada a esconder.

Mana Adelaide conta que ele não sai do quarto, não suporta que deixem a luz acesa no quarto e nem que lhe troquem a roupa de cama. D. Lúcia insiste que é importante que ao menos os lençóis de cima sejam trocados e, enquanto isso, puxa o lençol da cama para mover as almofadas do lugar, tentando localizar o esconderijo do acamado. E o encontra, mas disfarça e sugere que ele tome uma sopa quente. Afirma que irão prepará-la agora mesmo e deixam o quarto. Dr. Malveiros ao perceber que elas haviam ido embora pega um maço de dinheiro das almofadas e começa a desgrudá-las e esticá-las sobre as pernas, gemendo e murmurando sem parar. Às vezes ficava alerta por qualquer mínimo ruído parecido com a aproximação das mulheres. Ele as escuta dizerem que viram algo, mas não o quê. Assustado com a possibilidade de terem descoberto seu tesouro, ele se enche de vigor e arrasta os móveis para construir uma barricada na porta do quarto, mas morre durante o processo. Por fim, retorna a voz conselheira e amiga de D. Lúcia que dispensa o caldo e aconselha a amiga a arrecadar tudo antes que apareçam parentes de fora.

Neste conto temos a perspectiva sombria e desiludida aparecendo em um contexto urbano no premiado “A barricada”. Assim como na narrativa de “Cão”, temos as mazelas e a doença acometendo um parente próximo, mas desta vez o moribundo é mais ativo que a mãe de Rufino. É uma história sobre a cobiça, com personagens “baixos” típicos do naturalismo. Descreve outra vez os instantes finais de um moribundo, explicitando a crença naturalista de que depois da morte do corpo físico só havia a “noite profunda e espessa” da não-existência (RABELO, 1974, p. 54).

Nas palavras do autor, o conto é escrito com um “estilo nebuloso, por vezes tateante” (Rabelo, 1974. p. 19), de modo a sugerir uma atmosfera de apreensão e medo (da morte), tradicionalmente associada ao gótico. Como no caso de Rodolfo Teófilo, a perspectiva científica de fundo se valia de convenções góticas para simbolizar experiências de terror, sem implicar a crença no sobrenatural.

O conto “Caso de Adultério” se inicia contando as especulações que as irmãs Machado, duas senhoras irmãs e solteiras, faziam sobre a origem de D. Senhorinha Duarte,

findando em uma briga sem reconciliação. Uma afirmava que ela vinha de Porto Alegre, a outra dizia que vinha de São Paulo, mas ambas estavam erradas. A narrativa prossegue contando a história do nascimento de D. Senhorinha Duarte em Rio Grande e como seu pai ficara nervoso com a trovoadas que ocorreu simultaneamente ao seu nascimento. Prossegue pontuando que D. Senhorinha cresceu, foi ao colégio, teve namorados e casou com Duarte, conferente da mesa de rendas, e juntos se mudaram para a rua do Núncio.

Inicialmente Duarte foi um marido exemplar, ia de casa para o trabalho e do trabalho para casa, mas com o tempo passou a chegar tarde ou nem mesmo voltar para casa. Estava com o ministro, tinha o relatório para fazer, insinua o narrador. O “relatório” morava na rua do Hospício, tinha cabelos castanhos e o pescoço comprido, sorria para Duarte como para tantos outros conferentes, mas Duarte retribuiu-lhe o sorriso. A partir daí passou a “trabalhar” com o ministro para fazer um belo relatório.

A esta altura, o conto apresenta um novo personagem, o Dr. J. Mendes. Promotor e amigo de Duarte do Rio Grande do Sul, que descobriu sobre o “relatório” e conta tudo para D. Senhorinha Duarte. Em seguida o homem declara seu amor a ela. Em resposta ela lhe deixa de joelhos no tapete enquanto o expulsa de sua casa, com relâmpagos nos olhos. Corre para o quarto para chorar sem parar até a manhã seguinte. Duarte chega na manhã seguinte e a encontra ainda chorando, manda chamar um médico e avisa que não o esperem para o jantar.

Senhorinha tem um nascimento tempestuoso e toda a sua história era propícia para a busca de independência. Entretanto, ela se contenta com uma vida pacata e burguesa ao lado do marido, até que a infidelidade dele e a declaração de amor inesperada a tiram de sua centralidade. Desolada, se isola no quarto e chora. Temos em Rabelo uma senhorinha que se contenta com o mediano, que sofre e se frustra. A frustração e não-resolução dos conflitos aproximam o conto do naturalismo desiludido.

Em “Curiosa”, Cocota recebe uma carta de um antigo namorado, o Braga, e precisa escondê-la no seio enquanto almoça, para que seu marido não saiba. Quando o marido finalmente vai embora, ela começa a ler a carta, mas não consegue terminar, pois as irmãs Travassos chegam à casa. Aparentemente a anfitriã as detesta, mas as recebe bem e mantém conversa com elas. As conversas sobre passeios fúteis e casamentos arranjados aumentam o sentimento de frustração da jovem com seu próprio matrimônio e sua revolta contra a forma com que a sociedade se organiza através de contratos para construir as relações interpessoais. No momento em que as irmãs se retiram, a empregada da casa aparece. Ela é a responsável pela forma como toda a história se desenrola para que a carta do pretendente, e o próprio,

chegassem a casa sem serem notados. Ela vem avisar a Cocota que Braga está lá para vê-la e ela decide entregar-se ao amante para se vingar e amenizar sua frustração.

Mais realistas, “Curiosa” e “Caso de adultério” têm como foco o casal heterossexual pequeno burguês e retomam a matéria do tédio sexual e da traição conjugal, centrais na ficção do século XIX desde *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert (1821-1880) – ídolo confesso da geração naturalista e parnasiana. Rabelo atribui a esta mulher o poder de escolha sobre seu próprio corpo e fala sobre o adultério de forma mais discreta do que vemos na obra de Flaubert. Em “Curiosa”, Cocota do Tavares, infeliz no casamento, tem como cúmplice do adultério a manipuladora criada Brígida, em configuração semelhante a Luísa e Juliana, em *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós.

A narrativa intitulada “O Jeromo” apareceu em 1893 no primeiro número do semanário *O Álbum*, editado por Artur Azevedo, e n’*A Cigarra*, em 1895, em fragmento.<sup>86</sup> E se inicia com a descrição de um homem, um condutor de carros de boi chamado Jeromo, que cai de joelhos no meio de uma brincadeira durante a festa de aniversário de Tia Micaela, a dona da casa. Ao ouvir os convidados às gargalhadas gritarem para que Jeromo pagasse a prenda, ele argumenta que só caiu por tentar se ajoelhar rápido demais, por isso, não pagaria a prenda. Os convidados insistem enquanto tia Micaela pede para pararem de fazê-la rir tanto, pois não andava bem do fígado. Margaridinha, filha de tia Micaela, está de joelhos em uma cadeira e grita junto ao coro que ele pague a prenda para não parar o jogo. Enfim, ele paga a prenda com um botão do punho. E a brincadeira prossegue até o amanhecer.

No meio da festa a narrativa descreve Barradas, amigo e administrador da fazenda do barão, e faz uma retrospectiva sobre um convite que Jeromo recebeu do barão, para trabalhar como carreiro de sua fazenda e deixar a fazenda onde trabalhava, e que ele, depois de pensar um pouco, recusou. Argumentou que era apegado à casa, que se criara com os meninos. E Barradas retorna para informar ao barão a recusa do carreiro e difamá-lo, chamando-o de bigorriha (joão-ninguém).

Ao final da festa, Margaridinha pede para que Jeromo retorne no dia seguinte, ele concorda e volta, e no outro dia também, e no seguinte, e no depois desse, sempre sob o olhar cuidadoso e vigilante de tia Micaela. Um dia ao chegar quem o recepciona é tia Micaela, que lhe explica que Margaridinha não estava em casa. Ela foi para a fazenda de Leopoldo (um dos

---

<sup>86</sup> *O Álbum*, Rio de Janeiro. n. 1, s.d. 1893. p. 6; *A Cigarra*, Rio de Janeiro. 13 jun 1895. p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/706841/6>>; <<http://memoria.bn.br/DocReader/749591/46>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

convidados da festa de tia Micaela) para ajudar a família com os preparativos do enterro dele (Leopoldo), que morreu de bexiga (varíola). Era o sexto em uma semana.

Tia Micaela pede para que ele volte no sábado, mas ele não volta. Margaridinha espera por ele desde a sexta-feira à tarde até a tarde de domingo, mas Jeromo não apareceu. Durante a chuvosa tarde de domingo, enquanto espera por Jeromo, Margaridinha vê uma caleça velha e sem toldo, puxada por dois animais, carregando um caixão. Os homens na rua tiravam seus chapéus em respeito ao morto e tia Micaela, que chegava naquele momento, se ajoelhou religiosamente. Na casa vizinha, gritavam: “Coitado do Jeromo!” ou “Reze por ele Siá Dona!”. E Margaridinha nervosa e apoiada à cancela, fica sem se rir, sem chorar.

Em “O Jeromo” temos uma narrativa arrastada que fala sobre os desencontros do casal apaixonado e o horror da morte. É uma narrativa sobre o não-acontecimento, como a proposta em “Mana Minduca” e que reafirma o que foi dito no conto “Cão”. A vida no campo era dura e perigosa. As pessoas morriam como moscas. A morte tinha presença física e não era bonita. No final de “O Jeromo”, quando o corpo do protagonista homônimo passa a caminho do cemitério, todos notam o mau cheiro.

No conto intitulado “Genial ator!”, o penúltimo conto da obra *A alma alheia*, temos a história do Sr. Fabriciano, ator na peça “Vilania de Rei” ou algo próximo a isso que o narrador não se recorda mais. A peça era mais uma obra do elogiadíssimo dramaturgo Borba de Vasconcelos. Conta a história de infidelidade entre a duquesa de Santo Ildefonso com o rei e a vingança do duque de Ildefonso, interpretado pelo Fabriciano, responsável pela grande cena de ira, o grande ápice da peça. Por mais que gritasse e esbravejasse a plenos pulmões, lhe faltava paixão (ódio) para dar a cena o tom adequado. Portanto, todo o elenco foi elogiado e aplaudido, menos o frio duque. Mesmo com muitos treinos em sua casa na rua Riachuelo, o ator não conseguia dar à cena o que os críticos e o dramaturgo esperavam dele. Na cena em questão, o Sr. Duque de Santo Ildefonso branda sua espada, range os dentes, pálido e tremulo de raiva, recita sua enorme fala enquanto maldiz o nome do rei e ameaça sua vida para limpar a própria honra. Infelizmente Fabriciano não era homem de gritos e fúrias e, sim, pacato e conselheiro, por isso, era tão difícil para ele a cena do quinto ato.

O ator decide por fim angariar alguns aplausos para si contratando pessoas para ficarem na plateia ovacionando sua interpretação. Entretanto, o que ocorre é uma série de salva de palmas sonoras, descontextualizadas e sem fim a cada mínima aparição do ator, que se irrita com isso. O rei ao compreender que estas palmas eram uma claque contratada pelo Fabriciano, decide debochar dele, fazendo caretas e fingindo que ele também o estava aplaudindo. Tudo isto enfureceu o ator de tal forma que proporcionou uma interpretação



virtuosa com toda a cólera almejada, sendo aclamado pelo público, pela crítica e pelo dramaturgo. Fora um genial ator!

Neste conto temos um exemplo da ironia e do humor que atribuíram ao autor a alcunha de pastichador de Machado de Assis. Mostra o microcosmo do ator em seus espaços pessoais, o palco do teatro e o seu apartamento. Nada acontece e passa-se mais tempo narrando o entorno estático do protagonista do que falando efetivamente de sua persona ou das consequências de suas ações.

“Obra Completa” foi publicado nas páginas da *Gazeta de Notícias* antes da impressão em livro.<sup>87</sup> O conto foi fracionado em três partes consecutivas e é o maior conto do livro. Conta a história de Turíbio (ou o “22”) que passou doze anos preso por matar o amante de sua esposa (na época) Mathurina. Após anos de clausura ele finalmente é liberto, mas sua sanidade não aparenta mais estar funcional. Ao sair ele está confuso, possui uma aparência cadavérica e não se lembra para onde precisa ir ou se tem alguém para quem voltar. No caminho encontra um homem para quem pede informações sobre a cidade em que vivia, sobre a casa em que morou, sobre as poucas lembranças que tinha.

Aos poucos, durante a conversa com o homem, Turíbio se recorda de sua filha e esta lembrança o motiva a seguir em frente em sua longa jornada e saber notícias da menina. Nesta conversa descobre que não possui mais casa pois, sua ex esposa a incendiou. Sua filha foi morta pelas pessoas da cidade que lhe batiam muito, que a mãe (Mathurina) estava por aí cada dia com um homem diferente e o pai (Turíbio) estava sumido desde então, provavelmente ainda preso.

Infeliz e desamparado, Turíbio vai até o local onde um dia fora sua casa e a encontra incinerada até o ultimo pedaço, como o haviam advertido; então decide partir em busca de um trabalho para se sustentar. Chegando ao cemitério, ele consegue um emprego de coveiro e lá encontra sua ex-mulher (que não o reconhece). Uma noite a vê com um xale preto caminhando entre as lápides, e por um momento acredita que ela busca a cova de sua filha para chorar, mas ao se aproximar, a verdade é revelada: ela chorava aos pés do túmulo do amante. Tomado por um ódio descontrolado, ele a golpeia com força na cabeça e a enterra (viva?) ao lado do amante. Sr. Eduardo (seu chefe) o questiona sobre o paradeiro da mulher e Turíbio lhe responde que ela fugiu com outro homem. E o chefe acredita nele.

---

<sup>87</sup> Obra completa foi publicada em três partes na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro. 9, 10 e 11 set de 1895. p.1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/12679](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/12679)>; <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/12685](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/12685)>; <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_03/12691](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/12691)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

Pedro Rabelo encerra sua obra com uma narrativa essencialmente melancólica, sombria e violenta, cujo núcleo reside na descrição crua e sem julgamento da perda de si, pela qual Turíbio passa após sair da cadeia depois de cumprir pena pelo assassinato do amante da mulher. Ao perceber que sua filha foi abandonada pela ex-mulher e assassinada a socos, ele se transfere do *locus horribilis* da prisão para o *locus horribilis* do cemitério através das largas paisagens interioranas da narrativa, que desmorona conforme o protagonista descobre a verdade. Por fim, ele conclui que a única coisa que lhe resta é ir atrás da ex-mulher para completar “a obra” do título com a enxada, sua ferramenta de trabalho. Turíbio não era um assassino frio e inteligente, mas um pobre lavrador que vira sua vida desmoronar e perdera a razão.

Em “Cão”, “A barricada” e “Obra Completa” temos exemplos da tragicidade naturalista exposta por Baguley (1990):

Então trata-se de investigar o trágico como um padrão tal qual: uma ação centrada na queda (na desgraça) de um protagonista relativamente típico cuja nobreza de caráter arregimenta a simpatia do leitor, uma simpatia que se torna pena, medo ou um sentido de ultraje quando a queda ocorre; a causa da desgraça deve ser algum poder imbatível – algo mais do que mero acidente, oportunidade ou capricho, e o estado no qual o herói “cai” deve ser irremediável, seja ele o irracional, o imoral, o incontrolável, o incompreensível ou o improferível – um estado que ameaça a base da ordem humana (BAGULEY, 1990, p. 99).

Como apontado por Baguley, as histórias personificam uma tragicidade clássica, mas sem a redenção final, nem mesmo com a morte. Trata-se de uma construção realista que é menos apegada a religião e que, mesmo quando se manifesta, é rejeitada pelo próprio protagonista, como em “Cão”, em que os símbolos são literalmente destruídos.

Em “Cão”, “Caso de Adultério” e “Obra Completa” identificamos os perfis de protagonistas viajantes ou andarilhos com destinos trágicos imutáveis em suas respectivas narrativas. “Na ficção naturalista, o personagem derrotado é reduzido a andanças pela rua da cidade, uma andança que simboliza a perda de si” (BAGULEY, 1990, p. 114). Seja nas longas andanças como “Cão” e “Obra Completa” ou na vida errante sem origem e sem final de “Caso de Adultério”, temos personalidades distintas que se perdem de si mesmos e se desequilibram e morrem, para o espanto dos que os cercam.

Em “Caso de Adultério” e “Curiosa”, temos as únicas descrições de protagonismo feminino. A protagonista se permite o adultério como forma de se vingar e aliviar as tensões/frustrações que está sentindo. O adultério e a prostituição eram formas de tematizar a “queda feminina”: “A queda feminina é central na temática naturalista. Poder-se-ia dizer que

o naturalismo explora um mito tão imperioso quanto os explorados nos textos antigos: o mito da sexualidade feminina catastrófica” (BAGULEY, 1990, p. 103). “O Jeromo” mistura a tragicidade e o vaguear do naturalismo trágico, apontados acima, com a narrativa sobre o vazio, sobre o não acontecer, de “Mana Minduca” e “Genial Ator!”.

A matéria dos contos de *A alma alheia* é naturalista na postura agnóstica e na opção por descrever as misérias e fragilidades do ser. Os perigos dos meios urbano e rural, as loucuras individuais, com toques sombrios, violentos e trágicos, somado às bases naturalistas propostas por Baguley, apontam para o quão próximo Pedro Rabelo está do naturalismo. Contudo, Pedro Rabelo parece mais preocupado com o efeito (de terror, desengano ou lástima) causado no leitor pela história bem contada.

#### 4 CASOS ALEGRES E A “LEITURA ALEGRE”

Dentre as obras produzidas pelo autor, há aquelas que podem ser consideradas oficiais, aquelas que receberam sua assinatura, que constam em seu obituário e pelas quais seu nome é mais comumente lembrado. *A alma alheia* é um exemplo desse tipo de obra. *Filhotadas*, *Casos com Pimenta* e *Casos Alegres: Histórias para sorumbáticos* representam outra variedade estilística de Pedro Rabelo, com textos obscenos, assinados como Pierrot, que não objetivam omitir a identidade do autor, mas uma autonomia para uma produção mais leve e humorística, diferente de suas contribuições anteriores, que foram consideradas mais sérias e relevantes para a literatura e que lhe proporcionaram o ingresso na Academia Brasileira de Letras.

*Casos Alegres: Histórias para sorumbáticos* foi chamado de “Leitura Alegre” (ou “Leitura para homens”) e anunciada como um produto que deveria ser escondido para não ofender as damas, mas isso não impedia as mulheres de os ler. A expressão “Leitura Alegre” era um eufemismo de literatura licenciosa, eivada de ares libertinos e que se mostrava como a “moda” direcionada a uma grande gama de leitores, comumente, masculinos. “Os impressos (da Leitura Alegre) eram capazes de fazer acelerar o coração, ou, quem sabe, causar uma ereção e um orgasmo – uma experiência de satisfação física e mental, um refrigério para os rigores da vida em sociedade” (MENDES, 2017, p. 176). Eram livros baratos ou por vezes clandestinos, se o autor não possuísse os contatos certos.

O *Rio Nú* (1898-1916) descreve os efeitos da leitura alegre em uma imagem nas suas páginas ilustradas:

Figura 9 - O Rio Nú, Rio de Janeiro, 24 ago. 1907, p. 4



Fonte: O RIO NU, 1907. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

Segundo o jornal *Rio Nú*, referindo-se à sua “Biblioteca do Solteirão”, mas poderia estar se referindo a leitura alegre de modo geral:

Leitura boa, empolgante, que proporciona ao leitor momentos de verdadeiro prazer e delicia... fazendo desaparecer a tristeza e renascer a alegria ao mais macambuzio mortal. A leitura da Bibliotheca d'O Rio Nú faz rir ás bandeiras despregadas, porque é de facto cheia de hilariante humorismo além de ser maliciosa e... picante, o que quer dizer que a Bibliotheca d'O Rio Nú pode ser chamada por excellencia a Bibliotheca do Solteirão, por serem as suas obras o que melhor tem apparecido no genero malicioso, e proprias portanto, para a leitura reservada, ou seja: Leitura só para homens...<sup>88</sup>

A “leitura alegre” era uma produção literária popular e acessível, que podia ou não ser ilustrada (as obras de Pierrot não possuem ilustrações na parte interna dos livros a que tivemos acesso) e que surgem como uma forma de causar no leitor a experiência de usufruir de sensações reprimidas pelas regras sociais e protocolos recatados a que, principalmente as senhoras, eram submetidas (EL FAR, 2004).

Os jornais exaltavam os autores de “leituras alegres” e anunciavam animadamente suas obras e valores. Era uma escrita acessível, tanto pela quantidade em que era produzida quanto pelos módicos valores cobrados em troca de um exemplar. Pierrot foi um grande contribuidor deste estilo literário crescente e aquém de qualquer um dos gêneros literários reconhecíveis, publicando sozinho três obras alegres.

<sup>88</sup> O *Rio-Nú*, Rio de Janeiro, 27 fev. 1909. p. 8. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/706736/5351>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

*Filhotadas*, o primeiro livro alegre de Pierrot, foi assiduamente divulgado nos jornais cariocas. O principal motivo da divulgação foi sua origem na coluna *O Filhote* da *Gazeta de Notícias*, que fez muito sucesso entre os leitores e do qual foram retirados vários textos para esta publicação. Durante a pesquisa, encontraram-se facilmente notas e anúncios deste livro, principalmente na coluna “Biblioteca do Solteirão”, no jornal *O Rio Nú*. Esta coluna anunciava constantemente os principais títulos de leitura alegre que circulavam pelas livrarias cariocas, principalmente os disponíveis pela livraria Laemmert, editora do livro.

A visibilidade adquirida por ser promovido por uma grande editora certamente influenciava o acesso do público às obras, principalmente quando se soma a esta equação o baixo valor de compra, que poderia, em alguns casos, afetar a qualidade do material utilizado na confecção do livro. Fosse pela circulação de dinheiro que promoviam ou pelo conteúdo obscuro que atraía a atenção do público, as obras alegres movimentaram um importante segmento do mercado livreiro nacional no final do século XIX.

Figura 10 - Nota sobre o aparecimento de *Filhotadas*, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1897, p. 1

Estão publicadas em elegante volume as *Filhotadas*, casos galantes d'O *Filhote*, por *Pierrot*.

O pseudonymo mal encobre antigo colaborador da *Gazeta*. O volume é nitidamente impresso e traz uma bellissima capa, a quatro cores, desenhada por Julião Machado.

Basta esse desenho suggestivo para que se tenha idéa da obra.

Não nos referimos ao que no volume se lê porque, em parte, já o publico o viu no *Filhote*.

A parte ainda não conhecida é porventura demasiado escabrosa. A isso responderá talvez *Pierrot* que não escreveu para meninas que se destinam á primeira communhão.

O livro vai ser com certeza um verdadeiro successo de livraria.

As *Filhotadas* de Pierrot são hoje postas á venda,

Fonte: GAZETA DE NOTÍCIAS, 1897. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

*Casos com Pimenta* e *Casos Alegres* não foram tão divulgados quanto *Filhotadas*. Até o momento, somente foi possível localizar alguns poucos anúncios e resenhas sobre *Casos com Pimenta*, mas não a obra em si. Em contrapartida, foi possível encontrar edições disponíveis em bibliotecas cariocas de *Casos Alegres*, mas não encontramos registros de anúncios e resenhas desta obra nos jornais disponíveis na Hemeroteca.

Há apenas registros em alguns dicionários, como os já mencionados neste trabalho, e anúncios de jornais que mencionam uma delas, raramente as três obras juntas, à exceção da “Bibliografia do Linguajar Brasileiro”, publicada pelo *Jornal do Brasil*, em 1958, que informa no verbete de Pedro Rabelo as três obras licenciosas e não cita o seu pseudônimo e nem as obras anteriores.<sup>89</sup> Posteriormente, em outros trabalhos, será retomada a busca por mais informações sobre estas obras e esta bibliografia.

Figura 11 - O Rio Nu, Rio de Janeiro, 01 set 1900. p. 6.

**Bibliotheca do Solteirão**

**ALBUM DE CALIBAN**, contos alegres por Coelho Netto. 6 fascículos publicados que se vendem separadamente a 1\$300. — É uma edição nitida e de luxo.

**CONTOS PICANTES**, leitura para o inverno. Contos escolhidos de Catulle Mendès, Armand Silvestre, J. Gayda e outros, traduzidos do francez. Ha 12 fascículos publicados que se vendem separadamente a \$300.

**FILHOTADAS**, casos d'O Filhote, por Pierrot. 1 vol. com capa colorida 2\$000.

**CONTOS PARA VELHOS** por Bob. 1 vol. com capa colorida 1\$000.

**NOVELLAS AMOROSAS**. Contos alegres. 1 vol. publicados a 1\$000.

**PIMENTÕES**. Rimas d'O Filhote, por Puff & Puck. 1 bonito vol. com capa ilustrada. 2\$000. Puff & Puck, os distinctos poetas que abrihantaram as columnas do bragoiro Filhote, reuniram neste volume as suas melhores poesias que certamente serão apreciadas pelos amadores, méritamente enfiçadas num livro elegante e bonito como é a presente edição. Quem não Puff & Puck o leitor sabará melhor que nós comprando o bonito volume. O certo é que são dois pandegos que se propuzeram desentregar a cartucha mala tratorcha nestes tempos em que a libra anda pela hora da morte.

**LILL**. Romance realista por Elyzario da Silva 1 vol. 1\$000.

**JORGE DO BARRAL**, por Emmanuel Coutinarias. Romance naturalista. 1 vol. de 321 pags. \$1000.

Estes livros acham-se á venda na  
**Livraria de LAEMMERT & C.**  
RUA DO OUVIDOR 66, RIO DE JANEIRO  
e nas suas filiaes em S. PAULO e RECIFE.

Fonte: O RIO NU, 1900. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

Figura 12 - O Rio Nu, Rio de Janeiro, 27 dez 1905. p.7

**LAEMMERT & C.**  
Rua do Ouvidor, 66 | Rua 15 de Novembro, 32  
RIO DE JANEIRO | S. PAULO  
**BIBLIOTHECA DO SOLTEIRÃO**

ACHAM-SE Á VENDA

**ALBUM DE CALIBAN**, contos alegres por Coelho Netto, 6 fascículos publicados que se vendem separadamente a 1\$300

**CONTOS PICANTES**, leitura para o inverno. Contos escolhidos de CATULLE MENDES, ARMAND SILVESTRE, J. GAYDA e outros, traduzidos do francez. Ha 12 fascículos publicados que se vendem separadamente a \$300

**FILHOTADAS**, casos d'O Filhote, por PIERROT, 1 vol. com capa colorida. . . . . \$500

**PIMENTÕES**, Rimas d'O Filhote, por PUFF & PUCK, 1 bonito volume com capa ilustrada

**JORGE DO BARRAL**, por EMMANUEL GUIMARAES. Romance naturalista. 1 vol de 321 pags. 3\$000

**CASOS COM PIMENTA**. Historias para velhos, por PUFF & PUCK, 1 vol. com uma linda capa e 80 paginas. . . . . 1\$000

**AS MIL E UMA NOITES D'AMOR**. Contos galantes colleccionados á maneira dos contos orientaes (*das mil e uma noites*, por ALPHONSE DEMON. Preço do volume. . . . . 1\$000

**NOVELLAS AMOROSAS**. Rica colleccão de contos alegres. Existem desta Bibliotheca os volumes seguintes: **A GRÊVE DOS MARIDOS**. — **O PREGO**. — **A PULGA**. — **UM BANQUETE**. — Preço de cada um volume 1\$000

**Encyclopedia do Riso e da Galhofa** em prosa e verso, repertorio de anedotas joviaes, nacionaes e estrangeiras por Pafuncio Semicupio Pochincha. 3ª edição; publica-se em fascículos de 64 pags. A obra completa deverá comprehender cerca de 30 fascículos, havendo já 17 fascículos publicados. Preço de cada fascículo \$500. Quem comprar os 17 fascículos de uma só vez, 5\$000.

Fonte: O RIO NU, 1905. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

<sup>89</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 jan 1958. p. 34. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_07/83084](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/83084)>. Acesso em: 10 jul 2018.

Figura 13 - *O Fluminense*, Rio de Janeiro, 1 abr 1903, p. 2

**BIBLIOGRAPHIA**

**Casos com pimenta** — por Pierrot  
Editores: Laemmert & C. 19.2.  
Rio de Janeiro

No dia em que pude ir ver as novidades editadas pela casa Laemmert, no ultimo periodo, nenhum dos empregados me quiz attender. Todos riam e pretextavam um serviço urgente. Afinal não tive remedio sinão incommodar o sr. Gustavo, o adoravel sr. Gustavo e lembrar-lhe *O Fluminense*, de Niteroy. Elle tambem deu uma risadinha e entregou-me um exemplar dos *Casos com pimenta*, desejando-me mil felicidades. Na volta para Niteroy vieram commigo duas irmãs de caridade, virtuosas creaturas que não comem pimenta e eu não tive animo de abrir o livro de Pierrot. Em casa, depois que todos dormiram, depois que ouvi o apito do guarda nocturno que passa as noites na esquina, animei-me então; e em menos de meia hora, as 78 paginas estavam devoradas com ardor febril. Não posso aqui dizer do que trata o livro; e mesmo aconselho aos meus *collegas* que procurem o livro falando baixinho ao adoravel sr. Gustavo, porque elle tem um aspecto respeitavel e ninguém suspeitará do pedido. O livro vale o triplo do preço porque, ao menos, no peor dos casos, sempre nos dá meia duzia de risadas.

Pierrot disfarçou se de tal modo que não pude determinar-lhe o nome apezar de tão raro espirito.

A collecção está bem escolhida e não é mais apimentada do que o *Rio Ná*, *Coio*, *Malho* e outros jornaes alegres que tenho encontrado, a pretexto de *palpites do bicho*, em casas de muito respeitaveis familias.

Os *Casos com pimenta* revelam bem a influencia do gosto francez sobre os nossos costumes, tanto na imprensa periodica como na outra; si a casa Laemmert não desse attenção a essa influencia, outra qualquer a daria; serve o trabalho para aferição dos homens que dirigem o nosso progresso litterario e não sirva de injuria lembrar aqui o nome do meu ominente patricio Coelho Netto a quem cabe grande copia de responsabilidade no realismo que nos afoga. Eu não desejo nem a reimpressão das *Noites de Young* nem dos *Serões do convento*; mas, no meu papel de noticiarista, que está muito longe dos decretos de Taine e de Sarcey, não posso deixar de recommendar aos amantes de novidades litterarias, o interessante volume dos *Casos com pimenta*...

**A. AZAMOR.**

1903—Niteroy.

Fonte: O FLUMINENSE, 1903. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

Em sua resenha (Figura 13) sobre *Casos com Pimenta*, publicada no jornal niteroiense *O Fluminense*, Alfredo Lino Maciel Azamo (1854-1905), pseudônimo A. Azamor, aponta inúmeras características que são atribuídas a leitura alegre. Apesar de não serem citadas características sobre a capa do livro, podemos inferir pela descrição da capa de *Filhotadas* e pela capa de *Casos Alegres* que será apresentada a seguir, o porquê do autor não querer (ou não poder) ler o livro “apimentado” perto de senhoras que não comem pimenta, neste caso, as freiras.

O livro e a leitura alegre são descritos como aquilo que deve ser escondido e aproveitado. Era um veículo de risadas e causador de ardores quando lido sozinho; ao mesmo tempo em que provocava risadas, era mote do receio do indecoro se lido em público. Tais características já são notadas no próprio comportamento dos funcionários que se riem e inventam desculpas para não serem vistos entregando o livro obsceno para o homem da imprensa.



Nesta resenha notamos novamente a exaltação do pseudônimo que (supostamente) camufla a autoria, trazendo liberdade ao estilo e menos julgamento sobre a escrita obscena do autor. Propõe um comparativo entre seu conteúdo e dos jornais alegres, como o já citado *Rio Nú* e *O Malho*, determinando uma equivalência entre eles e o conteúdo literário. E afirmava que se tais jornais podiam ser encontrados em casas de famílias respeitáveis, sob o pretexto de haver ali boas sugestões para o jogo do bicho, *Casos com Pimenta* seria tão aceitável quanto.

E prossegue com o comparativo, afirmando que se trata de um livro na equivalência do famoso *Serões do Convento* (1862), sem lhe atribuir uma alcunha de cópia, colocando assim, a obra de Pierrot no contexto libertino e pornográfico conhecido dos leitores do período (EL FAR, 2004). Afirma que, na pior das hipóteses, ao menos fará rir, característica marcante nas obras de leitura alegre. Demarcava como o gosto francês influenciava os nossos costumes. E propunha também rememorar, não de forma pejorativa, o nome de Coelho Neto, que certamente o influenciou com os seus realismos.

*Casos Alegres* é composta por 18 contos e 8 poemas, e sua capa e adornos foram ilustradas por Julião Félix Machado, com quem Pedro Rabelo já havia trabalhado anteriormente nas outras duas obras alegres e na revista *A Cigarra*, ao lado de Olavo Bilac.

Com o objetivo de alcançar e agradar um público mais plural, os autores optavam pela utilização de desenhos, caricaturas, cores, fotografias e ilustrações, ou a mistura de todas as opções, em seus jornais e livros. Era uma forma de adequar o formato à mensagem, tornando-a potencialmente mais clara e objetiva ou mais chamativa que a concorrência.

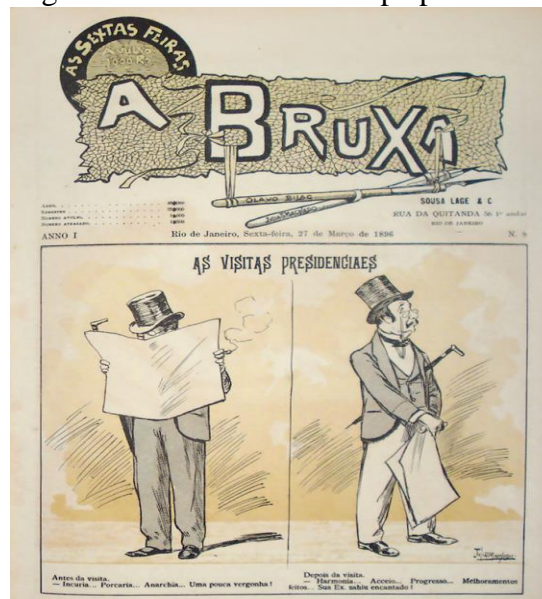
A capa de *Casos Alegres* é considerada uma construção clássica do estilo pelo qual Julião era conhecido. Como descrito por Letícia Pedruzzi Fonseca (2012), na revista eletrônica *Tipo&grafia*, Julião era considerado um artista inovador por construir imagens híbridas que mesclavam vários estilos diferentes. O uso de folhas gelatinosas dava ao cartunista a maleabilidade necessária para fazer o preenchimento da imagem de forma diferenciada. Tantas técnicas diferentes podem ser notadas na capa de *Casos Alegres* e em outros trabalhos semelhantes do autor, como as revistas *A Cigarra* (1895) e *A Bruxa* (1896).

Figura 14 - A Cigarra Nº 13 Capa por Julião Machado



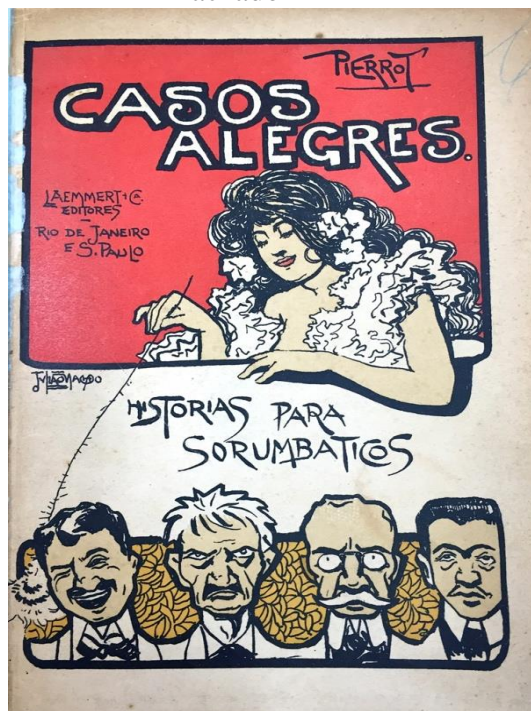
Fonte: A CIGARRA. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

Figura 15 - A Bruxa Nº 8 Capa por Julião Machado



Fonte: A BRUXA. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

Figura 16 - Casos Alegres 1ª edição fotografado no acervo Fundação Casa de Rui Barbosa Capa por Julião Machado



Fonte: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA.

Nestes exemplos, podemos ver como Julião trabalha linhas finas e espaçadas de diversas formas para conseguir melhores efeitos de sombra nas capas das revistas *A Cigarra* (Figura 14) e *A Bruxa* (Figura 15), diferentemente do efeito de luz e sombra que proporciona naturalidade aos cabelos, como nas capas de *A Cigarra* e *Casos Alegres* (Figura 16). Graças ao método escolhido, os espaços que se referem ao cabelo da mulher e os que se referem as vestes se tornam claramente diferenciáveis, na obra de Rabelo.

Outra marca do trabalho de Julião Machado era o preenchimento de fundo das figuras. Na capa da revista *A Cigarra* notamos a coloração vermelha (semelhante a cor de tijolos) solidamente aplicada ao fundo da imagem como uma parede ao sol, no entanto nas vestes da figura masculina a coloração possui uma nuance mais intensa e escura e traços menos retilíneos e uniformes, que conferem um efeito de movimento para a túnica. Também são utilizadas as noções de densidade e movimento no título da revista *A Bruxa* e no mural atrás dos homens sorumbáticos de *Casos Alegres*.

No primeiro (Figura 14), notamos o título coberto por recortes curvos e amarelos semelhantes a uma colcha, em que tiras do tecido (ou fios de linha) se enlaçam ao título e nas canetas com os nomes de Olavo Bilac e Julião Machado, que estão presas por elas; eles são os responsáveis pelas colunas e ilustrações da revista, respectivamente. Logo abaixo, a cor

amarela aparece novamente, porém, distribuída de maneira disforme e em dois tons diferentes. O amarelo mais escuro delimita o espaço referente a parede, enquanto o amarelo mais claro delimita o chão na imagem ilustrada por Julião Machado, bidimensionando-a.

Na Figura 16, um amarelo vibrante e entrecortado foi utilizado para simular um mural atrás dos homens, enfatizando o contraste entre as feições de três homens sorumbáticos em contraste com a face risonha daquele que recebe as cócegas da mulher. Com isso, delimita este espaço como um lugar menos sexualizado (vermelho) do que aquele em que se encontra a figura feminina. É como se cada grupo estivesse em um espaço próprio e distinto entre si (como uma janela, por exemplo), para em seguida se conectarem através da pena. A capacidade de atribuir dimensão as suas ilustrações foi outro diferencial nas obras do ilustrador.

Na capa de *Casos Alegres* notamos a presença de uma mulher voluptuosa ilustrada em um ângulo sensual, talvez uma dançarina francesa, que pode ser lida, no mínimo, como uma mulher chamativa, pois está vestida com um acessório volumoso em torno do pescoço e um decote profundo e revelador. Ela encosta na figura masculina com uma pena longa para que ele saia do estado sorumbático dos outros homens em cena. A imagem indica já na capa a temática humorística desta obra, proporcionando ao leitor uma experiência sensorial que joga com a inocência do ato de uma pessoa fazer cócegas em outra com o erotismo contido neste mesmo ato quando exercido por uma mulher em um homem com uma pena, enfatizado pelo decote da roupa.

Pelas investigações feitas até o momento, *Casos Alegres* era uma obra de baixo custo de produção que resultou em preço baixo (2 mil-réis), o que agradava os consumidores. Outro fator determinante para agradar os leitores era o conteúdo notadamente libertino, ou seja, um título “picante” lançado pela conceituada editora Laemmert (EL FAR, 2004).

Há nestas páginas uma amostra contundente do talento do autor em um texto mais licencioso do que suas obras oficiais. Sua linguagem está mais próxima do imaginário infantil e da permissividade da infância e é utilizada para veicular o conteúdo adulto em jornais e livros da época. Funcionava como se uma criança contasse estes “causos”, mas não os compreendesse realmente, deixando a cargo da mente do adulto interceptar as entrelinhas deste texto, e até mesmo das imagens que dispõe.

Esta literatura libertina falava abertamente sobre sexo e sobre situações em que ele ocorre de forma realista, materialista e franca. O sexo está claramente veiculado no sentido do texto, mas não necessariamente descrito em minúcias ou com o uso de linguagem vulgar (apesar de seu conteúdo ser considerado pornográfico pela sociedade daquela época). Em

*Casos Alegres* encontramos contos curtos e obscenos que evocam sexualidades transgressivas para os padrões do século XIX.

Em “Reparação Devida”, Mathias da Nobrega, rapaz distraído, míope, gago e católico fervoroso é avisado por um amigo sobre uma festa que ocorreria no dia seguinte. A esposa do dono do armazém fará aniversário e haverá uma festa com muita comida e bebida para comemorar. Ao chegar à festa, Mathias se encanta com a mulata que trabalha ali chamada Ritinha. Ele decide cortejá-la discretamente e é correspondido. Mais tarde, ao notar que todos já estavam bem distraídos com a festa e bêbados, ele decide ir atrás da mulher.

Procurando às cegas pela cozinha pelo quarto de dormir dos empregados, ele adentra por uma porta e chama por Ritinha, em resposta ouve roncões prolongados. Decide então por a sua experiência em prática e iniciar o ato sexual. Após algum tempo de carícias fervorosas, o sogro do dono da casa acorda enfurecido e berrando. Envergonhado, trêmulo e gaguejando, Mathias responde que irá reparar sua falta com casamento.

Neste primeiro conto, os adjetivos associados a Mathias não apenas caracterizam-no, mas também potencializam seu mal agouro. A turbidez dos olhos, que resultam na confusão do protagonista entre Ritinha e o sogro do dono do armazém, é causada tanto pelo álcool ingerido quanto pela miopia que, somado ao nervosismo causado pelo coito interrompido, descontrola sua gagueira potencializando a comicidade da narrativa. Por ser descrito como católico fervoroso, espera-se um comportamento casto ou, ao menos, controlado por parte dele. Entretanto, o que ocorre efetivamente é um impulso sexual incontrolável que resulta em um estupro gay geriátrico. Portanto, em tom jocoso, valendo-se da desculpa de um mal-entendido, Pierrot coloca dois homens na cama.

No conto “Recordações de Campanha”, O coronel Azambuja dá um banquete em sua casa, talvez para comemorar os sete anos do fim da Guerra do Paraguai (1864-1870) ou por qualquer outro motivo, com os seus companheiros de luta que ainda estão vivos. Em meio à comida, vinho e lembranças daqueles que se foram, tanto pela guerra quanto pela tísica, estes sobreviventes de guerra decidem falar sobre aquela época para mostrar que ainda guardam tais lembranças bem vívidas na memória, mesmo com o avançar da idade.

Azambuja quase morrera na guerra, pois no delírio da febre, arrancara a sonda colocada pelo médico “ali nos pingentes; no porão da barriga”. Ele foi salvo por uma enfermeira (a mãe do tenente Dioguinho, seu amigo de guerra), que prontamente segurou os “aparelhos” (tanto do coronel quanto o hospitalar) para ajeitá-los. O filho da enfermeira, que estava presente na festa, fica curioso sobre em que momento isso havia ocorrido, e pergunta

se Azambuja estava no sétimo batalhão. Em resposta, o coronel afirma que não estava no sétimo e sim, no quarto fazendo confusão entre o batalhão e o cômodo do hospital.

Neste segundo conto, há a necessidade de assegurar a sua posição hierárquica (proporcional a patente militar) e comprovar para os outros homens que ele (coronel Azambuja) não está senil. A Soma de alta ingestão de vinho e baixa ingestão de comida, fazem com que o coronel não compreenda adequadamente a pergunta do amigo. Como resultado temos uma resposta confusa que causa riso no leitor, sem perder de vista a temática principal da leitura alegre, o sexo, que neste caso, erotiza o espaço hospitalar e a figura da enfermeira. Além de erotizar a figura da mãe do amigo.

Em “Vinho... p'r'o quarto”, um famoso vinicultor e mulherengo, Sr. José, deveria separar as várias marcas de vinho para poder exportá-las. Entretanto, sua mente se ocupava apenas de Joaquininha, a jovem que ele desejava desposar. Enquanto estava perdido em pensamentos sobre a jovem amada, um dos funcionários do Sr. José questiona o que deve ser feito com uma garrafa de vinho virgem, se ela deve ser separada no cesto para a venda nacional ou no quinto para a exportação. Ao longo da narrativa, ao invés de solucionar o destino da garrafa, José acredita que a conversa se refere à pureza de sua amada. Portanto, decide que seu destino (de Joaquininha) não será nem o cesto, nem o quinto, e sim, o quarto.

Neste terceiro conto, as preocupações do Sr. José sobre os boatos de que sua amada não é mais virtuosa o distraem de seu trabalho. Entretanto, isso precisa ser feito mesmo que sem a devida atenção. O comerciante vê os vinhos e a futura esposa como produtos e suas purezas como características que atribuem ou retiram valor desse produto. Ao compreender erroneamente que o empregado já havia provado e atestado a pureza de Joaquininha, o vinicultor anseia por experimentar também. Porém, o funcionário não se referia a mulher, e sim, ao vinho. Esta confusão interpretativa da personagem faz com que o riso se torne automático no leitor, pois esta distração causa um mal-entendido que tem um resultado descontextualizado e cômico.

No conto “A Bisnaga”, durante o período em que aconteciam os ensaios preparatórios para o Carnaval, as filhas dos Trancoso e dos Oliveiras destacavam-se na dedicação em ter os melhores adornos carnavalescos, enquanto esvaziavam as bolsas dos pais. Margaridinha Trancoso, diabrete de doze anos, conversa com Miloca, a filha mais nova dos Oliveiras, gabando-se do mais novo presente que recebera de seu pai: uma bisnaga prateada para o Carnaval. Miloca não compreende o que é uma bisnaga e pede que Margaridinha explique melhor.

A explicação recebida foi que uma bisnaga é um canudinho que você sacode, mira em outrem, aperta e com isso ela esguicha. Miloca então afirma que seu primo Juca tem uma bisnaga também. A Trancoso fica com raiva e não acredita nela. Então, a Oliveira explica que ele tem sim pois, se a bisnaga é um canudo que se pega, aperta e depois esguicha, o primo Juca tem uma que toda noite bota na mão de Mana Mariquinhas.

Neste conto prevalece a fala de crianças soberbas e vaidosas, que se gabam de bens materiais, mas ainda assim são crianças propriamente ditas. Elas não figuram como seres puros ou livres de pecado e sim, como pequenos adultos que compreendem a importância de ter poder aquisitivo e se vangloriar dele e dos bens materiais e adereços de carnaval caros que podem adquirir com ele. Dinheiro e conhecimento tem grande valor na sociedade e elas entendem isso. Entretanto, não fica claro se elas compreendem a relação entre a explicação do que é uma bisnaga proposta por uma com a simulação de masturbação e relação sexual proposta pela outra.

Portanto, o conto possibilita uma dupla leitura. Na primeira temos as duas crianças que não entendem o contexto de sexualidade entre o primo Juca e Mana Mariquinhas, e a “ejaculação” da bisnaga prateada. E, na segunda, temos a disputa entre o poder do conhecimento de Miloca sobre os acontecimentos da vida íntima e adulta da família contra o poder aquisitivo e financeiro de Margaridinha, porém ingênuo.

“A Vaccina” é um conto parecido com “A Bisnaga”. Dona Quitéria, dona de casa ocupada, logo no início da narrativa precisa correr para trocar de roupa para receber a visita das suas “amigas”, as Militão, que já entravam à casa e rapidamente se aboletavam no sofá para reparar na pobreza da mobília. Ao chegar na sala as mulheres se cumprimentam e conversam frivolidades, até que a mais velha das Militão pergunta pelo filho de Dona Quitéria, o Juquinha. Um menino malcriado e respondão de cinco anos, que chega correndo por dentro da casa ao mesmo tempo em que perguntam por ele. Ele é obrigado a cumprimentar as visitas, mas faz desfeitas atrás de desfeitas, envergonhando a mãe que afirma que o mau comportamento não é por falta de palmadas visto que, o garoto apanha com frequência e não adianta nada.

As Militão decidem então, mudar o assunto para o tema vacina e afirmam que suas meninas estão todas vacinadas. Dona Quitéria informa que todos estão vacinados na casa também, mas que a vacina de Mariquinha infelizmente não pegou. Juquinha se intromete na conversa e desmente a mãe aos gritos, deixando-a ainda mais envergonhada. Ele afirma que a vacina que não pegou foi a do doutor da higiene, mas que a vacina que o primo Juca aplicou na perna dela, pegou sim. Inclusive, ele entornou toda a vacina da seringa.

Nos dois contos o autor cria um jogo entre um objeto (a bisnaga e a seringa) associando-o com o pênis e a masturbação masculina. Em ambos há uma ode à sexualidade heterossexual e ao pênis, além de uma ênfase na imagem do espermatozóide derramado e sem função reprodutiva. Também temos o voyeurismo dessas crianças com suas irmãs e primos mais velhos, que são infantilizados pelo uso de apelidos e nomes no diminutivo, e a intimidade familiar sendo publicamente revelada, deixando a cargo do leitor interpretar e rir-se.

No conto “Errata A Tempo”, conhecemos a história do azarado Souza, de quem todos falam, cujas mazelas todos conhecem e lhe enumeram as infelicidades. Ele, entretanto, ignora tudo, não sabe de nada, não nota o que dizem dele. Ou se sabe, finge ignorar muito bem. Se lhe falam de casos de infidelidade de esposas de outros, ele suspira e afirma que deste mal não sofre, pois com a esposa que tem não precisa se preocupar com enfeites na cabeça. A certeza de Souza de que não precisava se preocupar com a infidelidade da esposa contrastava com a certeza dos outros sobre sua frequência e intensidade.

Em um jantar na casa de Palhares, o assunto, homens enganados, surgiu repentinamente. Estavam presentes o Palhares, Figueiredo, Barbosinha e o Souza, o famoso Souza. Em tom irônico, os homens fazem pilheria da falta de preocupação de Souza sobre esse assunto. Afirmam que ele não é tolo, afinal não tem um T na testa. Ao que Barbosinha afirma que não é um T que Souza tem na cabeça e sim, o oposto. Como assim o oposto, indagam os outros. E ele levanta a mão até a testa e faz um sinal com dois dedos, imitando o ornamento dos bovinos e afirmando que ele tem um V na testa, isso sim.

No conto “Errata A Tempo” temos outro “laparoto”(que será melhor explicado em um conto a frente) que parece optar por não ver o que todos já sabem, sua esposa é infiel. A própria existência do conto já ironiza o personagem denominando-o como, um homem azarado. Os amigos de Souza proporcionam uma “errata”, como salientado pelo título, e esclarecem de forma objetiva a indiscutível infidelidade da esposa dele. Pierrot apresenta um conto que ri da figura do “corno manso” e trata do apimentado tema da traição conjugal e da liberdade sexual feminina, comum na literatura do período.

O próximo conto se chama “O Buraco”. Sebastião Nogueira é o responsável do Grande Hotel da Nações Aliadas e é o tipo de homem que não suporta nada fora do lugar. Inúmeras vezes demitiu funcionários que ousassem trocar a correspondência dos moradores. Até que um dia, após demitir mais um empregado por embaralhar as cartas, chega um senhor humilde com uma carta de recomendação na mão. Como o autor da carta era um grande amigo de Sebastião, o homem foi imediatamente contratado para a função recém disponível. Entretanto, logo no dia seguinte, o prédio inteiro ligava para o Sebastião e lhe ofendia nos



corredores pela infâmia de trocar todas as correspondências, designando ao advogado as cartas de amor da jovem senhora do prédio, por exemplo.

Enfurecido, Sebastião vai até o novo funcionário para gritar-lhe que não o mandaria embora por ser indicado do Parreira, mas que se o caso se repetisse ele iria embora. Explicou que cada um tem o seu buraco, inclusive o patrão. E que se tivesse dúvidas era melhor perguntar ao invés de fazer tais confusões. Em resposta o homem diz que compreendeu e que nem via a necessidade de perguntar mais. Caso não entendesse direito em que buraco meter as cartas, bastava meter no buraco do patrão.

Novamente Pierrot traz o imagético de que a vida privada deve ser preservada, as trocas de correspondência, portanto, são incomodadas e invasivas. Temos um cenário raro deste período, o hotel, que foge do lugar comum das narrativas de seus companheiros de tinteiro e evoca a moderna moradia coletiva, que não um cortiço ou vila. Além de sugerir o duplo sentido de “meter no buraco do patrão” que pode ser interpretado como dar trabalho para o patrão ou como colocar as cartas na caixa de correio do patrão ou como a penetração sexual.

No conto “Fazendo Compras”, Seu Antonico, vendedor na Maison Parfumée, apresenta várias peças de fazenda para Chiquinha Breves e sua avó, enquanto tenta passar mais tempo com a moça, sem que a senhora perceba. A senhora durante toda a narrativa reclama do preço das peças, afirmando que o produto do Seu Augusto, um concorrente, era melhor e mais barato. Ela fazia com que o homem buscasse inúmeras peças e trouxesse-as no balcão para serem avaliadas e conferidas uma a uma pela avó.

Seu Antonico, após um longo tempo, muitas críticas e muitos tecidos depois, cansado da avó de Chiquinha, argumenta que a peça dele tem muito mais qualidade e que está barata para o seu padrão. A senhora o interrompe dizendo que as peças do Seu Augusto eram maiores e mais baratas. Se Antonico aceitasse abaixar o preço por essa pecinha, a neta ficava com a peça dele senão, preferia levar a do Seu Augusto que era melhor.

A jovem Chiquinha Breves não tem muita participação ou voz durante a narrativa, ficando a cargo do Seu Antonico e da avó toda a dinâmica. O conto causa uma inquietude no leitor. Pois, ora ele parece falar sobre uma senhora negociando preços de peças de fazenda e tecidos ora parece que a senhora está, na verdade, negociando o “preço” do tempo de sua neta ou o preço da neta em si, seu dote. Como no conto sobre o negociante de vinhos, esta narrativa joga com os preços dos produtos no mercado e os preços do dote das moças. Negociação muito comum no século XIX.

“Sem impedimentos” conta a história de um casamento em que os padrinhos e os convidados estão no cartório esperando os noivos chegarem, mas após horas ninguém

aparece. Os padrinhos, inicialmente, tentam conversar sobre futilidades para passar o tempo, mas a demora dos noivos começa a deixá-los muito irritados e inquietos. De repente, dois carros param na porta do local e dele saltam as famílias dos noivos e os próprios, batendo a poeira das roupas e falando alto.

Os noivos rapidamente seguem para seus lugares e os convidados, padrinhos e familiares fazem o mesmo. Durante a cerimônia, o homem da lei questiona a noiva, uma mocinha portuguesa com sotaque carregado, se ela possuía algum impedimento para o casamento. Ela não entende e pede que o homem lhe explique melhor. Ao ouvir a explicação, ela o encara e responde que tinha impedimentos, mas o primo Candoca tirou-os todos. Por fim, pede que o homem ande logo com o casamento, pois queria se casar rápido. O primo prometeu que se amanhã ela já estivesse casada ele não deixaria de vir visitá-la.

Este conto possui dois momentos: o primeiro é monótono, nada acontece além da descrição das personagens e da sensação de que o leitor está preso ali junto aos padrinhos esperando os ponteiros correrem pelo relógio sem nada acontecer. Trazendo uma sensação próxima do naturalismo em que há a estagnação e a monotonia. O segundo é rápido e desorganizado, com a chegada abrupta dos carros. Esse momento traz as famílias, os noivos, os convidados se acomodando, o ritual do casamento, as informações desconhecidas e o riso. A associação dos impedimentos da noiva com o hímen e a declaração explícita de infidelidade – novamente trazendo o tema do sexo fora do casamento – são os carros chefes para construir a comicidade deste conto de Pierrot.

No conto “Um Homem Digno”, o Sr. Rodrigues, que tinha mania de cantar no chuveiro, estava, entre um trololó e uma ensaboada, felicitando a si mesmo por sua filha se casar com um doutor, um conhecido pescador de noivas ricas, que viera lhe pedir a mão em casamento da filha com a idade mais avançada. Agora ele celebrava sozinho que por fim se livraria da filha e de seu segredo. Filha essa que escorregou na vida, como muitos escorregam. Uns escorregam por cima, em altas camadas; mas ela escorregou por baixo. Culpa de um calçado novo com sola muito escorregadia, dizia Sr Rodrigues.

E ela casou-se, e dançou, e bebeu e se estremeceu pela culpa de não ter contado ao marido sobre seu escorregão. Dr. Nobrega, ao se ver a sós com a esposa, a convida para irem embora e é surpreendido pela confissão dela de que lhe faltava algo. Ele, irritado e trêmulo, entende que ela não possui mais o dinheiro do dote e questiona se é este o caso. Ela responde que possui o dinheiro, mas que não tinha a outra coisa. Ele, aliviado, responde que se tinha dote o resto não importava.

A narrativa faz uma crítica à hipocrisia da sociedade. Ela se aproxima muito do estilo que Pedro Rabelo aplica às suas crônicas. Os pais veem o casamento como contratos em que apresentam seus produtos (as filhas e seus dotes) para o consumo da sociedade. As mais novas valem mais, se forem virgens valem mais ainda. A filha do Sr. Rodrigues, portanto, já era uma mercadoria sem valor por ser velha e “escorregadia”. Em uma alusão tanto a escorregar como cometer um erro, quanto escorregar no sentido de não ser mais virgem. Porém, não podemos esquecer que se trata de uma história alegre, que revela outra vez o ato transgressivo do sexo antes (ou fora) do casamento numa chave humorística.

Em “A Boceta”, Dona Margaridinha é uma senhora muito respeitável que toma rapé, assim como sua amiga e vizinha Dona Cunegundes. A primeira possui duas filhas e a outra possui dois filhos, elas moram em casas geminadas e frequentemente recebem a visita do irmão de Dona Cunegundes, que também toma rapé. Entretanto, ele nunca está com sua boceta de rapé, por isso, sempre se serve da boceta da irmã ou da de Dona Margaridinha.

Os filhos de Margaridinha zombam do Seu Juca pois, está sempre por aí sem a boceta e, quando a tem, está sempre vazia. Ao que ele responde que não anda com a boceta porque não tem o vício. Quando quer, usa a da esposa. Dona Cunegundes pergunta se a esposa dele também toma e ele responde que sim, na família dele todos tomam, mãe, pai, irmã e a esposa. Ele toma um pouco, apenas por recomendação médica, para destampar o buraco. A esposa dele toma muito, e não importa o quanto tome, nunca espirra. Ele mal põe os dedos na boceta e já se espirra todo.

O conto traz uma sequência de duplos sentidos, desde o título até o nome das personagens. Margaridinha, Cunegundes, boceta, tomar, espirrar, destampar o buraco – todas estas palavras possuem uma atribuição sexual e funcionam como uma forma enviesada de falar sobre sexo, incluindo a sugestão de que até Seu Juca “tomava” por recomendação médica, “para destampar o buraco”. O texto descreve as situações de maneira ambígua, colocando Seu Juca em um contexto em que não sabe exatamente com quem ou sobre o que está falando. Além disso, traz para seu enredo o rapé, um tabaco em pó para ser inalado, que tem alguns efeitos semelhantes a cocaína e que podem ser percebidos na própria construção da narrativa que se torna confusa ao longo do tempo. Por exemplo, quando Seu Juca está falando sobre sua família e o costume de usar muito rapé. Neste momento ele está falando com a irmã, mas ele só percebe isso no meio do raciocínio.

“O Laparoto” conta a história do encontro de um casal no meio da noite de quarta-feira de cinzas. Seus olhos se encontraram no dia anterior durante a festa de Carnaval, ele vestido de Pierrot e ela de dançarina. Neste olhar, se compreenderam e se desejaram

mutuamente, porém, ambos são casados. Por isso, ao se encontrarem, permanecem escondidos em um canto mais escuro e deserto da rua para não chamar a atenção e nem causar rumores.

Entre juras de amor à Carlota, o rapaz questiona se ela ama alguém e ela lhe responde que não, nem mesmo o marido. O rapaz, surpreso, pergunta o porquê de tal afirmativa. E ela responde que o marido, de acordo com o Seu Augusto da loja de fazendas, é um “laparoto”. O rapaz reconhece o nome e o comércio citados por Carlota e, curioso, decide acender um fósforo para ver melhor o rosto da mulher. Ela ri, pois já havia reconhecido a voz do marido; enquanto ele se depara com Chinoca, sua esposa, repreendendo-a por não ter avisado que era ela todo o tempo.

Como o título informa, a narrativa conta a história de um “laparoto”, que significa palerma ou tolo. Neste caso, o marido de Chinoca, que não nota a infidelidade explícita da esposa e compreende a ação dela de ir se encontrar tarde da noite com um homem, e mentir o próprio nome, como uma piada dela para ele. E não como uma prova de um comportamento adúltero dela. Assim como também não entende o contexto de infidelidade em que tal apelido lhe foi atribuído pelo homem do comércio de fazendas. Vale destacar também que nenhum dos dois se incomoda em participar (e descobrir) o encontro infiel do outro. Dando a entender que isso seria uma constante na vida deles e que o “não se incomodar” serve como disfarce para que ele não note a liberdade sexual que a esposa tem. Todas estas conclusões ficam, entre uma risada e outra, a cargo do leitor habilidoso de leituras alegres.

O conto “Olhar Penetrante” aborda mais uma vez a traição conjugal. Conta a história do Zé Barbedo, que passava dias fora de casa trabalhando e juntando dinheiro para comprar um sítio e viver sossegado, cuidando de suas terras. Antes de sair novamente, ele nota que o negro Rufino, o jardineiro, andava por perto da casa dele. Muito tempo depois, ao retornar para casa, recebe a notícia de que durante sua ausência havia nascido mais um herdeiro, mas como nasceu em uma noite muito escura, nasceu negro.

O homem preocupado decide perguntar a um médico na cidade vizinha se algo assim era possível. O doutor, para não aumentar a desgraça do homem, no lugar da verdade, diz que é possível sim. Para isso, às vezes, basta um olhar penetrante e já acontece. Daqueles que entram e vão fundo no corpo e na alma. Ao ouvir o que disse o doutor, Barbedo se lembra do Rufino as beiras da sua casa e conclui que foi ele quem olhou para a mulher dele. Então afirma para o doutor que ainda bem que o olhar penetrante foi para ela e não para ele.

Desta vez o “corno manso” é um homem do campo que possui o sonho de comprar suas próprias terras e viver do seu próprio trabalho. Traz em seu enredo a infidelidade

conjugal da esposa e a miscigenação com um homem negro, um tema escandaloso para uma época as beiras da abolição da escravatura. A ingenuidade e a pureza do bom selvagem e do matuto, personagens tradicionalmente associados ao romantismo, é personificada na imagem desde homem simplório que não compreende o duplo sentido proposto pelo médico ao lhe contar sobre o olhar penetrante.

“Ovos... de Pato” narra a história da Senhora Nogueira, viúva, usurária e ranzinza, que dedicou a vida a irritar o marido até ele morrer e inferniza os criados em seguida. Ela tinha certeza que os criados a estavam roubando constantemente. Por isso, ela ia pessoalmente conferir os ovos no galinheiro e, com os próprios dedos, conferia-os um por um antes e depois da postura. Este ritual também servia para que a Senhora determinasse quantos seriam vendidos a preços altíssimos para a vizinhança, com pagamento à vista.

Um dia a criada, já muito velha e tremendo, deixou as aves do galinheiro fugirem. Ao ouvir a algazarra das aves correndo para o matagal, a patroa irritadíssima, esbravejou o quanto pôde e fez a empregada procurar o dia inteiro até trazer todas as aves e todos os ovos de volta. Um por um. Ao final da tarefa, a empregada não pode encontrar todos e a Senhora Nogueira foi com ela ao matagal conferir novamente se a criada não havia escondido nada no local.

Quando foram juntas verificar mais uma vez, depararam-se com dois ovos grandes e escuros e imediatamente mandou a criada buscá-los. A Senhora afirmava serem ovos de pato e a criada não sabia dizer do que eram. Ao conferir-lhes com os próprios dedos um por um, descobriram que não eram de pato e sim do jardineiro da chácara, que descansava ali.

O conto “Ovos... de pato” recorre, como os outros, a mal-entendidos para descrever atividade sexual ou nudez, no caso, aqui, o órgão sexual masculino descoberto que é apalpado por duas mulheres e que não deixa claro o que motivou a nudez.

O conto “Roma... às avessas” narra a noite em que o guarda Zé Fajardo, durante sua ronda noturna, ouve gemidos vindos do meio da mata. Ele se enche de coragem e apruma os ouvidos para identificar que tipo de animal ferido emite estes sons, mas concluiu que não eram gemidos de dor. Decide, então, entrar no mato e verificar o que ocorria, como exigia a farda que estava usando. Foi com medo, mas foi.

Repentinamente se deparou com um casal fazendo sexo ali no meio do mato e perguntou o que estavam fazendo e para onde iam. A mulher respondeu que queriam ir para Roma, só que as avessas. O policial não entendeu o que ela quis dizer e pediu que explicasse melhor. Ela então, faz algumas explicações, uma mais enrolada que a anterior, para tentar explicar o trocadilho. Em suma, Roma é amor às avessas, querendo dizer portanto, que queriam ter relações sexuais.

Neste conto temos o voyerismo do policial, inicialmente não intencional, que busca o som estranho no meio do mato como parte de suas obrigações no trabalho. Temos também o mal-entendido, que desta vez é proposital, da mulher que zomba da pergunta do policial. O humor está presente no fato de que, mesmo sendo pegos em flagrante atentado ao pudor, o casal não interrompe o ato sexual e o policial não para de observá-los.

O conto “Professor de Francez” conta a história do Madruga, professor de francês com boa fama, mas que se aproveita da sua posição de educador para cultivar aventuras amorosas variadas com as senhoras dos outros. A mais recente era a esposa do Figueira, homem surdo e míope que emprestava dinheiro e cobrava juros em troca. A mulher considerava o marido, o Figueira, como um exemplar ideal. Principalmente, por não fazer perguntas e cobranças sobre a paternidade dos filhos que mal vê.

Madruga era o professor de francês do filho mais velho do Figueira e este rapaz, um dia, afirma que já sabe falar francês. O professor sem entender o que ele quer dizer, pede que ele explique melhor. Em resposta, o menino bate no próprio bolso fazendo ressoar o som do dinheiro que trazia. O professor continua sem entender. Por isso, o aluno conta que ouviu o professor dizer para a mãe dele no dia anterior que o pai precisava pagar a casa, mas quem tinha dinheiro “por falar francês” era o Madruga.

O conto é mais um que trata do apimentado tema da traição conjugal. Assim como no conto “A Vacina”, temos uma criança esperta e levada que expõe a atividade sexual dos adultos, no caso, os encontros sexuais do professor com a mãe sua mãe. Trata-se de um conto que explora a temática do francês como a língua dos amantes e que também pode ser interpretado como uma alusão ao sexo oral na mulher através da forma como se deu o uso da expressão “falar francês” no conto.

“Filhos por Carta” é o último conto do livro. Nele encontramos o senhor Manoel, aos pulos de alegria, indo contar ao Zé de Souza, que estava na porta de sua loja lendo o jornal *O Coió*, que recebeu mais uma carta da esposa que está em Portugal. Nessa carta a esposa de Manoel informa que nasceu mais um filho dele e que já está até batizado. Zé de Souza, surpreso, questiona Manoel sobre a quanto tempo ele está no Brasil, tendo como resposta cinco anos.

O Zé não entende como, estando há cinco anos longe de casa, Manoel pode ter filhos nascendo todo ano em Portugal. Por isso, questiona se o homem não desconfia de que a esposa do amigo seja infiel. Manoel afirma que não desconfia e nem tem porquê. Ele lhe explica que todo mês escreve cartas para a esposa. E nelas ele põe a saudade, os beijos e tudo

mais, tudo de dentro dele para dentro da carta, e esta leva tudo para Portugal, para dentro da esposa. E é assim que nascem os seus filhos. Afinal, homem não é de ferro.

Neste conto vemos retratado o português no Brasil e esta figura do colonizador é representado como um ser burro ou ingênuo, dando a entender que esta seja uma característica inerente de alguns homens independentemente de sua nacionalidade. Temos o retorno de alguns temas apresentados no livro como o esperma derramado e a revelação da intimidade familiar. Neste caso, intercontinental.

Como nos contos “Errata A Tempo”, “O Laparoto” e “Olhar Penetrante”, a personagem do marido traído não consegue ou não quer entender a infidelidade conjugal explicitada na narrativa. Ao passo que a esposa “não faz alarde” sobre o comportamento sexual ativo que tem, tratando com naturalidade a infidelidade que o marido não nota. E caso houvesse alguma dúvida sobre a relação do conteúdo da obra *Casos Alegres* e a leitura alegre, e as produções pornográficas do século XIX, Pierrot fecha o livro e derruba todas estas dúvidas ao chão ao citar o jornal satírico e obsceno *O Coiô* (1901-1902) (AZEVEDO, 2015), no conto que fecha a obra.

A análise dos contos de *Casos Alegres*, além de apresentar na prática exemplos de “leituras alegres”, também reforça a presença de nuances naturalistas observadas nas outras obras literárias e jornalísticas do autor. Especialmente ao trazer enredos centrados no núcleo familiar, ou interno das casas, sem que haja nenhuma mudança nestes enredos, pintando-os de forma cíclica. Ao dar ênfase no corpo físico e no sexo, Pedro Rabelo/Pierrot transgride o fazer literário esperado pelos críticos do século XIX enquanto expõe a atividade sexual das personagens, a propagação de conteúdo sexual narrado por crianças e a construção de narrativas com conteúdo sexual com personagens idosas. Portanto, cada uma de suas produções, seja assinando com seu nome real ou com seu pseudônimo reforça, à sua própria maneira, o materialismo da produção do autor.

## CONCLUSÃO

O ingresso do jovem Pedro Rabelo para o grupo de jornalistas da *Gazeta de Notícias* foi essencial para trazer ao alcance do autor os contatos, amizades e reconhecimentos necessários para produzir literatura no Rio de Janeiro no final do século XIX. Ele pertencia à geração dos novos autores e era reconhecido como pertencente ao grupo “Estado Maior”, encabeçado por Olavo Bilac, seu amigo, e composto por tantos outros autores de renome que deixaram seus nomes na história da literatura brasileira.

Pedro Rabelo contava com a simpatia de Coelho Neto, que, como Bilac, já possuía fama nacional já na década de 1890, e de Arthur Azevedo, um de seus principais divulgadores. Esses escritores asseguraram sua participação e ingresso nas principais rodas de debates, oportunidades de trabalho melhores e uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Era a época da campanha abolicionista e das batalhas pela república. A juventude boêmia se agrupava em torno dos jornais. O aumento no número de impressos ampliava as oportunidades de trabalho para jovens escritores cultos sem fortuna, como Pedro Rabelo. Os jornais se especializam e diversificam seus conteúdos e seus colaboradores.

Na coluna “Notas científicas”, já na década de 1890, Pedro Rabelo era remunerado para se informar sobre as novidades científicas e depois vulgarizá-las para o leitor da *Gazeta de Notícias*, sem perder de vista as aplicações práticas para o contexto brasileiro. O escritor instigava os leitores a buscar mais informações sobre os progressos tecnológicos que fervilhavam nos periódicos nacionais e internacionais. Estes avanços científicos viabilizam a produção nacional em grande escala tornando-a, enfim, possível.

A publicação de *A alma alheia* pelo selo da Casa Mont’Alverne, possivelmente possibilitada por sua bem quista e vasta produção jornalística para a *Gazeta de Notícias* e cuja história está interligada a da tipografia, auxiliou o autor a inserir mais facilmente sua obra no circuito editorial carioca. A inclusão de *A alma alheia* entre os destaques de 1895, confirma a boa relação que Rabelo tinha com o escritor Valentim Magalhães, outro fundador da ABL, diretor de periódicos e crítico de respeito. Mesmo assim, só (e ironicamente) sua escrita licenciosa foi publicada por uma livraria com selo de prestígio: a Laemmert.

Durante a pesquisa não foi localizado registro do autor em que reivindicasse ou negasse a alcunha de naturalista para si, mas sua breve trajetória como cronista, contista e poeta (incluindo os versos licenciosos de Pierrot) revela o fundamento moderno, materialista e científico de sua escrita. Por explorar em suas obras potencialidades (trágicas e cômicas) de



uma era industrial e científica, que revelava novas leis inexoráveis da condição humana (BAGULEY, 1990) obtemos argumentos para chamar Pedro Rabelo de escritor naturalista. Os escritores contemporâneos perceberam sua obra dessa forma e atribuíram a ela esta nomenclatura, por isso a conclusão de que ele era naturalista não é forçada nem anacrônica.

Por fim, temos a produção de “leitura alegre” como um dos fatores que causou um grande crescimento no mercado editorial, tornando real o ideal almejado por jovens escritores: poder se sustentar com seus ganhos com produção literária. *Casos Alegres: Histórias para sorumbáticos*, produto que deveria ser escondido para não ofender as damas, mas isso não impedia as mulheres de o ler.

Esses livros eram baratos, fáceis de achar e ajudaram a popularizar a leitura no período. O escritor optou por esta assinatura carregada da ingenuidade que a personagem Pierrot possui, e também a escrita com temática sexual, passando pela mulher provocante da capa com suas plumas e penas.

Com um público leitor ávido por novidades nacionais e internacionais a produção literária brasileira vê diante de si uma oportunidade de crescimento nunca vista antes, e extremamente lucrativa. Some-se a isso a fundação da Academia Brasileira de Letras e uma fuga dos padrões sociais excludentes, que limitavam o crescimento intelectual e a possibilidade de remuneração a duas opções: carreira diplomática ou carreira médica.

Pedro Rabelo se distanciou o quanto pôde dos destinos predeterminados de falência do escritor através de sua sólida carreira em cargo público, o que garantiu o sustento de sua família após sua morte. Concomitantemente dedicou-se à produção jornalística e literária. Ele tinha talento, cultura e rede de relações e apoio mútuo indispensáveis para uma carreira artística de sucesso. Mesmo assim, foi esquecido.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Natanael Duarte. *Trajetórias pornográficas – O Riso pronto para o ataque: uma história dos jornais eróticos brasileiros*. Tese (Doutorado em Letras). João Pessoa: UFPB, 2015.
- ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando eu era vivo: memórias 1867 a 1934*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942.
- BAGULEY, David. *Naturalist fiction: the entropic vision*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- BANDEIRA, Manuel e CAVALHEIRO, Edgard. *Obras primas da Lírica Brasileira*. São Paulo: Liv. Martins, 1957.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- COELHO, Jacinto do Prado (dir). *Dicionário de literatura* (vol 2). Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Publicações, 1969.
- COUTO, Fernando Marcílio Lopes (org). *Antologia de contos realistas*. São Paulo: Lazuli Editora, 2012.
- COUTINHO, Afranio (dir). *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global Editora, 2001.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 – 1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ERMAKOFF, George (org). *Dicionário biográfico ilustrado de personalidades da história do Brasil*. Rio de Janeiro, 2012.
- FRANÇA, Júlio; SENA, Marina. *O gótico-naturalismo em Rodolfo Teófilo*. Soletras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 30, 2015, p. 23-38.
- LUFT, Celso Pedro; BARBOSA, Francisco de Assis; PEREIRA, Manuel da Cunha (rev.). *Minidicionário LUFT*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- MACHADO, Ubiratan. *Pedro Rabelo: cadeira 30, ocupante 1*. Rio de Janeiro: ABL, 2009.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Seleção de contos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.
- MARTINS, Guilherme Guimarães. *Vulgarização e triunfo das ciências: A imprensa científica na segunda metade do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2017.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MENDES, Leonardo; DIAS, Riane. *Pedro Rabelo, escritor naturalista*. Revista SOLETRAS, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 34, jul. 2017, p. 285-311.

MENDES, Leonardo. *As qualidades da incorreção: o romance naturalista no Brasil*. In: MELLO, Celina Maria Moreira; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (Orgs.). *Crítica e movimentos estéticos: configurações narrativas do campo literário*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p.137-165.

\_\_\_\_\_. *Júlio Ribeiro, o naturalismo e a dessacralização da literatura*. Pensares em revista, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 4, jul. 2014, p. 26-42.

\_\_\_\_\_. *O livro pornográfico na Belle Époque: a década de 1890 e a invenção da “leitura alegre”*. In: NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa (Orgs.). *Belle Époque: crítica, arte e cultura*. São Paulo: Ed. Intermeios, 2016a, p. 303-320.

\_\_\_\_\_. *Livros para Homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX*. Cadernos do IL, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 53, dez. 2016b, p. 173-191.

\_\_\_\_\_. *Histórias para sorumbáticos: Pedro Rabelo e a literatura licenciosa na Belle Époque*. In: NEGREIROS, Carmen; OLIVEIRA, Fátima; CHAUVIN, Jean Pierre; GENS, Rosa (Orgs.). *Belle Époque: Efeitos e significações*. Rio de Janeiro: Série E-books ABRALIC, 2018, p. 90-109.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1978.

MOISES, Massaud. *História da Literatura Brasileira – Vol II – Realismo e Simbolismo*. 5ª Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

OLIVEIRA, Diogo de Castro. *Onosarquistas e patafísicos: a boemia literária no Rio de Janeiro fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PACHECO, João. *A literatura brasileira: o realismo*. São Paulo: Cultrix, 1967.

PEIXOTO, Afrânio. *Arte Poética*. São Paulo: Editora Nova Era, 1925.

PEREIRA, Leonardo Affonso. *Literatura e história social: a geração boêmia no Rio de Janeiro do fim do Império*. História Social, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 29-64, 1994.

PIERROT [Pedro Rabelo]. *Filhotadas: casos d’O Filhote*. Rio de Janeiro: Laemmert & C, 1897.

\_\_\_\_\_. [Pedro Rabelo]. *Casos com pimenta: Histórias para velhos*. Rio de Janeiro: Laemmert & C, 1902.

\_\_\_\_\_. [Pedro Rabelo]. *Casos Alegres: Histórias para gente sorumbática*. Rio de Janeiro: Laemmert & C, 1905.

RABELO, Pedro. *A alma alheia*. Rio de Janeiro: Casa Mont'Alverne, 1895.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do Parnaso: estudo da poesia de Olavo Bilac em periódicos de 1894 a 1904*. São Paulo: Unesp, 2007.

BASTOS TIGRE, Manoel. *Reminiscências; a alegre roda da Colombo e algumas tempo de antigamente*. Brasília, Thesaurus, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VERGARA, Moema de Rezende. *Ensaio sobre o termo "vulgarização científica" no Brasil do século XIX*. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 137-145, jul – dez 2008.

VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira (1916)*, 2ª ed. Rio de Janeiro/Paris: Francisco Alves & Companhia./Aillaud & Bertrand, 1929.

\_\_\_\_\_. *A alma alheia, contos por Pedro Rabelo*. In: Revista Brasileira, Rio de Janeiro, tomo IV, out.-dez. 1895, p. 250-253. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 12 out. 2017.

### **Periódicos:**

Almanak Gazeta de Notícias: Contendo muitos artigos de interesse geral e uma parte Literária e Recreativa. Rio de Janeiro: [s.n.], 1880-1911.

A Cigarra: Hebdomadario. Rio de Janeiro: [s.n.], 1895.

A Estação: Jornal Ilustrado para a Família. Rio de Janeiro: [s.n.], 1879-1904.

A Federação: Orgam do Partido Republicano. Porto Alegre: [s.n.], 1884-1937.

A Notícia. Rio de Janeiro: [s.n.], 1894-1916.

A Semana: Volume I. Rio de Janeiro: [s.n.], 1885-1895.

Diário do Maranhão. São Luís do Maranhão: [s.n.], 1855-1911.

Don Quixote: Jornal Ilustrado de Angelo Agostini. Rio de Janeiro: [s.n.], 1895-1903.

Gazeta da Tarde. Rio de Janeiro: [s.n.], 1880-1901.

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro: [s.n.], 1875-1956.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: [s.n.], 1890-2018.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro: [s.n.], 1829-2013.

Jornal de Recife. Recife: [s.n.], 1858-1938.

O Album: Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. Rio de Janeiro: [s.n], 1893-1894.

O Commercio. Rio de Janeiro: [s.n], 1898.

O Malho: Semanário Humorístico, Artístico e Literário. Rio de Janeiro: [s.n.], 1902-1953.

O Paiz. Rio de Janeiro: [s.n], 1884-1934.

O Rio Nú. Rio de Janeiro: [s.n.], 1898-1916.

Revista Brasileira. Rio de Janeiro: [s.n.], 1861-1979.

### **Conferências:**

FILHO, Alberto Venâncio. Ciclo de Conferências: Origens da Academia, 13, 2004, Rio de Janeiro. *Lúcio de Mendonça, fundador da ABL*. Rio de Janeiro: ABL, 2004. 8-57 p.

PEIXOTO, Afranio. Rio de Janeiro. Anais da Biblioteca Nacional, 38, 1916, Rio de Janeiro. *Aspectos do "HUMOUR" na literatura nacional*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1914. Vol 38, 46-64 p.

### **Sites:**

<http://www.academia.org.br>

<http://www.elsonfroes.com.br>

<http://memoria.bn.br/>

<http://www.machadodeassis.org.br>